

LUCIANA MERCÊS RIBEIRO SANTOS

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840 - 1914):
o linguista em seu tempo



ARARAQUARA – SP

2016

LUCIANA MERCÊS RIBEIRO SANTOS

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840 - 1914):
o linguista em seu tempo

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras — Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CNPq — Processo 141890/2012-6

ARARAQUARA — SP
2016

Santos, Luciana Mercês Ribeiro

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840 - 1914): o
linguista em seu tempo / Luciana Mercês Ribeiro
Santos - 2016

172 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Gonçalves Viana. 4.
Historiografia. 5. Biografia. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUCIANA MERCÊS RIBEIRO SANTOS

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840 - 1914):

o linguista em seu tempo

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras — UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CNPq — Processo 141890/2012-6

Data da defesa: 08/04/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Universidade Estadual Paulista (UNESP — Campus de Araraquara)

Membro Titular: Profa. Dra. Maíra Sueco Maegava Córdula

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM — Uberaba, MG)

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Mercedes Saraiva Hackerott

Universidade Presbiteriana Mackenzie — São Paulo

Membro Titular: Profa. Dra. Alessandra Del Ré

Universidade Estadual Paulista (UNESP — Campus de Araraquara)

Membro Titular: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Universidade Estadual Paulista (UNESP — Campus de Araraquara)

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente ajudaram na concretização deste sonho. Primeiro a DEUS (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) e Maria pela presença constante e infalível.

Aos familiares e amigos. Principalmente aos meus pais que, não alcançando níveis superiores de estudos, confiaram-nos honrosamente a mim.

Agradeço ao meu amado esposo, Henry Slis Raggio Santos, pela temperança e demais tesouros do seu admirável coração.

Agradeço ao meu orientador, sempre genial! Simples e paciente, desde a Iniciação Científica. Foi, sem dúvida, a pessoa mais preparada para orientar uma pesquisa de doutorado sobre o ilustre foneticista Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Aqui vai, mais uma vez, a minha mais sincera admiração e respeito.

Agradeço ao casal Zélia e Luís Martin, sua filha Teresa, e aos demais amigos de oração.

Agradeço aos portugueses e outras pessoas envolvidas na pesquisa. Aos componentes da banca de qualificação e defesa desta tese.

Ao CNPq, sem o qual este trabalho jamais poderia ter sido realizado.

[...] ensinava as multidões. Quando acabou de falar, disse a Simão: “Avança para águas mais profundas e lançai vossas redes para a pesca”. Simão respondeu: “Mestre, nós trabalhamos a noite inteira e nada pescamos. Mas, em atenção à tua palavra, vou lançar as redes”. §Assim fizeram, e apanharam tamanha quantidade de peixes, que as redes se rompiam. Então fizeram sinal aos companheiros da outra barca, para que viessem ajudá-los. Eles vieram, e encheram as duas barcas, a ponto de quase afundarem...

(Evangelho de S. Lucas 5, 3-7)

It gives me great pleasure to find that the subject has been taken up by a native phonetician so thoroughly well qualified as **Mr Vianna** evidently is. I only wish his paper had been published two years ago: it would have saved me an enormous amount of drudgery and groping in the dark [...] His paper into much fuller than mine... that it is quite impossible for me to do justice to it, except by earnestly **recommending it to all phoneticians...** [...] (Henry SWEET, 1913).

Uma história da linguística deveria concentrar sua atenção na Europa do século XIX até nossos dias incluindo, naturalmente, a América como uma extensão da cultura europeia e, entrementes, outros países não-europeus que assumiram os principais traços e tendências do pensamento científico dominante (CÂMARA Jr., 1975, p.20).

Honrar um pensador não é elogiá-lo, nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, dessa forma, vivo, e demonstrando, em ato, que ele desafia o tempo e mantém sua relevância. (CASTORIADIS, 1982, p.39).

RESUMO

Esta tese é um estudo historiográfico sobre Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914). O objetivo principal deste trabalho é analisar as ideias linguísticas do foneticista por meio de investigação biográfica e bibliográfica (biobibliográfica) e das seguintes obras de fonética e de fonologia do autor: *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883) e a *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros* (1892). Essas obras reúnem a descrição dialetal minuciosa do português do eixo Lisboa-Coimbra do século XIX. Este estudo dialetal de A. R. Gonçalves Viana utilizou o método da incipiente Fonética europeia do século XIX. Nesta tese, aspectos históricos sobre a situação social portuguesa desse século e a vida do autor foram investigados em Portugal. Essas considerações históricas e biográficas contribuíram para a compreensão do pensamento linguístico de A. R. Gonçalves Viana. Traduzimos a obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) para o português e inserimos cartas inéditas do autor na parte biográfica desta tese. Esta pesquisa é de natureza descritivo-interpretativa, circunscrita na disciplina da Historiografia Linguística (Koerner (2014; 1995); Swiggers (1997)). Nesta tese buscou-se contribuir com estudos para a história da fonética, da fonologia e da Historiografia da Língua Portuguesa. A motivação deste estudo foi devida à observação da pouca quantidade de trabalhos acadêmicos (detalhados) sobre A. R. Gonçalves Viana, principalmente em relação às obras de fonética e de fonologia. Assim, esta pesquisa buscou contribuir com estudos historiográficos atualizando a discussão acerca da importância de A. R. Gonçalves Viana aos estudos linguísticos.

Palavras – chave: Fonética. Fonologia. Biografia. Historiografia. Linguística. Gonçalves Viana.

ABSTRACT

This thesis is a historiographical study about Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914). The main objective of this study is to analyze the phonetician's linguistic ideas through biographical and bibliographical (biobibliographical) research with the author's phonetic and phonological works, in particular with reference to: *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883) and *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros* (1892). These works bring together the detailed description of the Portuguese dialect of the Lisbon-Coimbra axis at the end of the nineteenth century. These dialectal studies of A. R. Gonçalves Viana were based on using the methods of the incipient European nineteenth century Phonetics. In this thesis, historical aspects about the social situation of that century and the author's life were well investigated in Portugal. These historical and geographical considerations aimed to contribute to the understanding of the linguistic thinking of A. R. Gonçalves Viana. I have translated *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) into Portuguese and I have inserted unpublished letters of the author in the biographical part of the text. The thesis is a descriptive-interpretative research, circumscribed in the area of the Historiography of Linguistics (Koerner 2014, 1995; Swiggers, 1997). It aimed to contribute to the history of Phonetics, Phonology and Historiography of the Portuguese language studies. The motivation of this study was due to the observation of a small amount of academic studies on A. R. Gonçalves Viana's phonological and phonetic works, updating his importance in the history of Linguistics and Phonetics.

Keywords: Gonçalves Viana. Phonetics. Phonology. Biography. Historiography. Linguistics.

LISTA DE FOTOS

- Foto 1** — Igrejas positivistas no Brasil. À esquerda, no Rio de Janeiro e, à direita, em Porto Alegre, 53
- Foto 2** — Igreja Nossa Senhora dos Anjos, 63
- Foto 3** — Praça do Comércio (Terreiro do Paço) e Alfândega de Lisboa, 64
- Foto 4** — Registro da nomeação de A. R. Gonçalves Viana como funcionário público da Alfândega de Lisboa, 64
- Foto 5** — Carta de A. R. Gonçalves Viana à Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 67
- Foto 6** — Rua Antonio Ennes, Lisboa, 72
- Foto 7** — Túmulo do pai de A. R. Gonçalves Viana, Epiphanio Aniceto Gonçalves, 73
- Foto 8** — Casa paterna de A. R. Gonçalves Viana, 74

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** — Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914), 58
- Figura 2** — Correspondência de A. R. Gonçalves Viana a Hugo Schuchardt, 68
- Figura 3** — Epiphanio Aniceto Gonçalves (Viana), 71
- Figura 4** — Systema orgânico de vogaes, 120
- Figura 5** — Detalhamento do Systema orgânico de vogaes, 121
- Figura 6** — Descrição das vogais a partir das posições dos órgãos da fala, 122
- Figura 7** — Quadro synóptico das consoantes, 124
- Figura 8** — Pyrámide monogrammática das vogaes, 130
- Figura 9** — Transcrições fonéticas das três primeiras estâncias dos Lusíadas, 149
- Figura 10** — Edição de 1892, 150
- Figura 11** — Pronúncia atual – século XIX, 151
- Figura 12** — Edição de 1572, 152
- Figura 13** — Pronúncia do século XVI, 153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Autobiografia de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, 74

Quadro 2 — Vogais Cardinais IPA (2005), 85

Quadro 3 — Exemplos de vogais e consoantes do inglês a partir do sistema de vogais de Richard Lepsius (1854), 85

Quadro 4 — As três fases do movimento de força muscular para a formação da sílaba, 98

Quadro 5 — Vogais plenas e vogais reduzidas, 103

Quadro 6 — Verbos em *-ar*, 106

Quadro 7 — Detalhamento do alfabeto fonético, 134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 15

1. PARTE PREAMBULAR: ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA, 21

1.1 Pressupostos teórico-metodológicos, 21

1.2 O trabalho com o *corpus* e a tradução da obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883), 22

1.3 Considerações sobre a nossa pesquisa histórica (e por que falar de Idade Média?), 24

1.4 O “clima de opinião” e a Linguística em Portugal no século XIX, 26

1.4.1 A Linguística em Portugal no século XIX e A. R. Gonçalves Viana (1840-1914): o linguista em seu tempo, 33

2. PARTE HISTÓRICA, 38

2.1 Cenário europeu do século XIX, 38

2.1.1 Séculos antecedentes, 41

2.2 O mito da Idade das Trevas, 46

2.3 O Positivismo e a sua repercussão em Portugal, 51

3. PARTE BIOBIBLIOGRÁFICA, 58

3.1 Biobibliografia de A. R. Gonçalves Viana, 58

3.1.1 O percurso desta pesquisa biobibliográfica, 58

3.1.2 Biografias de A. R. Gonçalves Viana, 59

3.1.3 Sobre o percurso pessoal, profissional e científico de A. R. Gonçalves Viana: a nossa biografia, 62

4. ANÁLISE DAS OBRAS DE A. R. GONÇALVES VIANA, 77

4.1 Análise da obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883), 77

4.1.1 A emergência da obra no século XIX e a importância do seu pioneirismo em Portugal, 78

4.1.2 Dificuldades para a leitura atual da obra *Essai de phonétique et de phonologie... (1883)*, 81

4.1.3 A descrição linguística e as características do dialeto de Lisboa em *Essai de phonétique et de phonologie... (1883)*, 86

4.2 Análise da obra *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892), 114

4.2.1 A organização metodológica, 117

4.2.2 Vogais e consoantes, 118

4.2.3 Fenômenos históricos, fonológicos e suprasegmentais, 125

- 4.2.4 Sílabas, vocábulo e pausa, 126
- 4.2.5 Transcrição dos fonemas, 128
- 4.2.6 Metodologia e descrição da pronúncia normal portuguesa, 131
- 4.2.7 Quantidade prosódica, 137
- 4.2.8 Acentuação, 138
- 4.2.9 Acentuação tônica, 138
- 4.2.10 Acentuação pronunciada, 141
- 4.2.11 Acentuação gráfica, 142
- 4.2.12 Considerações sobre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões, 144
- 4.2.13 Transcrições fonéticas das três primeiras estâncias d'Os Lusíadas, 149
- 4.3 Considerações finais, 154**

5 CONCLUSÃO, 156

6 REFERÊNCIAS, 159

6.1 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA, 165

7 APÊNDICE, 173

7.1 APÊNDICE A: Tradução de estudo (para o português) da obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883), 173

7.2 APÊNDICE B: Lista de obras e demais produções intelectuais de A. R. Gonçalves Viana, 242

8 ANEXO, 258

8.1 ANEXO A: Correspondências filológicas de A. R. Gonçalves Viana à Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 258

8.2 ANEXO B: Exemplos de correspondências filológicas (fonéticas e fonológicas) de A. R. Gonçalves Viana a Hugo Schuchardt, 275

8.3 ANEXO C: Registro Geral de Mercês. Nomeação de A. R. Gonçalves Viana como funcionário da Alfândega de Lisboa, 277

INTRODUÇÃO

Objetivamos, nesta pesquisa, realizar o estudo historiográfico de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914)¹ com base em dados biobibliográficos, ou seja, em suas obras e dados biográficos.

Essa investigação é de natureza descritivo-interpretativa, fundamentada em Koerner (2014; 1995) e Swiggers (1997), para quem a Historiografia Linguística é a disciplina que descreve e explica como se adquiriu, formulou, transmitiu e desenvolveu o conhecimento linguístico no decorrer temporal (SWIGGERS, 1990, p. 21).

Ao lado dessa abordagem teórico-metodológica, outros estudiosos foram consultados neste estudo, a fim de precisar, o quanto possível, a nossa visão sobre o contexto histórico português e europeu (P. Rossi, D. Birmingham, F. R. R. Évora, H-D. Rops etc.); o contexto linguístico (E. Sievers, J. L. de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, D. Abercrombie, M. H. M. Mateus etc.) e o contexto filosófico (T. S. Kuhn, E. Durkheim, G. Reale, D. Antiseri etc.), o que contribuiu duplamente com a pesquisa: primeiro, contribuiu ao refinamento das análises dos dados biobibliográficos de A. R. Gonçalves; segundo, ao entendimento epistemológico e cultural do século XIX.

Com essas leituras mais detalhadas procuramos, ainda, nesta pesquisa, formalizar o pensamento linguístico do foneticista, ou seja, compreendê-lo como um linguista em seu tempo (e espaço), identificando em suas ideias e procedimentos científicos aqueles próprios da ciência do século XIX.

A relevância da nossa pesquisa se justifica em dois aspectos fundamentais: a) quanto à qualidade e à importância das pesquisas do autor aos estudos linguísticos, que ainda hoje representam um campo aberto à pesquisa historiográfica, portanto contribuímos com mais um capítulo; e b) quanto à análise inédita de suas obras (fonéticas e fonológicas), aliada ao estudo biobibliográfico, e à primeira tradução que fizemos para o português da obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883)².

Para a pesquisa biobibliográfica foi feito o levantamento de todos os trabalhos, pesquisas, obras, cartas e demais materiais de A. R. Gonçalves Viana. Eles foram

¹ Doravante abreviado (A. R. Gonçalves Viana, Gonçalves Viana etc.).

² Doravante abreviado (*Essai de phonétique et de phonologie...* (1883)).

organizados e listados no final deste trabalho. A lista (no Apêndice B) soma 195 materiais, sem contar as cartas (Anexos A e B) e documentos (Anexo C).

A produção intelectual profícua de A. R. Gonçalves Viana, identificada nesses materiais, abrange diversas áreas dos estudos linguísticos: filologia, lexicologia, ortografia, tradução, ensino etc. E foi graças a esses estudos que o autor projetou-se entre os grandes linguistas europeus do século XIX (como Henry Sweet, Hugo Schuchardt, Gaston Paris, o príncipe Louis Lucien Bonaparte, José Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, entre outros, conforme a literatura demonstra³ e com eles compartilhou indagações e investigações científicas⁴. Tais estudos revelam, ainda, o ‘espírito da época’ ou ‘clima de opinião’, nos termos de KOERNER (1996), do qual Viana fazia parte.

A importância de Gonçalves Viana nesse contexto foi notada, ainda, por Mattoso Câmara Jr. em sua tese, considerando-o como pertencente a “uma grande e nova corrente na ciência da linguagem” (CAMARA Jr., 2008, p.20), ao lado de Henry Sweet (1845-1912), Eduard Sievers (1850-1932), Paul Passy (1859-1940) e Otto Jespersen (1860-1943).

Essa “nova corrente” alinha-se à época em que o trabalho linguístico primava pelo estudo minucioso da língua em sua materialidade escrita e oral, considerando-a como uma totalidade organizada, em que cada elemento linguístico (desse todo) se define em função de outro(s) — sistematicamente. Essa visão converge com o postulado de Saussure, anos mais tarde, em que se inaugura a ciência linguística moderna com base em suas reflexões e estudada tanto do ponto de vista sincrônico quanto do diacrônico.

Em Portugal, esse pensamento linguístico pré-estruturalista foi inaugurado nas áreas de Fonética e Fonologia, por A. R. Gonçalves Viana em suas obras, que trazem uma metodologia específica, e que analisamos neste trabalho.

A relevância dos trabalhos de Viana foi notada por destacados estudiosos estrangeiros e conterrâneos do foneticista. O célebre foneticista inglês Henry Sweet

³ L. F. Lindley Cintra, J. A. Peral Ribeiro, José Leite de Vasconcelos, Álvaro Neves, Francis M. Rogers (todos na obra *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973)); Maria Helena Mira Mateus (em diversos artigos e obras publicadas); J. Mattoso Câmara Jr. (em diversos trabalhos publicados); M. Filomena Gonçalves (2003), J. Pedro Machado (1940), entre outros.

⁴ Hoje possíveis de serem testemunhadas por meio de levantamento de dados biobibliográficos como o que fizemos.

(1845-1912), o enunciou em seu artigo *Spoken Portuguese* (1883, p. 465)⁵ e o português José Leite de Vasconcelos, considerou que Viana realizava a “verdadeira actividade científica” (VASCONCELOS, 1973, p.21).

Essa “actividade científica” denota o trabalho empírico ou de inclinação empírica, ou experimental. Ela refere-se, sobretudo, ao paradigma de origem positivista predominante em Portugal do século XIX (e, ainda, presente na fonética alemã do mesmo século (KOHLER, 1981), que Gonçalves Viana assume no tratamento dos dados de fala em suas obras fonéticas, fonológicas e ortográficas.

Maria Filomena Gonçalves, em sua obra *As ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)* (2003), avalia que a produção científica do foneticista pode ser vista sob duas vertentes fundamentais, ligadas entre si: a fonética e a ortografia portuguesas. Elas estão reunidas e desenvolvidas nestas três obras do ilustre romanista: *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883)⁶, *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892)⁷ e *Ortografia Nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas* (1904).

As duas primeiras obras do autor referem-se especificamente à fonética e à fonologia. Elas representam um marco na história da Linguística Portuguesa, enquanto uma ciência⁸.

A pesquisa *Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911* (2001), de Rolf Kemmler, apresenta uma particularidade importante da *Ortografia Nacional...* (1904) no que diz respeito aos estudos ortográficos tradicionais que a antecederam; para o autor, o texto de Viana assume outro valor, que não o de tratado ortográfico: “Já não se trata aqui, pois, de tratados de ortografia propriamente ditos, mas sim de programas de

⁵ Republicado em *Collected Papers of Henry Sweet* (2013).

⁶ Daqui em diante, mencionaremos a obra da seguinte maneira: *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883).

⁷ Doravante, abreviaremos a obra desta forma: *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892).

⁸ Nos dizeres de Maria Helena Mira Mateus (2001, p.1): “A primeira descrição de conjunto do sistema fonético do português surge em 1883, no estudo de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana com um título que inclui já o termo fonologia [...]”. A segunda obra fixou sua importância na história da ortografia e da linguística portuguesas por ter influenciado a primeira reforma ortográfica em Portugal em 1911 (GONÇALVES, 2003; KEMMLER, 2001; VIANA, 1973).

reformas” (KEMMLER, 2001, p.253), o que sinaliza o contexto (histórico) reformador e positivista no qual a atividade científica do foneticista estava inserida.

Portanto, as obras de Gonçalves Viana são referências clássicas na história da linguística portuguesa e europeia do século XIX por delimitarem e inaugurarem um novo tempo aos estudos linguísticos.

Apesar de os trabalhos de Gonçalves Viana serem referência clássica na história da linguística portuguesa – e europeia – do século XIX, poucos são os estudos que detalham seu pensamento e ideias. Rolf Kemmler (2001) e Maria Filomena Gonçalves (2003), em suas pesquisas, focalizam apenas o estudo ortográfico do foneticista, deixando uma lacuna no campo da fonética e da fonologia. Dessa forma, uma análise mais profunda nesses dois campos seria muito relevante, atrelada a uma análise da época, vida e demais obras do linguista⁹.

Tal fato pôde ser observado no decorrer do percurso desta pesquisa, que estabeleceu suas bases em 2007, com o projeto *História da Ortografia da Língua Portuguesa*¹⁰ (coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari) e passou a ser desenvolvida na Iniciação Científica¹¹, no Mestrado¹², e, agora, no Doutorado.

Para a análise dos princípios fonéticos e fonológicos defendidos por Viana, foram escolhidos as obras *Essai de phonétique et de phonologie... (1883)* e a *Exposição da pronúncia normal portuguesa... (1892)*.

Para o estudo da vida do autor, partimos, primeiramente, das suas biografias elaboradas por José Leite de Vasconcelos, Álvaro Neves, José Pedro Machado e pelo próprio Gonçalves Viana¹³.

⁹ Como destacamos nesta tese, o século XIX é um período complexo e difícil de ser estudado e, talvez, seja esse um dos motivos pelos quais foram produzidos poucos trabalhos acadêmicos analisando (detalhadamente e contextualmente) a produção intelectual de A. R. Gonçalves Viana.

¹⁰ O projeto tem sido desenvolvido na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara, tendo o enfoque linguístico moderno, que procura descrever os fatos e classificá-los, para definir um sistema. Trata-se de um projeto de natureza histórica e descritiva.

¹¹ Com a pesquisa intitulada *Análise e descrição do sistema ortográfico de documentos manuscritos oficiais do século XVII escritos no Brasil*, com financiamento FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo: 07/56550-8).

¹² Com a pesquisa intitulada *Estudo das fricativas coronais da Língua Portuguesa: da fonética à ortografia e da ortografia à fonética*, com financiamento FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo: 2009/02823-9).

¹³ Todas publicadas em *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973).

Depois, em 2013, em Portugal, foi feita a investigação *in loco*, em bibliotecas portuguesas — Lisboa, Coimbra, Porto etc. — e nos lugares onde o foneticista viveu, a fim de reunirmos, analisarmos e documentarmos informações dispersas do autor¹⁴.

Quanto às cartas dispersas, foi possível encontrar algumas delas em livros, bibliotecas e sites, especialmente no *Hugo Schuchardt Archiv*¹⁵, que apresentamos nesta pesquisa. Essa documentação ainda não tinha sido levada a público em pesquisas sobre A. R. Gonçalves Viana.

Definidos objetivos, materiais e análises, a tese foi organizada em cinco partes:

Na primeira parte, apresentamos a abordagem historiográfica utilizada, especialmente a metodologia e o “clima de opinião” — do século XIX em Portugal.

Na segunda parte, há a contextualização histórica mostrando as transformações profundas e essenciais por que passaram as ciências e a sociedade europeia do século XIX no quadro da Idade Moderna. Nesse contexto, correntes filosóficas, como o Positivismo, foram discutidas devido à sua influência na Linguística e, sobretudo, na Fonética do século XIX.

Na terceira parte, os dados e análises biobibliográficas de Viana são apresentados e documentados. A ilustração do foneticista, a de seu pai e as fotos de locais marcantes na vida do autor são apresentadas, como também imagens de correspondências de Gonçalves Viana com grandes autores, seus contemporâneos¹⁶.

Na quarta parte, são analisadas as obras de fonética e de fonologia do autor: *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883) e *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892), salientando a descrição dos dados em função da metodologia empregada pelo autor. O subitem 4.3, que segue à análise das obras, traz considerações finais especificamente sobre as duas obras, mostrando suas diferenças

¹⁴ Essa pesquisa biográfica é desafiante devido à dissipação dos bens de Gonçalves Viana depois de seu falecimento em 1914. Situação lamentada já nesta altura por J. Leite de Vasconcelos, que diz: “Seja dito de passagem que empreguei todos os meios possíveis para que o Governo comprasse para um estabelecimento do Estado a livraria de G. Viana, e a não deixasse dispersar, como se dispersou; mas tive como resposta, — que não havia dinheiro!” (VIANA, 1973, p.34). E acrescenta: “No espólio de Viana deviam existir muitas cartas que recebeu de pessoas importantes, mas tudo se sumiu no leilão” (LEITE DE VASCONCELOS apud VIANA, 1973, p.37).

¹⁵ Acessível em: < www.http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1739/briefe/jahr/1883 >

¹⁶ Detalhamentos podem ser vistos nos apêndices e anexos.

essenciais, antes da conclusão da pesquisa no item 5. Este item antecede a conclusão da pesquisa na parte 5.

Acham-se em Apêndices e Anexos (disponíveis em CD-ROM, anexo a este trabalho): a tradução (de estudo) da obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883) (Apêndice A); a Lista de obras e demais produções intelectuais de A. R. Gonçalves Viana (Apêndice B); correspondências filológicas de Gonçalves Viana a Carolina Michaëlis de Vasconcelos (Anexo A); exemplos de correspondências filológicas (fonéticas e fonológicas) de A. R. Gonçalves Viana a Hugo Schuchardt (Anexo B); o Registro Geral de Mercês. Nomeação de Gonçalves Viana como funcionário da alfândega de Lisboa (Anexo C). Finalmente, em Referência e Bibliografia Consultada, há a listagem dos estudos imprescindíveis para a elaboração desta pesquisa.

1. PARTE PREAMBULAR: ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

1.1 Pressupostos teórico-metodológicos

A investigação da vida e das obras de Gonçalves Viana, como um linguista em seu tempo, traz desafios metodológicos no âmbito do conhecimento histórico aliado ao trabalho linguístico.

A Historiografia Linguística é uma disciplina que, associando conhecimento histórico ao trabalho linguístico, consegue levantar desafios metodológicos e resolvê-los, como mostram Swiggers (1997) e Koerner (2014; 1995) em seus estudos. Por isso, este trabalho pautou-se nessas ideias e estudos para estabelecer seu posicionamento teórico-metodológico.

Em linhas gerais, a Historiografia Linguística tem sido definida como a disciplina que descreve e explica como o conhecimento científico foi adquirido, formulado, transmitido e desenvolvido no decorrer temporal (SWIGGERS, 1990, p. 21). Cabe, ainda, à Historiografia Linguística, discutir a continuidade ou descontinuidade de uma determinada teoria, método ou prática e, ainda, reconstruir o contexto de seu surgimento, sua recepção (que pode ser favorável ou desfavorável), entre outros aspectos envolvidos nesse cariz investigativo (historiográfico).

Dessa forma, sua metodologia levanta dados sobre o conhecimento linguístico produzido, seus agentes, contextos de atuação e demais recursos pertinentes à pesquisa. A análise dos dados pode desenvolver-se na linha descritivo-narrativa (em vista de um estudo mais panorâmico e ilustrativo) ou na linha descritivo-interpretativa (que interpreta os dados, analisando a problemática envolvida na emergência e na difusão do conhecimento linguístico).

Nesse sentido, a nossa investigação e análise biobibliográfica de A. R. Gonçalves Viana une informações contextuais (históricas e biográficas) ao trabalho linguístico do foneticista em suas produções intelectuais (na fonética e na fonologia), a fim de detalhar e formalizar o seu pensamento linguístico. Portanto, essa investigação é de natureza descritivo-interpretativa.

1.2 O trabalho com o *corpus* e a tradução da obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883)

A princípio, propusemo-nos analisar três obras de Gonçalves Viana, a saber, *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892) e a *Ortografia Nacional...* (1904), porque abrangem toda a atividade científica do autor e estão ligadas entre si, uma vez que o trabalho ortográfico não se desvincula da manifestação linguística em sua modalidade oral. Assim, as duas primeiras obras sintetizam o trabalho fonético, fonológico e científico de A. R. Gonçalves Viana e a terceira, o ortográfico.

Porém, decidimos que seria mais produtivo (para uma pesquisa datada) investigar apenas uma linha temática, a da Fonética/ Fonologia, porque ainda não havia sido explorada detalhadamente por outros trabalhos¹⁷. Portanto, nos fixamos em uma vertente ainda inédita sobre o autor.

Havia ainda uma expectativa de fazer um inventário de todos os sons descritos por A. R. Gonçalves Viana em suas obras de fonética e de fonologia, a fim disponibilizar dados como um referencial para futuras comparações entre o dialeto de Lisboa do século XIX e o atual. Porém, notamos que isso não seria possível, de imediato, devido às dificuldades que a leitura atual das obras impõe¹⁸.

Resolvidas essas questões de refinamento do tema da pesquisa, seguimos analisando as obras a partir da sua organização metodológica, ou seja, entendendo como o autor selecionou e analisou os seus dados (considerando seus objetivos e a sua abordagem teórica). Mostramos, ainda, as discussões linguísticas levantadas pelo autor. Esse estudo contribuiu para identificar o posicionamento linguístico de Gonçalves Viana à luz do seu tempo.

Depois, prosseguimos com a análise das informações biobibliográficas coletadas¹⁹. Estas informações foram organizadas em quadros que podem ser consultados no apêndice B, e cujo valor documental nos ajudou a investigar o percurso das publicações do autor e demais informações pessoais, ideológicas etc.

Investigamos, ainda, os locais onde A. R. Gonçalves Viana viveu, bem como seus familiares, a fim de retratar sua biografia com mais detalhes e deixar documentadas

¹⁷ Como já mencionadodo no capítulo anterior.

¹⁸ Dificuldades apresentadas e discutidas na sessão 4.1.2.

¹⁹ A partir do levantamento de todos os trabalhos de A. R. Gonçalves Viana que pudemos encontrar.

as informações que reunimos com maior precisão. Esse caráter documental desta pesquisa teve esse relevo em vista das poucas fontes de pesquisa disponíveis e dispersas sobre o autor.

Depois, analisando o material biográfico à luz dos acontecimentos históricos do século XIX (e suas correntes de pensamento predominantes), compreendemos melhor as obras do autor dentro do contexto de sua produção. Tal contexto é apresentado e analisado a partir de um estudo rigoroso que fizemos sobre a Idade Moderna e que acreditamos ser imprescindível para a compreensão atualizada desse período, compondo, portanto, nossa pesquisa historiográfica.

Sobre a tradução da obra *Essai de phonétique et de phonologie... (1883)*²⁰, trata-se de uma parte importante da pesquisa, feita por conta da modificação do projeto inicial (referida a alguns parágrafos acima), que prioriza um estudo mais aprofundado das obras de fonética e de fonologia de A. R. Gonçalves Viana.

As nossas motivações e critérios para essa tradução justificam-se, primeiramente, pela possibilidade de fazer uma leitura mais atenta da obra. Sua análise contou com a colaboração profissional de um tradutor (revisor) francês, Lionel Feral, que nos ajudou a compreender os sons franceses exemplificados no texto e fez a revisão da tradução. O texto traduzido pode, ainda, ser um atrativo para o público lusófono, uma vez que é a única versão da obra em língua portuguesa.

Por ser a primeira tradução de *Essai de phonétique et de phonologie... (1883)*, para seu estudo linguístico, optamos por denominá-la de tradução de estudo, ou seja, tradução próxima e correspondente ao trabalho original do autor, com a manutenção de exemplos, esquemas e demais recursos utilizados. Portanto, trata-se de uma tradução que se orienta pela “equivalência” (CATFORD, 1980).

Sob essas considerações, a tradução do texto não apresentou grandes dificuldades, uma vez que o original foi redigido com simplicidade (pouca variedade de estruturas sintáticas, vocabulário pouco diversificado, ausência de expressões metafóricas, subjetivas ou literárias), haja vista divulgar objetivamente as ideias do autor para o meio acadêmico nacional e estrangeiro, focalizando os dados²¹ listados na obra.

²⁰ Disponível no Apêndice A.

²¹ A obra traduzida prioriza, ainda, a divulgação dos dados de fala do português normal, que é a parte escrita em português e que ocupa certa parte da obra *Essai de phonétique et de phonologie... (1883)*, que traz os exemplos de sons.

Na versão em português, foram mantidas: a quebra de páginas, abreviaturas e notas de rodapé da versão anastática original (e corrigida à mão pelo autor), publicada em *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973). Na parte da análise da obra, em 4.5, utilizamos a nossa tradução nas citações.

Nida (1964) afirma que a tradução de uma obra a partir da sua análise linguística representa uma grande ajuda na pesquisa. Como nossa análise de *Essai de phonétique et de phonologie... (1883)* é, primeiramente, linguística, ficamos ainda mais motivados para iniciar esse trabalho de tradução e isso também justificou nossos esforços para essa empreitada.

1. 3 Considerações sobre a nossa pesquisa histórica (e por que falar de Idade Média?)

Nesta seção, buscamos esclarecer a direção da nossa pesquisa histórica, uma vez que muitos são os caminhos possíveis para se delimitar, discutir e renovar os conhecimentos históricos construídos.

A releitura de eventos históricos da Idade Moderna e da Idade Média tem sido feita por historiadores, medievalistas, entre outros, tais como P. Rossi, Jacques Le Goff, Daniel Rops, Étienne Gilson, H. R. Loyn²², o que nos traz informações relevantes e atualizadas para esta pesquisa²³.

Ligada ao passado medieval, a Idade Moderna tem sido estudada, sobretudo, no sentido de ser um momento de forte oposição e desvinculação do antigo regime. Pois, resulta desta antítese ao passado medieval, o impulso para a realização das manobras sociais e políticas que inauguraram a vida moderna, republicana, dinâmica e científica, que, tendo amadurecido com o tempo, tornou-se predominante durante todo o século XIX, inclusive em Portugal.

Contudo, sabe-se, hoje, que a história moderna e medieval, sobretudo àquela referenciada por filósofos como Comte (1798-1857), Diderot (1713-1784), Voltaire (1694-1778), tendia à avaliação ao gosto dos tempos deles, sendo, por vezes, excessivamente parcial, conforme exemplificamos nesta tese nos itens 2.1.1 e 2.2. Nestes, mostramos que a Idade Média foi equivocadamente classificada como sendo a

²² Entre outros, conforme exploramos na parte histórica desta tese (Parte 2).

²³ Sobretudo para a melhor compreensão do Positivismo comtiano e sua expressão em Portugal no século XIX (como veremos a seguir).

Idade das Trevas — termo pejorativo criado pelo movimento Iluminista do século XVIII —, o que não é a linha histórica que seguimos aqui.

Há uma vasta literatura atual que demonstra ter havido graves equívocos históricos²⁴, e que ainda são circulantes, o que reforça a necessidade de detalharmos aspectos históricos mais abrangentes, a fim de situar o nosso posicionamento com maior precisão.

Em nossas investigações, por exemplo, notamos que essa avaliação demasiadamente negativa da Idade Média ao lado da Idade Moderna pode ter ocorrido em função do empenho declarado de autores modernos, muito influentes como os já citados Voltaire e Diderot, que pretendiam desmontar as instituições do antigo regime. Eles buscavam a quebra de paradigmas com a urgência de transformar a sociedade a partir de projetos de mundo²⁵ contidos explicitamente em suas filosofias (ou no ideário pós-medieval como o Iluminismo e o Positivismo) com programas de governo bem especificados²⁶.

Assim, por haver equívocos históricos como esses, consideramos ser necessário investigar essas idades históricas (Moderna e Média) para a compreensão epistemológica e cultural desse tempo moderno ao qual Gonçalves Viana pertence. Essa

²⁴ Os equívocos históricos sobre a Idade Média e a vida espiritual e científica regidas pela Igreja Católica têm sido estudados por diversos pesquisadores. Segundo o Dr. Thomas Woods (2005, p.7), da Universidade de Harvard, “Embora os livros textos típicos das faculdades não digam isto, a Igreja Católica foi a indispensável construtora da Civilização Ocidental. Ela não só eliminou os costumes repugnantes do mundo antigo, como o infanticídio e os combates de gladiadores, mas, depois da queda de Roma, restaurou e reconstruiu a civilização”. J. J. Heilbron (1999), da Universidade da Califórnia em Berkeley, disse que “o verdadeiro papel da Igreja no desenvolvimento da ciência moderna permanece um dos mais bem guardados segredos da história moderna”. Segundo Reginald Grégoire (1985), foram os monges quem deram a toda a Europa “uma rede de fábricas, centros de educação, [...] uma civilização desenvolvida emergiu da onda caótica dos bárbaros”. Ele afirma, ainda, que “Sem dúvida, São Bento (o grande arquiteto do monaquismo ocidental) foi o “Pai da Europa”. Os beneditinos e os seus seguidores foram os pais da civilização europeia”. Para Harold Berman (1974, p.85) “[...] foi a Igreja que primeiro ensinou ao homem ocidental um sistema moderno de lei. A Igreja foi quem primeiro ensinou que conflitos, estatutos, casos e doutrina podem ser reconciliados por análises e sínteses”. A formulação dos direitos (vindos da civilização ocidental) não surgiu com John Locke e Thomas Jefferson, mas muito antes das leis canônicas da Igreja. Diante dessas pesquisas e de outras que mostraremos adiante, não é mais possível considerar como sendo imparcial a apreciação totalmente negativa da Idade Média como tem sido feita e que ainda circula, sobretudo nos meios acadêmicos. Sobre o **mito da Inquisição**, verificar a obra de Henry Kamen, *The Spanish Inquisition: a historical revision* (1998) e a obra de Edward Peters, *Inquisition* (1989).

²⁵ Ou renovação cultural.

²⁶ Nesse ideário, a superação da cultura medieval era indispensável e, por isso, ela foi o alvo principal da discussão filosófica e científica da Idade Moderna em suas críticas, sendo, assim, a sua motivação mais notável.

investigação nos ajudou a entender, ainda, o trabalho científico do foneticista — que atuou na linha positivista, engajada com a renovação cultural. Pois, o Positivismo comtiano elevou a ciência como a mentora de uma sociedade renovada do futuro idealizado e livre das estruturas teológicas medievais. Nessa linha filosófica, a ciência inclinava-se a projetos sociais de reforma, exatamente como ocorreu em Portugal no século XIX.

Como resultado dessa investigação histórica, observamos que Gonçalves Viana realizou um trabalho científico adequado para um homem moderno do seu tempo. Em outras palavras, ele 1) colocou a sua pesquisa a serviço da reforma social de seu país (seus trabalhos foram essenciais para a mudança dos estudos de fonética e de ortografia em Portugal, atingindo, ainda, a reforma do ensino básico e superior) e 2) realizou um trabalho científico totalmente fora do esquema metafísico.

1.4 O “clima de opinião” e a Linguística em Portugal no século XIX

Neste subitem, buscamos contextualizar a Linguística em Portugal no século XIX e aspectos do “clima da opinião”.

Para entendermos melhor o “clima de opinião” (KOERNER, 1996), isto é, o espírito da época, é necessário olharmos primeiramente a situação econômica de um país em crise e a atuação dos intelectuais nesse contexto. Eles não ficaram indiferentes aos acontecimentos político-econômicos, buscaram repensar e superar esse momento crítico.

No século XIX, Portugal achava-se em situação adversa devido ao seu atraso econômico e cultural, sobrevivendo, a despeito das Guerras Liberais do século XVIII; e dos demais conflitos, embargos e situações que colocaram o país na contramão do desenvolvimento. Nesse contexto, os cidadãos estavam, em sua maioria, pouco ou nada instruídos desde o ensino mais básico (alfabetização) ao técnico e, menos ainda, no erudito.

Diante desse quadro, algumas personalidades de uma pequena elite intelectual portuguesa manifestaram-se em função da melhora e da transformação do país na esteira daquelas revoluções europeias da Idade Moderna (como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa).

A atuação desse grupo de intelectuais deu-se pela elaboração de projetos de reforma e/ou pelo estímulo de manobras políticas (como a instauração da República)

potencialmente capazes de promover a transformação cultural no país, alinhando-o aos países europeus desenvolvidos.

Essa atuação abrangia, portanto, a política, a economia, o ensino, enfim, a sociedade como um todo. Inclusive, buscaram, ainda, fixar ideias ou correntes filosóficas compatíveis com a urgência do desenvolvimento nacional. Prova disso é o Positivismo, que foi a “mais poderosa corrente ideológica de Portugal fim-de-século.” (CATROGA, 1996, p.285).

O “clima de opinião” da época, portanto, corrobora essa preocupação reformista e positivista dos grupos seletos de estudiosos em Portugal, uma vez que eles levantaram a bandeira do progresso, buscando “acordar” o país.

Com esse espírito, na área dos estudos linguísticos, destacaram-se duas grandes personalidades: F. Adolfo Coelho (1847-1919), na Linguística, e Teófilo Braga (1843-1924), na Literatura. Ambos os intelectuais tornaram-se marcos na mudança acadêmica portuguesa. Na política, Teófilo Braga chegou a ser presidente da República em 1915.

Segundo M. Filomena Gonçalves (2004, p.31), ambos eram “figuras de proa da elite portuguesa” nas esferas social e acadêmica. Suas ideias eram respeitadas e, assim, eles iniciaram o período científico da filologia portuguesa em oposição ao pré-científico (anterior às investigações deles).

Para Carolina Michaëlis, Adolfo Coelho foi o “benemérito inaugurador da ciência da linguagem em si, e da filologia românica em Portugal.” (MICHAËLIS de VASCONCELOS, 1911-1913, p.148).

Cabe ser destacada a liderança de Adolfo Coelho por ter iniciado a Linguística, em Portugal, com sua obra *A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe* (1868). De acordo com Filomena Gonçalves (2004, p.30), trata-se da “primeira tentativa de aplicação das orientações do comparativismo alemão”. Essa publicação, entre outras, influenciou os estudos linguísticos portugueses e, por extensão, A. R. Gonçalves Viana (GONÇALVES, 2004) que também aderiu à bibliografia alemã.

O compromisso de Adolfo Coelho com a urgência das reformas científicas (positivistas) e sociais de seu país em crise transparece claramente em muitos dos seus trabalhos (GONÇALVES, 2004):

Portugal está fora do movimento das idéas sociaes e scientificas do nosso tempo, em que as sciencias que servem aos fins praticos e materiaes da vida como a chimica, a physica, as mathematicas, a medicina, etc., ainda cá são mais ou menos conhecidas os progressos,

mas que as sciencias historicas e philologicas se acham quasi exclusivamente representadas entre nós por uma erudição banal e superficial²⁷.

Desse modo, não é raro encontrar no discurso de Adolfo Coelho a aproximação da ciência com a transformação — e melhora — social (como apresentado acima) e que é basilar ao Positivismo. Essa conduta se explica devido à sua orientação ideológica ancorada no Positivismo — corrente filosófica defendida e difundida em Portugal principalmente por Adolfo Coelho e Teófilo Braga.

O Positivismo e seus termos equivalentes “cientificismo”, “determinismo”, “materialismo” etc., denotam a prática investigativa fundamentada na experiência, nos fatos e no método, a fim de que a ciência seja útil ao progresso da sociedade e à sua transformação cultural (KOERNER, 1989).

Segundo M. Filomena Gonçalves (2004, p. 33),

Na história da Linguística, à semelhança de outras ciências, o positivismo foi responsável por uma verdadeira fractura epistemológica, ao abandonar a metafísica e declarar o primado da experiência sobre a especulação [...]. Intermediada até então pelo filtro das categorias lógicas, a análise dos fenômenos linguísticos — a mudança das línguas em particular — passa a estar norteada pelo experimentalismo modelar das ciências naturais, em sintonia com os ditames das ideias positivistas.

Assim, a proposta positivista promovida por Adolfo Coelho deu forma e força à mudança de paradigmas que ele pretendia para a Linguística de seu tempo. Aliás, veremos adiante, na análise das obras de Gonçalves Viana, que ele também se utiliza desse método positivista, experimental e inovador, que resultou na reforma da Fonética (e Fonologia) e da Ortografia.

Teófilo Braga e Adolfo Coelho estavam ainda engajados com a questão da República, e, sendo favoráveis a ela, buscavam conscientizar os portugueses por meio de preleções públicas como as Conferências Democráticas (1871)²⁸, que objetivavam

Abrir uma tribuna, onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam este momento do século, preocupando-nos, sobretudo, com a transformação social, moral e política dos povos; ligar Portugal com o movimento, moderno, fazendo-o, assim, nutrir-se dos

²⁷ (COELHO, 1871: XIII *apud* GONÇALVES, 2004, p.50).

²⁸ M. F. GONÇALVES (2004).

elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; procurar adquirir consciência dos factos que nos rodeiam, na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna; Estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa²⁹.

O “clima de opinião” assente nessas ideias republicanas e positivistas atraiu simpatizantes e colaboradores³⁰ para a Revista *O Positivismo*, conforme M. Filomena Gonçalves (2004, p. 49) destaca:

[...] nesta publicação [na revista *O Positivismo*] colaboraram nomes sonantes do cenário intelectual português, como Amaral Cirne, Consiglieri Pedroso, Teixeira Bastos, Vasconcelos Abreu, **Gonçalves Viana**, além do próprio Adolfo Coelho e de Teófilo Braga. No terceiro ano de vida da revista, Teófilo Braga e Júlio de Mattos, seus directores, exaltavam já os efeitos benéficos do apostolado positivista na sociedade portuguesa.

A. R. Gonçalves Viana publicou pela primeira vez n’*O Positivismo*³¹ em 1882. E, depois, muitas outras publicações foram vinculadas em diversos periódicos e livros³² abrangendo assuntos relativos à fonética³³, fonologia, filologia, lexicologia, etimologia, ensino, ortografia, crítica literária, traduções etc..

M. Filomena Gonçalves destaca, ainda, os objetivos da revista *O Positivismo*: “contribuir para a instrução pública, **dando a conhecer as ideias positivistas, os avanços científicos e, ainda, as mudanças de paradigmas epistémicos**, [...] (M. F. GONÇALVES, 2004, p. 49, grifos nossos).”.

Diante desse cenário, a Linguística em Portugal, no século XIX, inaugurava seus novos paradigmas, com destaque para a glotologia (ou glótica) e para a filologia, que

²⁹ (QUENTAL, 1996, p.8 *apud* GONÇALVES, 2004, p.33).

³⁰ Engajados direta ou indiretamente no Positivismo, quer pela demanda da produção científica nacional, fomentada por Teófilo Braga e Adolfo Coelho, quer pela propagação e implementação dessas ideias reformistas.

³¹ Na Revista *O Positivismo*, Gonçalves Viana publicou o artigo denominado: *O Livro da escripta pelo professor Carlos Faulmann (Das Buch der Schrift, Wien, 1880)*, 4.º ano, 1882, pp. 71-80 e 164-170, vols. III e IV.

³² A. R. Gonçalves Viana não escreveu artigos ou textos contra ou a favor do positivismo. Ele apenas diz não ser afeito às discussões filosóficas, tendo priorizado seus esforços intelectuais na seleção de dados da fala, sua análise e, ainda, tudo o que se relacionasse diretamente aos estudos da língua (filologia, morfologia, lexicologia, ortografia etc.). A sua contribuição social para a reforma política — naquele tempo de implementação da República e das reformas na sociedade — veio, principalmente, com as suas obras. A *Ortografia Nacional* (1904), por exemplo, foi o texto base da primeira reforma ortográfica portuguesa em 1911. Essa reforma no campo da escrita se integrava à reforma educacional.

³³ Na parte de fonética e de fonologia, há muitos assuntos que se repetem nas publicações, como pode ser visto na biobibliografia do autor.

eram o baluarte da Linguística desse momento. Portanto, a atividade científica ajustava-se ao ideário positivista.

Segundo Filomena Gonçalves (2004, p.40), a “glótica afirmava-se como disciplina nova, essencialmente alemã, dado serem alemães os autores de estudos conducentes a uma ciência da linguagem assente em moldes modernos, resultantes da conciliação de duas orientações complementares — a histórica e a comparativa [...]”.

Para Adolfo Coelho³⁴ a glotologia podia ser entendida como a “sciencia que tem por objecto a expressão do pensamento por meio de signaes e especialmente por meio de movimentos acusticos (glottica); a glottologia em sentido estricto é por isso a sciencia da linguagem propriamente dicta”. Esses “movimentos acústicos”, dos quais fala o autor, referem-se ao resultado acústico perceptivo da produção da fala e não à análise físico-acústica da fala, que seria desenvolvido logo em seguida, com o trabalho de Abbé Rousselot (1846-1924).

A glotologia recebeu outros nomes equivalentes, que convergiam para o mesmo olhar sobre o estudo da língua, sendo esta entendida como uma totalidade em si mesma. Nesse contexto, Adolfo Coelho³⁵ diz:

No sentido estricto em que nos occupamos aqui da glottologia, a que se chamou tambem linguistica, glottica, philologia comparada (...). **A glottologia estuda as linguas por ellas mesmas**, para resolver as innumeras questões theoricas que suggerem e só subsidiariamente chega a deducções d’alcance practico, taes como o methodo para o estudo elementar das linguas, a solução dos problemas orthographicos, o ensino da linguagem aos surdos-mudos.

Carolina Michaëlis também compreendia ser a glotologia um estudo específico da língua em uma ciência à parte. Ela diz: “constituindo disciplina ou ciência à parte, a que, já o sabemos — dá o nome de *glotologia* ”(MICHAËLIS de VASCONCELOS, 1911-1913, p.148).”

Ela acrescenta que foi próprio do século XIX introduzir o vocábulo *glotologia* “para designar a moderna ciência da linguagem” (MICHAËLIS de VASCONCELOS, 1911-1913, p. 146), cujo campo de estudos alargou-se de tal sorte que “os investigadores anteriores mal haviam sonhado” (MICHAËLIS de VASCONCELOS, 1911-1913, p.146).

³⁴ (COELHO, 1868, p. 10, *apud* GONÇALVES, 2004, p. 41).

³⁵ (COELHO, 1868, p. 13 *apud* GONÇALVES, 2004, p. 42).

Por outro lado, a estudiosa revela que nem todos concordavam com essa definição:

O Dr. Leite de Vasconcelos, depois de 1880 o mais activo dos cultores da filologia portuguesa, creio que visou e combateu de caso pensado as definições e o procedimento de Coelho, chamando sempre e resolutamente *filologia* ao estudo científico da língua e não *glotologia*³⁶.

O fato é que o estudo da filologia e da glotologia refletiam sobre as línguas, olhando as suas múltiplas manifestações na fala e na escrita. Porém, a filologia não se confundia com a glotologia na visão de Adolfo Coelho, pois

A philologia estuda os monumentos litterarios sob todos os pontos de vista: busca restitui-los a uma fôrma tão proxima quanto possivel d'aquella em que elles saíram das mãos dos seus autores, e que as copias e impressões alteraram; explica todas as particularidades de linguagem, de estylo, as allusões historicas, as tradições, os mythos, os costumes que nos apparecem nesses monumentos; determina as influencias diversas que estes revelam, a genese das ideias, o desenvolvimento dos typos litterarios, etc. § Aplicada tal concepção à filologia portuguesa, esta consistiria assim no estudo dos “monumentos” do português sob todos os pontos de vista, por forma a ser realçado o valor linguístico, literário, histórico e cultural desse património textual³⁷.

Já a glotologia podia ser definida ainda como uma “sciencia historiologica e comprehende tambem parte descriptiva, comparativa, classificatoria, e parte geral, em que se assentam principios relativos ás condições de producção e de evolução da linguagem.” (COELHO, 1868, p. 17 *apud* GONÇALVES, 2004, p.43). Convém notar que a parte histórica era fundamental ao estudo da glotologia ou linguística na visão de A. Coelho.

Ele reconhece, ainda, as divergências conceituais do recente campo da glotologia dizendo que alguns “escriptores consideram a glottologia como uma sciencia natural; outros, cujo numero é muito maior, vêem nella uma sciencia historico-social. A opinião dos primeiros só se explica por falta d'exame logico da questão (COELHO, 1868, p.13-14 *apud* GONÇALVES, 2004, p. 43).”.

³⁶ (MICHAËLIS de VASCONCELOS, 1911-1913, p.150).

³⁷ (COELHO, 1868, p.12 *apud* GONÇALVES, 2004, p.42).

Viana utilizou em seus trabalhos o método experimental (empírico), positivista e alemão, discutido por Adolfo Coelho em sua definição de glotologia, porém criticado por José Leite de Vasconcelos.

Outra questão de grande relevo para o “clima de opinião” desse período refere-se aos trabalhos e reformas no setor educacional. A produção de materiais didáticos foi abundante no século XIX e a maior parte dos intelectuais portugueses desse momento envolveu-se nessa questão. Por isso, Gonçalves Viana produziu diversos materiais didáticos³⁸ de estudo de língua tanto para o vernáculo, quanto para o aprendizado nacional de outros idiomas (francês, inglês e alemão, por exemplo).

Essa produção na área educacional revela-se como sendo o produto do vínculo que se estabeleceu entre a produção científica portuguesa do século XIX (no caso, a glotologia, a filologia, a linguística) e a transformação social (sobretudo por meio do ensino). Esse entrelaçamento entre ciência e reforma social já vinha se desenvolvendo desde o Iluminismo, que enfatizava a necessidade da mudança educacional como uma via importante à transformação cultural. No Positivismo essa atitude era indispensável e foi reproduzida em Portugal.

Em Portugal, a ideia da reforma no Ensino Básico estendia-se ainda à reforma no Ensino Superior, pois era necessário formar e atualizar os professores e profissionais com renovada bagagem de conhecimentos e condutas. Assim surgiram o Curso Superior de Letras e a Faculdade de Letras de Lisboa, criados em meados do século XIX (durante a transição da Monarquia para a República).

Essas mudanças no Ensino Superior seguiam o padrão europeu, com a retirada de conteúdos e disciplinas antigas, mediante a legislação laica que suprimia o ensino religioso oficial na Universidade. Teófilo Braga, por exemplo, defendeu uma orientação pedagógica voltada à “estabilidade científica” e com intuito de ser “impulsionadora de novas doutrinas” (DORES, 2008, p. 33).

Estudiosos como Leite de Vasconcelos, Consiglieri Pedroso, Carolina Michaëlis, Teófilo Braga etc. foram protagonistas dessas reformas educacionais com maior ou menor grau de envolvimento político. Eles foram os primeiros professores catedráticos do então recente Curso Superior de Letras e Faculdade de Letras de Lisboa.

³⁸ A listagem desses materiais didáticos consta no APÊNDICE B: Lista de obras e demais produções intelectuais de A. R. Gonçalves Viana. As obras didáticas de Viana não são o foco deste trabalho.

A. R. Gonçalves Viana, por não ter optado pela docência, tornou-se um acadêmico não institucionalizado e deixou a sua contribuição reformista em seus trabalhos e demais obras científicas, mas sem discutir temas estritamente filosóficos ou políticos³⁹.

1.4.1 A Linguística em Portugal no século XIX e A. R. Gonçalves Viana (1840-1914): o linguista em seu tempo

Depois de termos refletido anteriormente sobre como a linguística portuguesa do século XIX estava se desenvolvendo, buscamos contextualizar Gonçalves Viana como o linguista em seu tempo e espaço. Por isso, nesta seção, pontuamos aspectos importantes das práticas e ideias linguísticas de Gonçalves Viana.

Contudo, em princípio, é importante lembrarmos que ninguém pode ser considerado um homem estritamente do seu tempo. Todo homem se constrói sob a influência do período que o antecede e da expectativa do que virá, além do que lhe é próprio por natureza.

Dessa forma, notamos que Gonçalves Viana viveu à luz de seus antecessores ortógrafos, gramáticos, literatos e linguistas (portugueses ou estrangeiros) que ele cita ao longo de suas obras, ora concordando com suas ideias ora criticando-os ou corrigindo-os. No campo dos estudos fonéticos e fonológicos, por exemplo, encontramos estas críticas:

Sweet (“Handbook of Phonetics”), ao representar segundo a sua complicada transcrição alguns trechos de várias línguas, não atendeu a ela, de sorte que essa transcrição, já de si embaraçosa em razão dos poligramas e má distribuição dos diacríticos, mais ininteligível ficou sendo, pela reunião, em um só, de vários vocábulos que estamos acostumados a ver separados [...].

Há muitos glotólogos, e de grande valia, cuja classificação dos sons, é demasiadamente subjectiva, porque ou obedecem a preconceitos de nação ou escola ou são vítimas do mau ouvido que tem ou do incompleto conhecimento da fonética de outros idiomas, que não sejam o seu dialecto especial [...].

Sievers considera o *a*, *e*, *i*, *o*, *u* breves ingleses como vogais imperfeitas, e a sua escala de vogais, figurada com um esquema

³⁹ É possível que o foneticista almejasse a implementação de estudos fonéticos atualizados na Faculdade de Letras de Lisboa, mas não fez declaração alguma sobre isso, pelo que não podemos afirmar quais seriam suas intenções em relação à política institucional.

formado por cinco círculos concêntricos, dos quais o de menor diâmetro é ocupado por *a* e *æ*, é pobre como a de todos os foneticistas alemães, o que os ingleses lhes censuram e com razão⁴⁰.

O trecho seguinte é outro exemplo de crítica, mas no campo da ortografia etimológica que o antecedeu. Nesse excerto, ele fala ainda da falsa ideia de que o período do pós-Renascimento estabeleceu bases totalmente racionais (científicas) para esse tipo de estudo de natureza linguística.

Estou de há muito convencido, e várias vezes o tenho dito pela imprensa, de que a denominada ortografia etimológica é uma superstição herdada, um erro científico, filho de um pedantismo que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou **Renascimento**, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade clássica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a consequente instrução das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quase sem protesto. § Sabem todos que essa cópia servil, apenas modal, e como tal ilusória, de feições ortográficas de línguas arcaicas tiveram a sua existência explicável em tempos, nos quais o espírito público se não podia manifestar, em razão do despotismo político e administrativo, e da ignorância quase geral; e que, portanto, a aceitação tácita de tam incongruentes como falsos e insensatos sistemas de escrita, impostos por uma minoria pedante, em detrimento da utilidade pública e da conveniência geral, não significa o consentimento, e ainda menos o aplauso, porém mera submissão e assentimento inconsciente, ou forçado, da parte de quem tinha por hábito obedecer cegamente, abdicando a razão e a vontade⁴¹.

Assim, embora A. R. Gonçalves Viana dialogasse com estudos do passado e do seu presente, ele fazia a sua própria avaliação dos fatos estudados. Esta avaliação e produção científica do autor mostram o que significava o fazer científico (linguístico) do foneticista e filólogo: nada de erudição forjada para satisfazer um pequeno círculo de pessoas, conforme o autor repudia no excerto acima; suas produções acadêmicas são fundamentadas pelo senso prático, em que se nota a objetividade e a clareza na coleta e análise de dados assente na história da língua.

Diante desse trabalho empírico, Viana não fez reflexões filosóficas ou teóricas. Defendia um trabalho linguístico “desadornado de teorias” (VIANA, 1905). Por tudo isso, é seguro afirmar que ele priorizou o aspecto experimental da pesquisa, o que nos recorda a vertente positivista — também presente na Fonética e Fonologia alemãs

⁴⁰ (VIANA, 1886, p.77, grifos do autor).

⁴¹ (VIANA, 1904, p.9-10).

(KOHLER, 1981). Neste contexto positivista ele diz: “as ciências que teem por base o critério experimental, que por si mesmas se aperfeiçoam, e em que o nosso progresso é evidente.” (VIANA, 1905).

Sobre a visão de língua e fala em A. R Gonçalves Viana, notamos que, para ele, a língua é uma totalidade organizada, um fato social (ideia compartilhada por muitos linguistas do século estudado, incluindo Adolfo Coelho, conforme vimos na seção anterior).

Nas *Bases da ortografia portuguesa* (1885), Gonçalves Viana (1885, p.5) expõe sua definição de língua:

1.º Uma língua é um facto social; não depende do capricho de ninguém alterá-la fundamentalmente.

2.º Como facto social é produto complexo, variável por evolução própria da sociedade cujas relações serve.

O estudioso define a fala, na obra *Portugais* (1903, p.1), da seguinte forma:

1] On appelle parole les sons dont se sert la creature humaine pour exprimer à d'autres, par la voix, ses sensations et ses pensées.

§ A la rigueur, les cris spontanés que nous poussons, contraints par douleur, la joie, l'admiration, la crainte, ne sauraient s'appeler parole, tout en étant néanmoins voix ou souffle. Ces cris spontanés, que plusieurs animaux partagent avec l'homme, quoique pouvant exprimer des sensations agréables ou fâcheuses, ne sont pas susceptibles d'être analysés dans leurs rapports psychologiques; ils peuvent l'être seulement en leur qualité de phénomènes physiologiques, comme les bruits de toute sorte que nous entendons à chaque moment, dus à des causes naturelles, sans intention voulue.

§ La parole est donc une suite de bruits, de sons, auxquels, par une habitude familière à celui qui les produit et à celui que les entend, on attache un sens voulu et précis.

2] La voix humaine comprend les cris spontanés et la parole. Nous écarterons de notre étude les premiers, pour nous occuper exclusivement de la seconde⁴².

⁴² 1] Chama-se de fala os sons usados pela criatura humana para expressar aos outros, pela voz, suas sensações e seus pensamentos. § Estritamente falando, os gritos espontâneos que lançamos, forçados pela dor, alegria, admiração, medo, não podem ser chamados de fala, apesar de serem voz ou sopro. Embora esses gritos espontâneos, que vários animais têm em comum com o homem, possam expressar sensações agradáveis ou ruins, eles não são susceptíveis de ser analisados em suas relações psicológicas; apenas podem ser estudados como fenômenos fisiológicos, tais como os ruídos de qualquer tipo que ouvimos o tempo todo, que são de causas naturais, sem intenção voluntária. § Portanto, a fala é uma série de ruídos, de sons, aos quais é atribuído, conforme um hábito familiar da pessoa que os produzem e da pessoa que os ouvem, um sentido desejado e preciso. 2] A voz humana inclui os gritos espontâneos e a palavra. Em nosso estudo, desconsideraremos os primeiros e trataremos exclusivamente da segunda.

O foneticista era também filólogo, na mesma perspectiva de Adolfo Coelho, para quem a filologia teria como ponto de partida os monumentos literários, enquanto a glotologia buscava olhar a produção (acústica) e a história interna e externa das línguas.

A R. Gonçalves Viana correspondia-se com linguistas de grande projeção nacional e internacional. Nas cartas às quais tivemos acesso, prevalece o seu trabalho filológico e glotológico como assunto principal, sempre enfatizando os dados e a sua análise. O foneticista discutia aspectos históricos de monumentos literários, descrições dialetais, fonéticas e fonológicas de dialetos portugueses e de outros idiomas, como o francês, alemão, inglês, espanhol etc⁴³. Outra característica comum de suas cartas era disponibilizar dados aos destinatários. Fato que José L. de Vasconcelos comenta dizendo que Viana era: “sempre pronto em pôr com generosidade á disposição dos outros os tesouros intelectuais que acumulára.” (VASCONCELOS, 1973, p.37).

Portanto, as cartas testemunham o trabalho filológico e glotológico do autor e o seu círculo de amizades/interlocutores (uma elite intelectual que crescia em conhecimento sobre as ideias linguísticas compartilhadas e debatidas). Essa situação funcionou como uma espécie de “faculdade” para Viana, formando-o e amadurecendo-o como linguista⁴⁴.

Sobre a situação política e social do seu país, notamos que Gonçalves Viana tinha uma preocupação que se voltava mais para o lado prático da solução dos problemas por que passava Portugal, pois focalizou seus esforços na área educacional, por meio da sua produção didática. Não encontramos um texto (ou carta) onde ele defendesse o Positivismo ou fizesse algum discurso político.

Um exemplo da sua produção didática engajada são as *Bases da ortografia portuguesa* (1885), feita em parceria com Guilherme de Vasconcellos Abreu. Essa obra circulou gratuitamente e nela podemos encontrar o seguinte: “[...] oferecemos gratuitamente aos nossos conterrâneos, como testemunho de respeito pelas cousas da nossa pátria” [...] Não nos preocupa uma ideia preconcebida. Não nos domina um subjectivismo apaixonado. Desejamos que o país todo se una para discutir de boa fé

⁴³ Conforme pode ser verificado nos anexos A e B.

⁴⁴ Aliás, se ele pudesse ou quisesse se formar como um foneticista (ou fonólogo) em seu país, isso não seria possível, uma vez que não havia esse curso, assim como não havia uma Faculdade de Letras (Linguística) bem equipada em Lisboa. Essa Faculdade apenas surgiria a partir de 1911.

quem tiver estudado o problema, e que êste se resolva estabelecendo-se ORTOGRAFIA PORTUGUESA.”. (VIANA, 1885, p.14, grifos do autor).

Por fim, podemos concluir que A. R. Gonçalves Viana foi sensível aos acontecimentos sociais e políticos do seu país, mas não entrou para o ramo da política. Ele formou-se como um linguista proficiente, principalmente por meio do diálogo que estabeleceu com os grandes intelectuais do seu tempo, informando-se sobre os estudos linguísticos desenvolvidos pela linguística comparativista (com Bopp, Grimm e Rask), e, depois, dos trabalhos dos neogramáticos, cujas regras e sistematicidades das línguas estavam em foco com o olhar na sua realização concreta no tempo e no espaço, uma vez que as línguas eram vistas como produtos históricos.

Essas abordagens, para o estudo das línguas, denotavam não só programas de estudo, mas também a erudição do linguista nos séculos XVIII e XIX que permeavam os trabalhos dos filólogos portugueses (em maior ou menor grau) no tempo de Viana.

2. PARTE HISTÓRICA

It is not possible to understand developments in linguistics without taking into account their historical and cultural contexts⁴⁵. (CAMPBELL 2003, p.81).

2.1 Cenário europeu do século XIX

Nesse subitem, buscamos compreender os desenvolvimentos da linguística portuguesa (e europeia), olhando para o contexto no qual ela se desenvolveu essencialmente.

O cenário europeu do século XIX mostra uma sociedade em transformação acelerada nas mais diversas esferas da vida social.

Na política, iniciava-se a República, instaurada no lugar da Monarquia (isso não só em Portugal, mas em muitos outros países), incentivando o dinamismo econômico e cultural entre as nações⁴⁶.

Na vida urbana, houve grande desenvolvimento das cidades, proporcionado pela Industrialização, pela expansão de mercados consumidores e pelos desenvolvimentos tecnológico e científico que lhes acompanharam. A eletricidade, o cinema, o automóvel, a fotografia e o telefone são algumas das invenções que floresceram e rapidamente se popularizaram nesse período. Essas inovações, fruto do desenvolvimento científico, criaram uma visão entusiasta acerca do progresso e da ciência.

Nesse contexto, uma síntese do progresso que vinha do século XIX, entrando no século XX, foi a Exposição de Paris de 1889, para a qual foi construída a Torre Eiffel como símbolo dos avanços da civilização naquele momento. Segundo cálculos da época, 28 milhões de pessoas visitaram essa Exposição.

Outro destaque desse período foram as intensas atividades artísticas, culturais e intelectuais definidas, em seu conjunto, como *Belle Époque*, bela época. Paris tornou-

⁴⁵ Não é possível entender os desdobramentos da linguística sem levar em consideração o seu contexto histórico e cultural (CAMPBELL 2003, p.81, trad. nossa).

⁴⁶ Conforme LESCUYER, G.; PRÉLOT, M., 2001; SARAIVA, A. J de., 1972; BERNAL, 1973; BIRMINGHAM, 2009; HOBSBAWM, E. J., 1988, HALL, 1985.

se a cidade luz⁴⁷, bastante representativa desse momento com seus teatros, óperas, balés, livrarias etc.

O fascínio popular pelas novidades era o espírito da época, uma vez que a modernização e o progresso acelerado redefiniram o conceito de cidade. Essa transformação evidenciava o contraste de dois tempos: o presente moderno, industrial e tecnológico do século XIX, oposto ao passado rústico, medieval, ultrapassado. Essa oposição se refletia ainda na arquitetura desse período, que tendia a seguir duas direções: ou a tradição ou a inovação. O movimento estético denominado *Arts and crafts movement*, isto é, movimento de artes e ofícios, contrastava a figura do artesão com o trabalho industrializado.

Esse contraste entre a tradição obsoleta e a euforia pela inovação foi reforçada ainda pela mídia impressa do século XIX. Ela era mais barata e acessível ao público, fazendo com que variados assuntos (política, ciência, literatura, filosofia etc.) tivessem maior visibilidade, o que motivava a circulação de novas ideias e debates.

Teixeira Bastos (1857 - 1902), por exemplo, foi jornalista, ensaísta, poeta português e sócio da Academia das Ciências de Lisboa, que, celebrando essa nova realidade, ampliadora da informação, do conhecimento e da inovação, afirmou: “[...] só o conhecimento nos liberta da ortodoxia obscurantista da religião e nos ensina o que somos e o que devemos querer.” (BASTOS, 1879, p.33).

Também recorrente no século XIX era o discurso da defesa do desenvolvimento e do progresso social, sem a interferência religiosa cristã tradicional, vinda da Idade Média. Para muitos, as tradições medievais eram discutidas como um passado de trevas, no qual o homem era retrógrado ou bárbaro e não tinha o domínio de si, sendo necessário libertar-se definitivamente dessa realidade opressiva e obsoleta.

A reflexão acerca de uma nova organização social, para a qual o homem moderno e cidadão deveria situar-se, estava em intenso debate nas correntes filosóficas europeias mais expressivas desse período, como o Iluminismo, o Positivismo, o Socialismo etc. E o denominador comum entre essas correntes filosóficas é o esforço intelectual empenhado para transformar o indivíduo e a sociedade, elucidando-os para a necessidade de um novo mundo. Em função disso, todos esses pensamentos

⁴⁷ Este termo “luz” é devido à corrente filosófica Iluminista e não à iluminação pública de Paris ou à Torre Eiffel (MASON, 1962).

apresentaram um projeto de mundo⁴⁸ e, conseqüentemente, questionaram ou propuseram uma reforma social profunda.

Desse modo, era recorrente o discurso da busca por novas práticas político-sociais para os novos tempos, em oposição declarada ao velho modo de vida medieval e seus costumes.

Houve, ainda, o aumento do interesse popular e autodidata pelas ciências. Segundo Mason (1962, p. 359) “podemos dizer, sem dúvida, que o número das pessoas que se interessavam ativamente pela ciência quase centuplicou na Inglaterra durante o século XIX”. O autor destaca que muitos desses cientistas autodidatas eram pessoas de baixo poder aquisitivo, sem vínculo acadêmico e sem financiamento algum (MASON, 1962).

Em Portugal, Gonçalves Viana é um exemplo desse tipo de cientista autônomo. Ele realizou diversas pesquisas nas áreas da Fonética, da Fonologia, da Filologia, da Lexicologia, da Educação etc., sem nunca ter feito um curso universitário ou posteriormente pertencido a instituições acadêmicas de modo formalizado. Mesmo assim, suas pesquisas tornaram-se referências importantes na Linguística portuguesa. Isso também mostra que Gonçalves Viana foi um homem de seu tempo e que acompanhava as novidades que aconteciam no mundo europeu.

No século XIX, cresciam as diversas associações comprometidas com o desenvolvimento social e intelectual. Elas estavam ligadas à ciência, à filosofia, à política, aos negócios etc. e tinham a finalidade de promover ações favoráveis ao progresso e ao desenvolvimento humano.

Essas associações eram espaços importantes para a reflexão, para a divulgação de pesquisas e, principalmente, incentivavam o encontro entre estudiosos, políticos, filósofos e demais pessoas interessadas nesses assuntos. A Sociedade de Geografia de Lisboa, criada em 1875, e a Academia das ciências de Lisboa, fundada em 1779, são exemplos.

Muitos debates filosóficos e científicos do século XIX se apresentavam como alternativas viáveis e plausíveis para a nova vida urbana e social — como acontecia em relação ao Positivismo, à Sociologia, à Biologia etc., que influenciaram a opinião pública e os rumos do trabalho científico (MASON, 1962).

⁴⁸ Tal projeto de mundo pode ser definido como o planejamento sistemático que visa à mudança global da cultura (ocidental) pela renovação da mentalidade e da conduta dos indivíduos que compõem essa sociedade.

O resultado das pesquisas de Darwin, com a teoria da evolução das espécies, contribuiu para motivar essa nova perspectiva social do século XIX, apoiada na ciência e no progresso. O estudioso causou polêmicas sobre a origem do homem e colocou a biologia e as ciências médicas em grande debate e destaque. Diversas áreas como a psicologia, a sociologia e a linguística, por exemplo, absorveram as ideias do naturalista, ajudando a alterar o quadro epistemológico dessa época.

Portanto, podemos considerar que o século XIX foi especial porque no seu decorrer o mundo passou por um grande e rápido desenvolvimento científico, filosófico, tecnológico, político e industrial, inaugurando um novo estilo de vida urbano mais dinâmico, mantido e aperfeiçoado até a atualidade. A ciência e a filosofia do século XIX foram marcadas por esse dinamismo em suas mudanças epistemológicas.

2.1.1 Séculos antecedentes ao XIX

Devido à sua dinamicidade, o século XIX é um período difícil de ser analisado e entendido em seus detalhes. Contudo, mais difícil é o seu estudo se desconsiderarmos os séculos antecedentes, que impulsionaram suas transformações.

Por isso, temos, na sequência, uma revisão de acontecimentos históricos pontuais, relacionados aos campos científico, filosófico e linguístico, que foram destacados por serem mais relevantes para esta pesquisa e, sobretudo, porque facilitam a compreensão da linha metodológica, teórica e ideológica identificada nas obras de Viana⁴⁹.

A grande transformação por que passou a Europa no século XIX é resultado dos acontecimentos ligados ao fim da Idade Média, no século XIV, ao Renascimento e ao início da Idade Moderna, nos séculos subsequentes.

No fim da Idade Média, muitas áreas e disciplinas se desenvolveram, revelando gênios, como Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo (1475 - 1564) e Galileu Galilei (1564 - 1642), que viveram em um tempo de redescoberta do mundo e do próprio homem. Nesse tempo, o destino do homem passou a ser regido pela sua própria habilidade e criatividade, saindo, assim, dos paradigmas medievais teocêntricos.

⁴⁹ Há uma série de trabalhos e de autores bastante adequados a este estudo e que ajudam a relacionar a questão histórica à linguística, como Almeida (2012), Paveau, Sarfati (2006), Ronan, (2001), Lescuyer, Prélot (2001), P. Rossi (2001), Évora (1992), Kuhn (1991), Reale, Antiseri (1991), Loyn (1991), Hobsbawm (1988), Auroux (1989) e (2008), Pereira (1979), Saraiva (1972), Bernal (1973), Mason (1962), entre outros.

No teocentrismo, a maneira de ver o mundo e vivê-lo levava o homem a ter uma conduta orientada e centralizada no divino, já no antropocentrismo, o homem tem uma conduta centralizada no humano e em sua potencialidade criativa e transformadora. Portanto, com o fim da Idade Média, o teocentrismo começa a perder espaço para o antropocentrismo.

Essa nova maneira antropocêntrica de ver o mundo resultou em grandes modificações no campo da ciência, com a separação entre ciência e fé, e na nova organização da sociedade europeia que, aos poucos, rompia com a tradição da igreja medieval cultivada durante séculos⁵⁰.

Mesmo a lógica aristotélica, presente na filosofia e na ciência da Idade Média (sobretudo na Escolástica), foi criticada e superada pelos pensadores do pós-medievo. Ela primava pelo estudo das operações de pensamento (lógica formal) e por sua aplicação segundo a matéria ou a natureza dos objetos a conhecer (lógica material). A lógica pós-aristotélica realizou outro tipo de estudo, centrado na técnica, na experiência, na observação dos fatos (HUISMAN, 2004).

Nesse contexto, Francis Bacon (1561-1626) opõe-se à obra *Organon* de Aristóteles, escrevendo *Novum Organum*, que dá origem ao empirismo e que culmina, no século XIX, com o Positivismo.

Descartes (1596-1650) é outro estudioso de destaque nesse contexto. Ele buscou novos métodos para a filosofia e para a ciência, fora dos procedimentos da lógica aristotélica clássica.

Desse modo, a filosofia e a ciência pós-medieval inauguraram um novo trajeto para si, buscando orientação científica e filosófica focalizada no resultado da experiência, da técnica ou de um tipo de pensamento diferente do que havia ocorrido no passado.

Essa mudança de paradigma fica mais clara quando se comparam os procedimentos e encaminhamentos filosóficos e científicos da Idade Média com os da Idade Moderna.

Durante muito tempo, o que as filosofias da Idade Média buscavam refletir era a situação do homem e de Deus, de uma forma integrada, isto é, analisavam o humano

⁵⁰ A Idade Média surge com o fim do Império Romano no século V. Os cristãos desse período se organizam de modo a agregar os diversos reinos bárbaros formados com as sucessivas invasões, tendo seus chefes se convertido, pouco a pouco, ao cristianismo. Essa estratégia ajudou a Igreja a torna-se soberana na vida espiritual e social no mundo ocidental, assim atuando até o século XV, quando começa a perder sua autoridade.

na sua experiência com o divino e com o mundo. Nessa perspectiva, surgem a Patrística e a Escolástica.

Na Patrística, os padres da Igreja Católica desenvolvem reflexões sobre a religião. Preocupam-se com as relações entre fé e ciência, a natureza de Deus e a da alma e a vida moral. As ideias de Platão são relacionadas a essas reflexões e o estudioso de maior destaque desse grupo é Santo Agostinho (354-430).

Na Escolástica, a filosofia é um instrumento de auxílio para o trabalho teológico, que se desenvolveu do século IX até o Renascimento. Santo Tomás de Aquino (1225-1274) destacou-se na tradição Escolástica. Trouxe, por exemplo, a reflexão da ciência aliada à fé como uma forma de entender a Revelação⁵¹. Ele buscou em Aristóteles elementos importantes para argumentar em favor desse equilíbrio entre razão e fé e escreveu a *Suma Teológica*, obra que se tornou a principal referência na filosofia Escolástica.

Após a Idade Média, surgiu uma filosofia inovadora, que abandonou a reflexão do divino e do humano dentro da experiência religiosa. Por isso, a Metafísica⁵² deixou de ser estudada e o modelo aristotélico de inteligibilidade e as reflexões platônicas da Idade Média foram superados.

Essa mudança de perspectiva, portanto, foi um grande marco na história da filosofia porque fez com que o estudo religioso seguisse outra direção: a da observação da atitude religiosa do homem, deixando de fora o envolvimento do filósofo dentro do fenômeno espiritual.

A filosofia e a ciência passaram a se orientar pela razão separada da fé. A observação e o trabalho empírico, experimental tornaram-se métodos fundamentais, considerados mais seguros e válidos para se desenvolver o saber. Houve, portanto, grande mudança quanto à maneira de se fazer ciência e filosofia.

As ciências exatas, como a Matemática e a Física, estiveram à frente dessa nova etapa na fase do Renascimento. Elas contribuíram para reorganizar um novo fazer

⁵¹ No cristianismo a Revelação é a intervenção divina capaz de comunicar aos homens os desígnios de Deus.

⁵² Parte da filosofia que estuda o “ser enquanto ser”, isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares; estudo do ser absoluto e dos primeiros princípios. É para Aristóteles a ciência primeira, na medida em que fornece a todas as outras o fundamento comum, isto é, o objeto ao qual todas se referem e os princípios dos quais dependem. Exemplos de conceitos metafísicos: identidade, oposição, diferença, todo, perfeição, necessidade, realidade etc.. Alguns problemas metafísicos: a essência do universo (cosmologia racional); a existência da alma (psicologia racional); a existência de Deus (teologia racional ou teodiceia). (MARTINS, ARANHA, 1993, p.380).

científico, direcionado à técnica, à experiência, à habilidade humana. Autores como Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), Isaac Newton (1642-1727) e G. W. Leibniz (1646-1716) foram fundamentais nessa revolução epistemológica.

A discussão acerca do método científico considerava dois pontos fundamentais: o objeto conhecido e o sujeito que conhece. Nessa linha, o sujeito é o parâmetro do saber. Ele é o portador da razão que analisa e define o objeto conhecido e a maneira de conhecê-lo.

Os filósofos dedicados a essa questão do método foram Descartes, Bacon, Locke⁵³, Hume, Spinoza. Em Descartes⁵⁴, por exemplo, o ato de duvidar torna-se um método científico, chamado de método cartesiano. “Penso, logo existo” é uma máxima bastante conhecida e ilustra a atitude antropocêntrica no bojo do trabalho científico e filosófico desse momento.

Os filósofos e cientistas da Idade Moderna elevaram a razão como um importante instrumento da ciência, deixando a fé no limite da religião. Com isso, evidenciaram a separação entre fé e razão, opondo-se, portanto, às práticas teocêntricas da Idade Média, que buscavam reafirmar a Revelação sem refutá-la e sem separá-la da ciência e da filosofia.

Dessa forma, a filosofia moderna ofereceu novas perspectivas intelectuais ao homem, a fim de redesenhar sua realidade, sua cultura, como também criar novos referenciais e novos modelos de pensamento.

O primeiro referencial criado surge na Renascença, com o antropocentrismo, que coloca o homem no lugar do divino (teocentrismo). O homem antropocêntrico promove o humano e celebra suas habilidades criadoras no lugar do divino. É por isso que a contemplação da Revelação deixa de ser uma prática filosófica na Idade Moderna.

⁵³ John Locke (1637-1704) foi um importante filósofo inglês, cujo nome também está associado fortemente à política e à economia. Em meio à crise política do século XVII, Locke foi o teórico da monarquia constitucional, refletindo ainda sobre o problema do conhecimento humano, o ensino, a psicologia ligada ao conhecimento, os limites do entendimento, enfim, a essência da sua filosofia fundamenta-se na experiência e na observação e, por isso, rejeita a metafísica. Locke foi um crítico de Descartes. (MARTINS, ARANHA, 1993, p.470).

⁵⁴ René Descartes (1596-1650) iniciou a sua reflexão filosófica a partir de seus estudos no Collège Royal de La Flèche, cujo ensino era dirigido pelos jesuítas. Descartes se opôs ao conteúdo do ensino, da metodologia e do pensamento jesuíta, tendo desenvolvido uma reflexão filosófica, não dogmática, acerca do método científico. Empreendia seus estudos com rigor matemático e interessava-se por diversas áreas do saber, as quais, segundo o filósofo, estão interligadas. Em seus estudos, sugeriu a união da álgebra com a geometria, o que inaugurou a geometria analítica e o sistema de coordenadas, ou seja, o sistema cartesiano. (MARTINS, ARANHA, 1993, p.730).

O segundo referencial parte do individual para o coletivo, projetando o homem antropocêntrico na vida social antropocêntrica. Para isso, uma nova sociedade pensada e um projeto de mundo é criado. É o que propõe o Iluminismo, o Positivismo e etc, sendo esse o contexto da República emergente que destronou os reis do poder absoluto, redefinindo a vida da população nas cidades.

Seria incompatível ao homem antropocêntrico viver em uma sociedade teocêntrica medieval. Então, essas transformações intelectuais da Idade Moderna podem ser traduzidas como esforços para se criar uma nova sociedade para o novo homem (pós-medieval).

O Iluminismo foi fundamental para divulgar e sistematizar os princípios da Idade Moderna. Seu projeto social era o de reorganizar o mundo por meio da razão. Immanuel Kant (1724 — 1804) é um importante filósofo desse movimento. Para ele, o conhecimento só pode ser empírico. A certeza demonstrável é a única medida válida para o conhecimento.

A reflexão de Kant sobre o racionalismo tornou a Metafísica um estudo ainda mais obsoleto e a razão, por sua vez, foi ainda mais exaltada, gerando críticas no sentido de limitar a visão filosófica às ciências exatas. Reale (1990, p.672) afirma:

[...] os iluministas têm confiança na razão — e, nisso, são herdeiros de Descartes, Spinoza ou Leibniz -, mas, diversamente das concepções desses filósofos, a razão dos iluministas é aquela do empirista Locke, que analisa as idéias e as reduz todas à experiência. Trata-se, portanto, de uma razão limitada: limitada à experiência e fiscalizada pela experiência. A razão dos iluministas é a razão que encontra o seu paradigma na física de Newton, que não aponta para as essências, não se perguntando, por exemplo, qual é a causa ou a essência da gravidade, não formulando hipóteses nem se perdendo em conjecturas sobre a natureza última das coisas, mas sim, partindo da experiência e em contínuo contato com a experiência, procura as leis do seu funcionamento e as submete à prova.

Outra crítica a Kant vem da desconfiança deste tipo de raciocínio que afirma que o conhecimento só pode ser empírico (como se o método científico tivesse encontrado uma solução definitiva a ponto de reorganizar o mundo unicamente por meio da razão, como almejava Kant).

Nesse sentido, a ciência moderna não teria espaço para ir além do que é comprovável, isto é, ela não poderia olhar e analisar a realidade através de outras

perspectivas que não a empírica. Isso nos faz questionar o pensamento de Kant sobre qual a prova de que só existem conhecimentos empíricos.

2.2 O mito da Idade das Trevas

Santo Agostinho (†430) talvez tenha sido o primeiro teólogo a valorizar a razão a serviço da fé e da vida; era um intelectual; escreveu a um discípulo: “Deus te livre de supor que Ele odeia em nós precisamente aquela virtude pela qual nos elevou acima dos seres. Não agrada a Deus que a fé nos impeça de procurar e de encontrar as causas. Com toda a tua obra esforça-te para compreender!” (ROPS, 1991 p.41).

O termo Idade das Trevas e a sua semântica negativa é herança do movimento intelectual iluminista. Segundo F. Aquino (2012, p.79) “Para os iluministas, a Idade Média foi a Idade do atraso, onde o conhecimento era reservado a poucos; o saber dominado pela Igreja, que assim dominava o povo ignorante com superstições e misticismos; e que cientistas eram assassinados [...]”.

Assim, autores iluministas, como Diderot, D’Alembert, Montesquieu, Rousseau⁵⁵, Turgot, Condorcet, Voltaire etc., procederam de modo a combater o tempo os costumes da Idade Média, porque eles viam que o povo ainda estava ligado a antigos costumes do *ancien regime* e que isso atrapalhava a execução de suas ideias⁵⁶.

⁵⁵ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) tornou-se mais conhecido devido ao filósofo Immanuel Kant, propugnador e divulgador de suas ideias. Kant mostrou que Rousseau era um dos “guias que conduzem para o grande objetivo, a derradeira perfeição: a sociedade das nações”. Rousseau via que a história, com sua má influência (como na Idade Média) havia impossibilitado o homem de realizar a sua natureza e virtude. Ele defendia a ideia de que o homem era originalmente bom, mas corrompia-se devido à cultura, à sociedade e às instituições ruins. Defendia uma reforma social, moral e política fundamentada basicamente na liberdade, na fraternidade e na autonomia. O filósofo rejeitava o “pecado original”, no sentido cristão, em que o homem nasce com uma tendência natural ao mal. Assim, Rousseau contradizia o “pecado original”, dizendo que a essência do homem era boa e não má e ainda defendia o restabelecimento da visão que o homem tinha de si mesmo. A reflexão de Rousseau levava à necessidade de uma reforma tripla na sociedade: a religiosa, a política e a pedagógica. Reformar a educação era essencial para a mudança cultural. Sua influência foi muito grande no Iluminismo e no Romantismo.

⁵⁶ Como foi dito anteriormente, eles objetivavam criar uma nova sociedade para um novo homem. Para isso, empreenderam grande movimento intelectual e cultural de maneira a intervir no curso da história, com o objetivo de reorganizar o mundo sob uma nova perspectiva.

A metafísica da Igreja medieval era um desses paradigmas antigos que precisava ser quebrado e, uma via importante para alcançar esse objetivo estava na valorização da razão. Para Kant, o homem não precisava da ideia de um ser superior para reconhecer o seu dever, e, assim, o ser humano não deveria obedecer senão à razão.

Voltaire, considerado o *patriarca da incredulidade Moderna*, destaca que o cristão era um ser desprezível. Em carta datada de 3 de outubro de 1761 (Oeuvres, XLI, p.466), diz: “Ah! Bárbaros, ah! Cristãos cachorros [...], eu vos detesto! Meu desprezo e minha aversão por vós aumentam continuamente”. Para ele, o cristianismo seria a grande impostura, a grande superstição, o pernicioso inimigo que importava destruir a todo custo e por todos os meios. Jesus Cristo era “un homme de rien, méprisable, qui n’avait ni talent, ni science, ni adresse.”⁵⁷

Através de debates e publicações, os iluministas faziam circular na sociedade suas críticas e propostas para formar essa nova cultura menos mística e mais racional. As feiras de livro eram uma das suas técnicas de divulgação e circulação de novas ideias, tendo sido criadas pelo alemão Friedrich Nicolai (1733- 1811), editor, autor e livreiro. Ele selecionava livros relacionados a determinados temas de sua preferência e os comercializava ou distribuía gratuitamente.

Essa medida que favorecia a distribuição de livros e periódicos sobre assuntos específicos crescia e dava vida às ideias, o que ajudava a gerar um clima intelectual. A mídia impressa era importante nesse sentido.

Esse tipo de estratégia usado pelos iluministas contribuiu para criar uma visão desfavorável da Idade Média e que permaneceu por muito tempo. É importante, nesta tese, destacar esse fato, que ainda hoje persiste em referências historiográficas circulantes (como dissemos anteriormente) que explicam, equivocadamente, a ciência pós-medieval. Porém, alguns estudiosos importantes da atualidade têm atualizado essas questões (Jacques Le Goff, Étienne Gilson, Daniel Rops etc.). H. R. Loyn (1991, p.5, 6, 7-8) propõe a seguinte reflexão:

[...] O medievo não significa somente a fundação da Europa em suas bases cristãs e romana. No bojo da Idade Média gerou-se o mundo moderno. Lá, com Ockham, Oresme e outros, surgiram os fundamentos da ciência contemporânea, como tão claramente comprovou Pierre Duhem. Ao chamarem de obscurantista a Idade Média, os historiadores liberais a ela opuseram o grande clarão do Renascimento. Ao fazê-lo esqueceram duas coisas: inúmeros proto-renascimentos que ocorreram durante o Medievo, e o fato de que os

⁵⁷ “Um homem de nada, desprezível, que não tinha nem talento, nem ciência, nem argúcia”.

homens geniais da Renascença formaram-se no chamado Baixo-Medievo. E mais: esqueceram a revivescência dos sentimentos religiosos no *Quatrocento*, e ainda, que a Renascença não começou com os Humanistas e Petrarca, mas com Francisco de Assis. E mais: que o medievo foi uma eclosão contínua de Renascenças: a Carolíngia, a do Século XII, a Franciscana, a Otoniana, a Escolástica, a Nominalista. [...] e a ressurreição dos estudos clássicos, fonte do humanismo europeu. [...] É claro que a civilização medieval foi uma civilização eminentemente religiosa, mas não divorciou o homem da terra. Ela, a terra, se transformou em sua oficina. Explodiram as invenções: a do arado, a do moinho, d'água e do moinho de vento, a dos teares, etc. Se a atividade rural continuou sendo a base de tudo, um insurgente artesanato provocou um movimento de urbanização. Com o nascimento das cidades aceleraram-se as trocas, desenvolveu-se o comércio. Delinearam-se as bases de uma economia monetária.

[...] talvez a maior criação medieval: a Universidade, que surge em Praga, Pádua, Bolonha, Salamanca, Paris, Montpellier, Óxford, Cambridge, Viena, Cracóvia e Heidelberg. Em Toledo funda-se a escola dos grandes tradutores árabes, que redescobrem Aristóteles” [...] E há Dante. E há Giotto. Nas cidades flamengas, pintores como os irmãos Eyck, Rogier van der Weyden, e escultores como Sluter ampliam gloriosamente o patrimônio cultural do Ocidente.

[...] Publica-se a grande enciclopédia de Adelardo de Bath que explora longamente a anatomia e a fisionomia humanas. O humanismo medieval não esperou pelo humanismo renascentista para penetrar os segredos do corpo. E retornou à concepção estóica do mundo como uma fábrica: ela produz segundo a vontade do homem. A oposição entre a razão e a experiência se torna menor graças a Roger Bacon e Rober Grosseteste. O empirismo começa a dar sinais de vida.

Hoje, grandes historiadores ingleses e franceses, dentre os quais se destacam Georges Duby e Jacques le Goff, Guy Fourquin e George Holmes, estão desmontando o mito alinhavado pelos historiadores liberais do século XIX, sobretudo por Michelet. A revisão é total, assentada no rigor da análise documental, que torna a fraude da história um fato arquivável.

Seguindo o mesmo pensamento, o historiador Paolo Rossi diz: “Hoje, sabemos que o mito da Idade Média, como época de barbárie, era, justamente, um mito, construído pela cultura dos humanistas e pelos pais fundadores da modernidade.” (ROSSI, 2001, p.15).

Como mito, dizia-se ainda que na Idade Média não se fazia ciência experimental, o que foi desmentido pelo conhecimento do trabalho do frade inglês Roger Bacon (1214-1294). Ele fez descobertas no setor da ótica e empreendeu várias invenções mecânicas (máquinas a vapor, barcos etc.). Deixou registros importantes, como a obra *Os segredos da Arte e da Natureza*, em que antevê o telescópio, o

microscópio e as estradas de ferro etc. Há ainda as obras *Opus Maius*, *Opus Minus* e *Opus Tertium* e, em seus escritos, foi encontrada uma fórmula da pólvora, que ele pode ter tomado dos árabes numa época em que os europeus quase não a conheciam. O frade foi precursor do método adotado por Francis Bacon (1561-1626), e era conhecido como Doutor admirável (AQUINO, 2012; ROPS, 1991).

Rops (1991) destaca ainda a figura de santo Alberto Magno (1193-1280) que disse que “a experiência, através de repetidas observações, é a melhor mestra no estudo da natureza”⁵⁸ em sua obra *De Animalibus*.

Na França, a escola da Catedral de Chartres foi uma instituição de ensino que se destacou no século XII e contribuiu com a ciência. Nela foram desenvolvidos muitos estudos no campo da Lógica, da Matemática, da Astronomia e da Física e ainda estudos islâmicos. Thierry de Chartres foi supervisor e chanceler da escola. Ele era filósofo e teólogo, tendo supervisionado a construção da fachada da Catedral. Sua atuação na escola da Catedral de Chartres ilustra a vida do intelectual da Idade Média, que integrava diferentes áreas do saber e unia ciência e fé. Para ele (e para muitos estudiosos da Idade Média) as disciplinas do “quadrvium” (aritmética, geometria, música e astronomia) conduziam os estudantes à contemplação da natureza e a observar (apreciar) o padrão com que Deus tinha criado o mundo. Já o “trivium” (gramática, retórica e dialética) possibilitava às pessoas que se expressassem de modo inteligente o que aprendiam com a investigação. Eles não consideravam que a investigação científica pudesse ser uma afronta a Deus, ao contrário, acreditavam que a ciência e a fé se auxiliavam. Por isso, buscavam compreender as leis da natureza através da razão e faziam ciência experimental (AQUINO, 2012).

Aquino (2012, p. 176) diz ainda,

[...] é um grave engano pensar que ‘da noite para o dia’ surgiu um grupo extraordinário de homens nos séculos XVI e XVII (Galileu, Kepler, Descartes, etc.) que conseguiram mudar completamente a maneira de ver o mundo. Esses homens devem seus êxitos ao trabalho árduo de seus antecessores medievais [...] Isaac Newton disse um dia que ‘enxergou longe porque se apoiou no ombro de dois gigantes’ que o precederam na ciência.

Outro exemplo de cientista da Idade Média é o cardeal Nicolau de Cusa (1401-1464). Ele desenvolveu muitos trabalhos em diversas áreas do saber e interessou-se

⁵⁸ *Sobre os Animais*, 1.c.19.

mais pela Matemática e pelas Ciências Naturais. Sua principal obra é *Da Doutra Ignorância* (1440), em que homenageia Santo Agostinho e São Boaventura. Como precursor de Copérnico, assegurou que a Terra não era o centro do universo e, baseando-se nas observações dos eclipses, concluiu que a Terra era menor que o Sol e maior que a Lua.

O cardeal afirmou ainda que esses e outros corpos celestes possuíam velocidades diferentes, propondo, então, a rotação da Terra como explicação do ciclo dos dias. Suas ideias influenciaram grandes personagens como Kepler e Leonardo da Vinci. Para o cardeal “o mundo é uma imagem de Deus e sua Trindade. Partindo disso postula a infinitude do espaço. Quando mais tarde Descartes propôs um espaço-tempo infinito recorreu a Nicolau de Cusa para argumentar a sua tese.” (AQUINO, 2012, p. 177).

Diante dessas manifestações culturais da Idade Média favoráveis ao desenvolvimento científico, Rops questiona: “Como dizer que a Idade Média cristã foi uma longa “noite escura” no tempo?” (ROPS, vol.III, p. 351, 1993).

No entanto, estudiosos e correntes filosóficas, como o Iluminismo, criaram uma antítese à Idade Média, nomeando-a como a Idade das Trevas. Nela, a sociedade foi erroneamente entendida como bárbara e portadora de um pensamento estagnado, obscurantista e aprisionado pelo medo e pela ignorância. Por isso, para os iluministas e seus seguidores, era necessário transformar o homem, a sociedade e a sua história. E para favorecer essa transformação, falava-se negativamente sobre da Idade Média, como um tempo de trevas.

Porém, como se mostrou anteriormente, a Idade Média não pode ser considerada como um tempo cientificamente estéril e socialmente danoso. Estudiosos atuais e alguns mais antigos identificaram esse erro como Voltaire e Diderot, por exemplo. Eles reconheceram estar equivocados quanto aos ataques infundados que fizeram ao passado medieval. Voltaire assinou, de próprio punho, esse reconhecimento na revista dos ilustrados franceses, *Correspondance Littéraire* de abril de 1778 (nas páginas 87 e 88). Diderot registrou o seu engano no livro *Mémoires pour servir à la histoire du Jacobinisme* (1797, v.1).

No entanto, as ideais combativas à Idade Média seguiram curso livre, servindo como uma base importante à formação do pensamento do homem moderno, apesar de esses famosos iluministas terem reconhecido seus equívocos no final de suas vidas.

Deste modo, esta postura combativa ao teocentrismo medieval, que narra (ou reconstrói) fatos históricos de modo parcial, ao gosto daqueles tempos, irá se refletir

bastante nas linhas de pensamento do século XIX. Um exemplo é o Positivismo, que propõe uma nova sociedade e uma nova religião “sem misticismo e sem deuses”.

Por fim, vale destacar que esse programa de mudança cultural de inspiração iluminista predominou em Portugal através do Positivismo. Outro ponto importante diz respeito ao Gonçalves Viana que, aqui, não se enquadra como um homem do seu tempo. Como se notará adiante, sabemos que ele conviveu com pessoas bastante engajadas no Positivismo (como Adolfo Coelho) e até publicou em revista positivista, mas sem promover essas questões filosóficas tão presentes no século XIX. Ao contrário disso, ele defendia posturas mais tradicionais quando era convidado a falar sobre o seu tempo. Por exemplo, quando Gonçalves Viana é entrevistado pelo periódico *República* (de 14 de setembro de 1912, portanto, 2 anos antes de seu falecimento) sobre a Literatura do momento, que o desagrada, ele diz não haver renascimento literário, exceto na poesia, porém “incompletamente esboçado”.

2.3 O Positivismo e a sua repercussão em Portugal

O positivismo é a filosofia duma época, em que o desenvolvimento das ciências levou à convicção inabalável de que a humanidade se havia emancipado das dependências que a religião e a metafísica haviam estabelecido. A razão humana, apoiada nas suas próprias forças e na confirmação da experiência, podia desbravar, com segurança, o caminho da verdade que a ciência lhe prometia. (BRANDÃO da LUZ, 2004, p. 251).

Nessa subseção, buscamos explorar o Positivismo por ser a base da ciência do século XIX em Portugal. Essa corrente filosófica se reflete, ainda, nas obras de Gonçalves Viana que analisamos.

O Positivismo foi desenvolvido pelo francês Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier Comte (1798-1857), que, por volta de 1818, passou a utilizar apenas o nome Auguste Comte. Ele pode ser visto como reformador social e filósofo. O pensador francês escreveu obras numerosas e enciclopédicas como o *Curso de filosofia positiva* (1830-1848), o *Sistema de política positiva* (1851-1854), o *Catecismo positivista* (1850) que são as mais conhecidas.

O termo “positivismo” liga-se à ideia da lei dos três estados que Comte criou referindo-se às características globais da humanidade em seus períodos históricos

básicos: o teológico, o metafísico e o positivo, os quais, consecutivamente, representam o percurso da humanidade. A ideia essencial do estado final, isto é, do positivo, é a humanidade chegar à ciência e superar a metafísica, a superstição e a especulação. Desse modo, para A. Comte, o progresso da humanidade depende fundamentalmente do desenvolvimento científico, via e meta para a sociedade positiva.

O filósofo buscava ordenar as ciências experimentais, considerando-as como o modelo ideal do conhecimento humano. Ele valorizava o método empirista, ou seja, a experiência sensível como a fonte principal do conhecimento. Nessa linha, rejeitava o Romantismo⁵⁹, o Idealismo⁶⁰ e as ciências empírico-formais⁶¹ como paradigmas de cientificidade e de referência para as ciências em geral.

De fato, o Idealismo é incompatível com o Positivismo, pois, enquanto no Positivismo a realidade era interpretada através de dados concretos do mundo sensível, no Idealismo, valorizava-se o subjetivismo, isto é, o mundo interior na leitura da realidade, o que reduz o objeto do conhecimento ao sujeito conhecedor. Por isso, os positivistas eram contra os idealistas.

Georg W. Friedrich Hegel (1770-1831) foi o mais importante filósofo do idealismo alemão no século XIX. Sua grande influência pode ser notada pelos muitos discípulos que deixou e que seguiram basicamente duas linhas: os hegelianos de direita e os de esquerda. Os hegelianos de direita buscaram o liberalismo⁶² e os de esquerda

⁵⁹ O Romantismo fundamentava-se na oposição ao racionalismo. Contribuiu para a consolidação dos estados nacionais, tendo despertado sentimentos nacionalistas e uma nova visão de mundo, centrada no indivíduo enquanto ser complexo. O Romantismo manifestou-se em movimentos artísticos, filosóficos e políticos. Um dos seus marcos, na literatura, dá-se com a obra *Die Leiden des jungen Werther* (*Mágoas de Werther* (1774)) de Johann Wolfgang von Goethe (1749 - 1832). Esta obra foi traduzida pela primeira vez em Portugal por A. R. Gonçalves Viana.

⁶⁰ O pensamento idealista compreende o mundo material, objetivo, a partir de sua verdade subjetiva, mental ou espiritual. Ontologicamente, a natureza da realidade é espiritual em sua essência, sendo a matéria ilusória, incompleta, isto é, um reflexo imperfeito de suas formas originais e ideais. De acordo com H. Japiassú e D. Marcondes (1990, p.126), “o termo ‘idealismo’ engloba, na história da filosofia, diferentes correntes de pensamento que têm em comum a interpretação da realidade do mundo exterior ou material em termos do mundo interior, subjetivo ou espiritual”.

⁶¹ As ciências empírico-formais foram elaboradas de acordo com o modelo da física, visando a entender a realidade empiricamente apreensível, ao mesmo tempo em que usam o conhecimento teórico fornecido pelas ciências formais, como a Matemática e a Lógica, que trabalham com objetos claramente representados, criados pela mente.

⁶² Segundo H. Japiassú e D. Marcondes (1990, p.151-152) “O liberalismo político considera a vontade individual como fundamento das relações sociais, defendendo, portanto, as liberdades individuais — liberdade de pensamento e de opinião, liberdade de culto etc. — em relação ao poder do Estado, que dever ser limitado. Defende assim o pluralismo das opiniões e a independência entre os poderes — Legislativo, Executivo e Judiciário — que constituem o Estado”.

apoiaram-se na vertente religiosa e social. Os esquerdistas almejavam uma transformação revolucionária da sociedade como Feuerbach, Marx, entre outros. E, segundo Lenin, não era possível compreender Marx sem ter compreendido Hegel (JAPIASSÚ, MARCONDES, 1990).

Auguste Comte é considerado, ainda, um dos criadores da sociologia. Para o estudioso, os fenômenos sociais podem ser observados e classificados objetivamente como nas ciências naturais, não sendo necessário observar motivações internas, subjetivas de cada indivíduo. Assim, a coleta de dados para a elaboração de estatísticas e a sua correlação com a situação econômica é um exemplo do trabalho objetivo do sociólogo.

O filósofo buscava também o equilíbrio (em sua proposta política de reforma social) entre os elementos da política conservadora (como a defesa da ordem) e a corrente liberal ou progressista (como a necessidade do progresso). Tal ideia de progresso aparece no lema do positivismo comtiano: *o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*.

É possível notarmos esse lema filosófico em fachadas de Igrejas Positivistas, como as que seguem abaixo:

Foto 1: Igrejas positivistas no Brasil. À esquerda no Rio de Janeiro e à direita em Porto Alegre.



Fonte: Grupo de estudos e Pesquisas “História, Sociedade” e Educação no Brasil (HISTEDBR).

As Igrejas Positivistas foram construídas com base na religião da humanidade, a religião positivista elaborada por Comte e difundida por seus admiradores. Para o filósofo, a religião não precisava estar ligada ao sobrenatural ou aos deuses, mas ao esforço humano pela elevação da moral humana e pela sua unidade. A Religião da Humanidade de Comte tinha a proposta de ser natural, racional, científica e humana. Ela seguia um calendário especial, criado para a nova sociedade positivista.

O positivismo exerceu grande influência em Portugal e também no Brasil (que tem em sua bandeira nacional a expressão de inspiração positivista: “Ordem e Progresso”).

As imagens anteriores ilustram as duas igrejas positivistas no Brasil, sendo a da esquerda, no Rio de Janeiro, fundada em 1876 (ou no dia 08 de Arquimedes do ano 88 de acordo com o calendário Positivista de A. Comte) e que era filiada à Igreja Positivista da França. Seus primeiros sócios fundadores foram Benjamin Constant, Oliveira Guimarães, Álvaro de Oliveira, Miguel Lemos, entre outros, que estavam empenhados na instalação e manutenção da República, na reformulação da constituição, na separação da Igreja e do Estado, na ampla reforma do ensino e na promoção da liberdade como um princípio universal (HISTEDBR, 2015).

Em Portugal, o Positivismo foi estabelecido rapidamente, uma vez que esta filosofia apresentava meios modernos e objetivos para a realização de uma reforma social concreta, o que era bastante desejável entre portugueses do século XIX, já que Portugal passava por dificuldades econômicas alarmantes com a urgência da modernização urbana e rural, sem contar os altos índices de analfabetismo. Segundo M. Filomena Gonçalves (2003, p. 751), “de acordo com o censo de 1900, na população maior de sete anos, a percentagem de analfabetos seria de 74%”.

Os principais divulgadores do Positivismo em Portugal foram os lisboetas Teixeira Bastos (1857-1902) e Teófilo Braga (1843-1924). Ambos empenharam-se na promoção e desenvolvimento científico e social na ótica positivista, conforme destacamos no início deste trabalho.

No século XIX, vivia-se um clima de expectativa (e fascínio) de que as mudanças europeias dos séculos anteriores alcançariam Portugal. Nesse contexto, J. Luís Brandão da Luz (2004, p. 240) afirma que

O progresso humano era então considerado um dado indesmentível, graças ao crescente desenvolvimento das ciências positivas, que respondia às mais elevadas aspirações da humanidade e visava um desígnio eminentemente social. No ambiente de crise em que mergulhou o século XIX, várias teorias tinham vindo a propor uma reorganização social, e o positivismo não foge ao desafio, mostrando reunir as condições para realizar os grandes ideais que a Revolução Francesa havia deixado ainda por cumprir. Os positivistas sentem vibrar nos maiores países da Europa ocidental os inícios duma nova civilização, marcada pelo advento dum regime puramente científico e conduzida sob a égide da república federativa.

Brandão da Luz (2004) acrescenta que os portugueses se interessavam por autores positivistas. Isso formava, mesmo que aos poucos, um clima positivista capaz de influenciar a política e o ensino. Freycinet (que era discípulo de A. Comte) foi a Portugal, admitido como professor na Politécnica do Porto.

Sobre os adeptos do positivismo em Portugal Brandão da Luz (2004, p.240) diz:

[...] alimentavam várias iniciativas de divulgação das novas ideias, por meio da publicação de livros, jornais e revistas, e pela acção de muitos professores que, nas escolas secundárias e superiores “derramam uma instrução científica que contribui eficazmente para o desenvolvimento intelectual e para o crescimento progressivo dos elementos orgânicos da nova sociedade”.

Nesse contexto, segundo Ana Luísa Janeira (1987) e Brandão da Luz (2004), a Escola Politécnica de Lisboa passa por uma dupla reforma a partir de 1859. Primeiro, seu edifício é reconstruído devido aos danos causados pelo incêndio de 1843. Depois, sob a orientação positivista, o ensino ali ministrado é totalmente reformulado e a Escola exerce grande influência na difusão do positivismo em Portugal, juntamente com outras.

As disciplinas da Escola Politécnica de Lisboa são organizadas em função da problemática social e econômica, conforme o modelo filosófico comtiano. Nele, as disciplinas estão ligadas entre si e convergem para criar uma visão mais sofisticada do homem em relação ao mundo e em relação a si mesmo. Assim surgem áreas disciplinares como a *Economia Política* e *Princípios de Direito Administrativo e Comercial*.

Ainda segundo Brandão da Luz (2004, p.250), “A Politécnica nasce para intervir na modernização do país, em consonância com os interesses das forças produtivas da sociedade [...] Aliás, é o carácter prático do conhecimento científico, a sua aplicação material, a sua capacidade de qualificar a juventude para ser agente a prosperidade do país [...]”. Desse modo, a filosofia positivista coloca o país no rumo do progresso, sendo a área educacional uma importante ferramenta para isso.

Porém, o desenvolvimento no campo da reflexão filosófica, das descobertas científicas e tecnológicas, com pensadores genuinamente portugueses, estava em segundo plano, pois Portugal implantava ideias de reformas sociais vindas do estrangeiro. Ana Luísa Janeira (1987) destaca que importar pensamento de autores como Comte, Littré, Darwin, H. Spencer, entre outros, era uma tendência portuguesa.

Essa situação parece se justificar pelas dificuldades econômicas por que passava Portugal naquele período, havendo a busca de boas estratégias que pudessem resolver concretamente essa situação, sobretudo na figura da formação do cidadão *funcional*, nos termos de Ana Luísa Janeira (1987), o qual seria o elemento ativo da transformação social almejada.

Essa proposta parecia interessante a uma nação que não havia conseguido acompanhar as mudanças que vinham acontecendo no cenário europeu dos séculos anteriores e que ainda havia passado pela dificuldade de enfrentar embargos de países de industrialização forte e que não permitiam que países concorrentes mais fracos crescessem no mercado. Segundo Pereira (1979, p. 46-47),

Aproveitando a precocidade de sua Revolução Industrial, a Grã-Bretanha procurou dominar o mercado mundial de produtos industriais: era-lhe para isso necessário impedir a industrialização das outras nações européias. Não o conseguiu no caso da França e da Alemanha, para não citar senão dois dos principais exemplos. Mas a sua acção destrutiva foi extraordinariamente eficaz em quase todos os países mediterrânicos, à excepção de regiões como o Piemonte e a Catalunha. Em Portugal, a concorrência industrial inglesa quase obstruiu a incipiente mecanização da indústria no princípio do século XIX.

Segundo A. José Telo (1994), Portugal, em 1881, tinha uma população de aproximadamente 90.998 trabalhadores, dos quais 10% trabalhavam em unidades fabris e 90% trabalhavam com manufatura sem qualquer forma de mecanização. A máquina a vapor, destinada à industrialização, foi introduzida em Portugal em 1835, isto é, 75 anos após o advento da Revolução Industrial.

Nesse contexto, a valorização da ciência (vista como criadora de invenções capazes de produzir riqueza e poder) estava ligada à expectativa de melhora social, refletindo em planos de reforma educacional, política, social etc. Nesse sentido, para Brandão da Luz (2004, p. 245-246):

A panaceia dos males sociais e a forma de recuperar o atraso económico passavam pela aposta nos inquestionáveis benefícios que o desenvolvimento das ciências poderia trazer [...] Não será de estranhar que o período liberal tivesse concedido uma atenção especial ao ensino e que a preparação científica e técnica das novas gerações da classe média fosse considerada a resposta adequada que a sociedade reclamava da universidade. À semelhança do que aconteceu em França, Alemanha e Inglaterra e já havia sido visado pela reforma pombalina, surgiram cursos, escolas e institutos com novo perfil.

Diante desse cenário português de atraso industrial, econômico e educacional os projetos de reformas e as novas ideias filosóficas, principalmente o positivismo, foram assimiladas rapidamente por pessoas ligadas ou à política, ou às universidades, ou por estudiosos e cientistas, como é o caso de Gonçalves Viana.

Na área da Linguística, o positivismo foi bastante expressivo. Em meados do século XIX, a crítica ao comparativismo fundamentou-se “sobre uma renovada exigência de cientificidade em função do contato com o positivismo filosófico de A. Comte (1798-1857) [...]” (PAVEAU, SAFATI, 2006, p.25). Essa crítica redireciona os estudos linguísticos desse momento, sobretudo entre os neogramáticos, que assimilam os princípios do positivismo em seus trabalhos.

Posteriormente, as ideias de Comte também receberam críticas por serem consideradas científicas e deterministas. Suas propostas pareciam reduzir as potencialidades humanas e sociais a fórmulas previsíveis e definitivas, sendo que a complexidade do humano mostrava-se mais subjetiva.

Os críticos de A. Comte entenderam, ainda, que as ideias positivistas restringiam ou obstruíam o trabalho do filósofo (como é o caso de García Morente (1996) que acredita que o positivismo é o suicídio da filosofia). Segundo Oliveira Martins (1928, p. 59) “o positivismo nos oferece um exemplo singular de uma escola de filosofia onde abundam médicos, engenheiros, economistas, e até literatos, mas onde não há filósofos”.

Na área dos estudos de linguagem, Karl Vossler (1872-1949) critica o positivismo em sua obra *Positivismo e Idealismo na Ciência da Linguagem* (1904), denunciando muitos problemas e erros de pesquisas linguísticas da época que se sustentavam sob os ditames positivistas.

3. PARTE BIOBIBLIOGRÁFICA

3.1 Biobibliografia de A. R. Gonçalves Viana

Figura 1: Aniceto dos Reis Gonçalves Viana
(1840-1914)



Fonte: J. L. de Vasconcellos (1917, p.4).

3.1.1 O percurso desta pesquisa biobibliográfica

Nesta pesquisa, não buscamos fazer a biografia definitiva de Gonçalves Viana, mas apresentar fatos de sua vida a partir da documentação disponível que reunimos neste estudo. Foram 195 produções biobibliográficas que identificamos e organizamos em forma de uma lista no Apêndice B⁶³.

⁶³ No Apêndice B, encontram-se obras, artigos em periódicos, notas, anotações, cartas, documentos e trabalhos do autor. A lista é fruto de investigação que percorreu (no Brasil e em Portugal) bibliotecas, livrarias, institutos e demais locais onde poderia haver registros biográficos e bibliográficos de Gonçalves Viana. Esses materiais abrangem assuntos relacionados à Filologia, Lexicologia, Fonética, Fonologia, Glotologia, tradução, ortografia, ensino, ensino de línguas, literaturas e apreciações breves e gerais (em cartas e periódicos) sobre tradução, memorização, fatos corriqueiros (problemas de saúde) etc.

Em Portugal, procuramos materiais em Lisboa (Universidade de Lisboa, Biblioteca Nacional, Torre do Tombo, Instituto Camões), Coimbra (Universidade de Coimbra) e Porto (Universidade do Porto).

Visitamos, ainda, bibliotecas municipais como as bibliotecas Penha Franca, Orlando Ribeiro, ambas em Lisboa, a Biblioteca Municipal de Coimbra, a Biblioteca Pública Municipal do Porto, a Biblioteca Municipal Almeida Garrett (localizada no Porto). E, ainda, sebos, livrarias antigas (como a Livraria Chardron também conhecida como Livraria Lello e Irmão), no Porto, e mais livrarias nas demais cidades visitadas⁶⁴.

No Brasil, nossa pesquisa percorreu a Biblioteca Nacional, as bibliotecas de Universidades como Unicamp, Unesp e USP e, eventualmente, outras bibliotecas menores⁶⁵ como a Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro.

Essa investigação presencial permitiu-nos verificar as obras e cartas que não estão disponíveis via internet nos sites das bibliotecas e institutos e, ainda, as obras em estado de restauração ou reservadas em departamentos especiais, como é o caso da Biblioteca de Universidade de Lisboa, na qual encontramos algumas obras de Gonçalves Viana, na Faculdade de Letras, no Departamento de Linguística Geral e Românica.

Durante essa busca por materiais sobre o autor, fizemos registros de imagens relativas aos locais associados à vida dele e que são apresentados na sequência deste estudo com a mesma preocupação documental já mencionada.

3.1.2 Biografias de A. R. Gonçalves Viana

Revisando diferentes biografias disponíveis sobre Viana, notamos a harmonia narrativa que as torna semelhantes por retratarem o autor priorizando sua grande capacidade de superação no campo profissional e científico, que destacaremos neste subitem. Na nossa biografia sobre Gonçalves Viana, contudo, buscamos considerar características e fatos biográficos inéditos.

⁶⁴ Buscamos informações em muitas outras bibliotecas via *on line*, mas, sem sucesso, pelo pouco de informação que elas apresentam sobre o autor. A nossa busca foi mais produtiva em bibliotecas maiores e mais antigas, como as mencionadas neste subitem. Certamente, há outros locais onde poderíamos investigar a bibliografia de Gonçalves Viana, porém, fizemos uma pesquisa suficiente, essencial aos nossos objetivos, e, ainda, porque a pesquisa é datada.

⁶⁵ Menores do ponto de vista de obras linguísticas antigas.

O próprio autor fez a sua biografia destacando esse aspecto da superação da seguinte forma: selecionando acontecimentos específicos de sua vida de modo polarizado; pois, de um lado, ele descreveu a situação desfavorável e dramática dos primeiros anos de sua vida, sobretudo, devido ao falecimento de seu pai e irmão. Ele diz: “[...] havendo ficado, aos dezoito anos incompletos, com o encargo de três pessoas da família, sem ter herdado bens [...]”. E, de outro lado, Gonçalves Viana apresenta a sua ascensão profissional, dizendo: “actualmente desempenha o cargo de Chefe da 1ª Repartição, como chefe de serviço [...]”; e, ainda, o seu percurso acadêmico, narrando: “foi nomeado membro da Comissão de Reforma Ortográfica, juntamente com a Snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e os srs. António Candido de Figueiredo, Francisco Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos [...] e o plano de reforma assentou em trabalhos seus anteriores [...]” (NEVES, *apud* VIANA, 1973, p. 40-41).

A referida reforma ortográfica é a de 1911. Ela foi um marco importante na história da língua portuguesa, por ser a primeira que unificou a escrita nacional, depois de oito séculos de escrita variável em diferentes regiões portuguesas. Neste contexto, Rolf Kemmler (2001, p.267) acrescenta:

[...] o ilustre romanista Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914) conseguiu influenciar a situação ortográfica portuguesa, de tal maneira que levou finalmente a língua a uma normalização ortográfica que serviria de base a todas as reformas posteriores.

Rolf Kemmler (2001) e Maria Filomena Gonçalves (2003)⁶⁶ são autores atuais que, em seus trabalhos metaortográficos, destacaram aspectos biográficos de Gonçalves Viana.

Sobre as biografias de A. R. Gonçalves Viana, há as três seguintes publicações referenciais (pioneiras) e satisfatórias, em seu conjunto. Satisfatórias porque não há muito material que se possa acrescentar a elas:

- 1) *Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biografia* de José Leite de Vasconcelos;
- 2) *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Bio-bibliografia* de Álvaro Neves;

⁶⁶ A obra *As ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana* (1734-1911) (2003), da autora Maria Filomena Gonçalves, indica referências biobibliográficas detalhadas de Gonçalves Viana, que são as seguintes: “Cláudio Basto, A. R. *Gonçalves Viana*, “Revista Lusitana”, XVII, 1914, pp. 209-221; Oscar de Pratt, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana*, “Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal”, 1.^a série, t. II, 2.^a parte, pp. 93-98” (GONÇALVES, 2003, p. 655). Contudo, os estudos atuais sobre Gonçalves Viana focalizaram a história da ortografia portuguesa e não a sua vertente fonética e fonológica.

3) *Gonçalves Viana and the Study of Portuguese Phonetics* de Francis M. Rogers.

Essas biografias foram reunidas na obra *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973), Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, fruto do esforço da Academia das Ciências de Lisboa para homenagear o autor.

O prefácio foi redigido por Luís F. Lindley Cintra e a introdução por José A. Peral Ribeiro. Eles foram os organizadores que justificaram a necessidade da obra com a intenção de honrar e preservar a memória de A. R. Gonçalves Viana pela sua contribuição notável aos estudos linguísticos portugueses.

Essas três biografias detalham a vida e as principais obras do autor seguindo o mesmo padrão narrativo na perspectiva da superação, principalmente J. Leite de Vasconcelos que foi amigo próximo (e admirador) do foneticista, conforme diz: “eu o conheci bem, por ter lidado muito com ele”⁶⁷.

Acrescenta, ainda, características pessoais de Gonçalves Viana, dizendo:

Não havia ninguém mais sincero, mais puro, mais verdadeiro. Incapaz de uma impostura, de uma mentira, se uma vez ou outra contrapunha injustamente palavras asperas, a quem o rebatia, não procedia assim por malquerença ou de proposito: dominava-o o seu nervosismo, a sua imaginação [...]⁶⁸.

Viana possuía ouvido apuradíssimo, que fazia que ele distinguisse os sons mais subtis ou os menos perceptíveis; tinha ao mesmo tempo um dom de memória que permitia não só falar ou entender muitas línguas, mas conservar de cór e reproduzir facilmente longos trechos literários, e até poemas, pois ele me disse que sabia a *Gerusalemme liberata*⁶⁹, inteira ou quase inteira (e de facto lhe ouvi muitas estancias)!⁷⁰

J. Leite de Vasconcelos partilhava suas investigações com Gonçalves Viana pessoalmente e também por correspondência⁷¹. Tinha confiança no trabalho do foneticista, considerando-o uma autoridade reconhecida na área da Glotologia, em Portugal e no exterior. Vasconcelos⁷² diz:

⁶⁷ (LEITE DE VASCONCELOS *apud* VIANA, 1973, p.36).

⁶⁸ (LEITE de VASCONCELOS *apud* VIANA, p.36).

⁶⁹ Obra épica e renascentista do poeta italiano Torquato Tasso (1544-1595). Foi publicada em 1581 e refere-se à Primeira Cruzada com descrições de combates imaginários entre muçulmanos e cristãos. Apresenta 20 cantos, distribuídos em 655 páginas — em uma versão mais recente (1957) pela Mondadori, Milano.

⁷⁰ (LEITE de VASCONCELOS, *apud* VIANA, 1973, p.21).

⁷¹ E que são apresentadas na obra *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973).

⁷² (LEITE DE VASCONCELOS *apud* VIANA, 1973 p. 23).

E de facto quasi sempre comunicámos depois um ao outro as nossas dúvidas, os nossos projectos, os nossos descobrimentos. Da minha parte, sobretudo, não faltaram perguntas a respeito de assuntos fonéticos visto que Gonçalves Viana tinha neste ramo da Glotologia autoridade enorme, e por todos reconhecida, cá dentro e lá fóra⁷³.

Nessas correspondências são mencionados ilustres linguistas como Gaston Paris, Hugo Schuchardt, Henry Sweet etc. por fazerem parte do grupo com o qual Gonçalves Viana interagia e compartilhava suas pesquisas linguísticas. Por exemplo, na carta que segue, Gonçalves Viana diz:

[...] O **Schuchardt** escreveu-me e enviou-me dois fasciculos de trabalhos dele [...] Já os li e anotei, para lhe communicar as minhas impressões, e em breve a elle escreverei [...] § O trabalho do **Sweet** é um artigo publicado em qualquer jornal de sciencias ou literatura, e cuja separata elle me enviou por intermedio de **Gaston Paris**. Heide escrever-lhe quando souber para onde, porque elle analysou a pronúncia de um individuo que se diz de Lisboa, mas cuja pronúncia indubitavelmente está já adulterada [...] ⁷⁴.

Sobre essas primeiras biografias de Gonçalves Viana, podemos considerar que o autor foi, realmente, uma figura notável, bem como outras personalidades que fizeram história. Porém, o estilo narrativo dessas biografias iniciais parece apresentar a figura do foneticista como um “herói da superação” ao gosto daqueles tempos, em que o positivismo era promovido, sobretudo, por acadêmicos e políticos. O progresso, a superação social e pessoal eram a tônica do século XIX e, nesse contexto, a vida de Gonçalves Viana satisfazia perfeitamente essa linha narrativa ascendente.

3.1.3 Sobre o percurso pessoal, profissional e científico de A. R. Gonçalves Viana: a nossa biografia

Neste subitem, apresentamos a nossa versão da biografia de Gonçalves Viana a partir do material biobibliográfico que coletamos e analisamos.

⁷³ Do ponto de vista acadêmico, muito certamente ambos discutiram questões dialetológicas do português, embora com abordagens diferentes, em alguns casos. Veja, por exemplo, a obra de José Leite de Vasconcelos: *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901), sua tese de doutorado defendida na Universidade de Paris.

⁷⁴ (LEITE DE VASCONCELOS *apud* VIANA, 1973, p.33, grifos nossos).

Filho de pais lisboetas, Gonçalves Viana nasceu em Lisboa em 1840 e foi batizado na Igreja Nossa Senhora dos Anjos⁷⁵. A réplica atual dessa Igreja pode ser vista na foto que segue, pois a original foi demolida⁷⁶ e reconstruída no mesmo local, na Freguesia Anjos, devido ao processo de reurbanização da cidade.

A arquitetura também é um indicativo dos acontecimentos culturais da cidade. Mostra, por exemplo, o processo de reestruturação urbana de Lisboa no século XIX.

Foto 2: Igreja Nossa Senhora dos Anjos



Fonte: Instituto de Gestão do Patrimônio Arquitectónico e arqueológico – IGESPAR, 2013.

A próxima foto ilustra a Alfândega (à direita e diante do mar), onde Gonçalves Viana trabalhou:

⁷⁵ Na verdade, chamava-se Igreja dos Anjos (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico — IGESPAR, 2013).

⁷⁶ A Igreja foi demolida em 1908 e reconstruída no mesmo ano, devido à reurbanização naquele local, a fim de possibilitar a melhor acomodação da rede viária. Ela foi reinaugurada em 1910, preservando-se a arquitetura original do século XVII pelo arquiteto José Luís Monteiro. Foram respeitadas as proporções e valores da Igreja primitiva (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e arqueológico – IGESPAR).

Foto 3: Praça do Comércio (Terreiro do Paço) e Alfândega de Lisboa



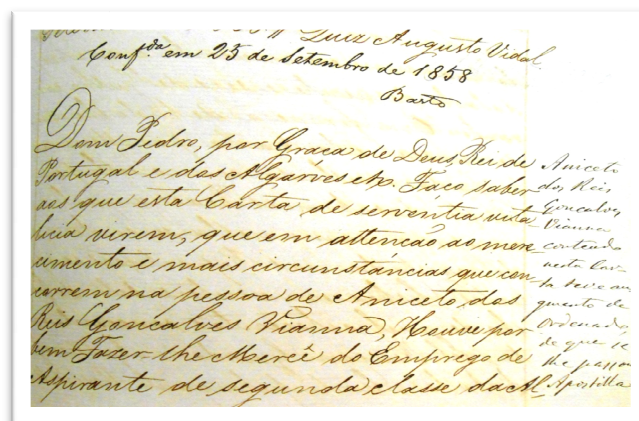
Fonte: Instituto de Gestão do Património Architectónico e arqueológico – IGESPAR, 2013.

Aos 18 anos incompletos, Gonçalves Viana entrou para o serviço público como aspirante da Alfândega do Consumo para suprir as necessidades financeiras de sua família, após a morte de seu pai e de seu irmão mais velho.

Devido ao trabalho, encerrou seus estudos liceais durante longo período e, apenas aos 29 anos, retomou novo percurso de estudos.

O documento que segue é o registro da nomeação do autor como funcionário público da Alfândega de Lisboa⁷⁷.

Foto 4: Registro da nomeação de A. R. Gonçalves Viana como funcionário público da Alfândega de Lisboa.



Fonte: ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (1858-07-27, liv.12, fl.195)⁷⁸.

⁷⁷ O documento pode ser visto em maiores detalhes no Anexo C.

⁷⁸ Imagem gentilmente concedida por esta instituição.

A Alfândega de Lisboa, no século XIX, era uma fonte de atualização de novidades, além da imprensa. Certamente, Gonçalves Viana beneficiava-se de ambas, sobretudo da Alfândega onde trabalhou até o fim de sua vida. Segundo consta em sua autobiografia, em 1913, um ano antes de seu falecimento, já estava com “cincoenta e seis anos de serviço consecutivo, com breves intervalos de licenças, motivadas quase todas por doença.” (VIANA, 1973, p. 40). A doença de que fala, afetou seu sistema renal, conforme foi relatado no *Diário de Notícias* em 16 de setembro de 1914.

Gonçalves Viana foi um funcionário bastante empenhado. Sua competência foi reconhecida, uma vez que teve sucessivas promoções em seu cargo inicial, chegando a ser chefe da Contabilidade na Direção Geral das Alfândegas.

O foneticista foi bastante influente nas decisões desse setor aduaneiro, conforme diz: “Como empregado de Alfândegas tem feito parte de várias comissões quer de reforma de serviços, quer de inspeção e inquérito, mediante decretos e portarias, emanadas do antigo Ministério da Fazenda, ou do actual Finanças que lhe corresponde.” (VIANA, 1873, p. 40). Nesse contexto, Viana chegou a servir temporariamente “a instancias do então ministro da fazenda Henrique de Barros Gomes.” (VIANA, 1873, p. 40).

O Ministro das Obras Públicas, o professor Antonio Augusto de Aguiar, premiou Gonçalves Viana com a condecoração de S. Tiago, mas o foneticista recusou o prêmio, mas, em seu lugar, foi expedida uma portaria de louvor.

Sobre a sua retomada aos estudos, aos 29 anos, Gonçalves Viana inicia seu percurso científico fazendo um curso de grego na Biblioteca Nacional de Lisboa sob a regência do professor Antônio José Viale (1806-1889), reconhecido tradutor de línguas clássicas e professor do Curso Superior de Letras de Lisboa.

Depois, entre 1878 e 1879, tendo “como condiscípulos Zofimo Consiglieri Pedroso e José Barbosa Betencourt” (VIANA, 1973, p. 41), frequentou o curso de sânscrito do professor Guilherme de Vasconcelos Abreu (1842-1907), introdutor do estudo do sânscrito em Portugal, segundo Leite de Vasconcelos (1973).

Vasconcelos Abreu foi um reconhecido erudito e atuante na divulgação do Positivismo em Portugal junto a Teófilo Braga.

Além do grego e do sânscrito, Gonçalves Viana estudava outros 28 idiomas, conforme diz em sua autobiografia. Gonçalves Viana (1973, p. 41) afirma:

Consigo próprio tem Gonçalves Viana, com maior ou menor desenvolvimento e aplicação, estudado os seguintes idiomas: castelhano, catalão; italiano (toscano literário e veneziano); romeno; dialectos romanches; alemão, holandês, frisico, anglo-saxão, dinamarquês, sueco, islandês antigo; irlandês e galês; russo, bulgaro e polaco; línguas aricas modernas da Índia; finlandês, lápico e húngaro; hebraico, árabe; malaio; japonês; vasconço; quimbundo; tupi, etc., além da glotologia geral e gramática comparada, principalmente das línguas aricas.

Viana contribuiu à edição da *Enciclopédia de Ciência, Arte e Literatura* — *Biblioteca de Portugal e Brasil* em 1885 em parceria com Zófimo Consiglieri Pedroso e Guilherme A. de Vasconcelos Abreu. Essa enciclopédia é uma coleção científica e literária.

No século XIX, as enciclopédias representavam importantes referências à cultura do conhecimento e eram veículos de sua difusão. Elas se desenvolviam na esteira do Iluminismo e do Enciclopedismo com Voltaire, Diderot e Rousseau — seus propugnadores no período moderno.

Os editores da enciclopédia portuguesa elaboraram, ainda, as *Bases da Ortografia Portuguesa* (1885) para formalizar a ortografia desse material, e, ao mesmo tempo, publicar e fazer circular seu projeto de reforma ortográfica. Neste contexto, a obra *Mágoas de Werther*, de Goethe, foi traduzida por Gonçalves Viana para o português pela primeira vez.

A partir das *Bases da Ortografia Portuguesa* (1885), o foneticista continuou estudando e escrevendo sobre a ortografia de modo intermitente. Publicou variados estudos em periódicos nacionais e internacionais. Seu estilo era direto e sem suavizar críticas, fato que lhe rendeu algumas inimizades. Fernando Pessoa, por exemplo, não simpatizava com Gonçalves Viana.

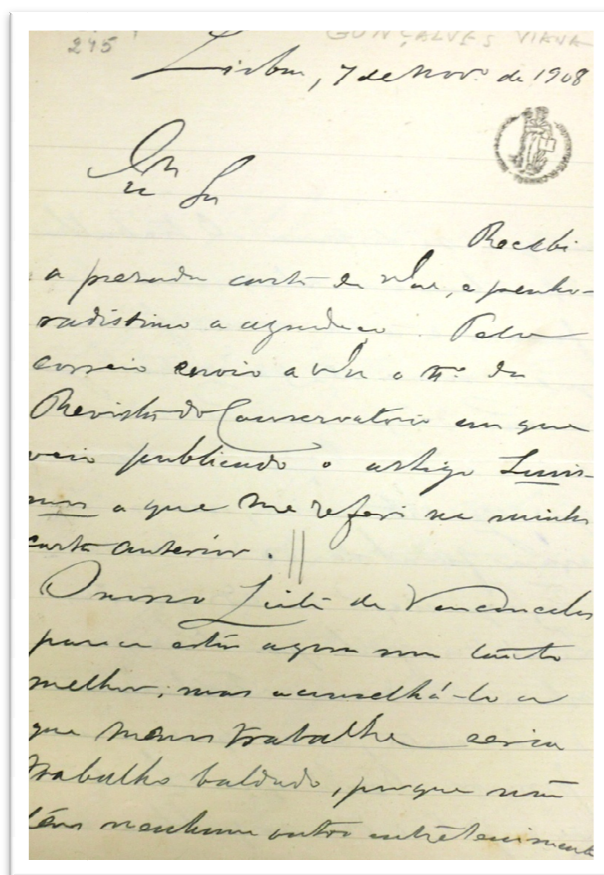
Sobre os estudos ortográficos, somente em 1904 é que sai a público sua célebre obra *Ortografia Nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas* (1904), já suficientemente madura para servir de base à primeira reforma ortográfica da Língua Portuguesa em 1911, aprovada pelo governo.

Concomitante aos trabalhos de ortografia, lexicologia, filologia e tradução, Gonçalves Viana desenvolvia outros materiais na 1) linha educacional, como a *Grammatica ingleza para a II e III Classes do Curso dos liceus* (1907 — Aprovada pelo decreto de 7 de Setembro de 1907. Ensino Secundario official); a *Gramática Inglesa* (1913); a *Selecta de Leituras Inglesas faceis* (1906) etc. e 2) na linha da dialetologia como a colaboração no *Mappa dialectologico do continente português por*

J. Leite de Vasconcellos precedido de uma classificação summaria das linguas por Gonçalves Vianna (1897) e o artigo Necrologia. O Principe Luis Luciano Bonaparte. Noticia sobre os trabalhos filológicos deste Principe, com quem o sr. G. Viana manteve relações (Revista Lusitana, II, 351-352) etc.

Na linha da filologia e da lexicologia, também há reflexões do autor presentes nas correspondências com Carolina Michaëlis de Vasconcelos, como o exemplo que segue⁷⁹:

Foto 5: Carta de A. R. Gonçalves Viana a Carolina Michaëlis de Vasconcelos.



Fonte: FLUC — Faculdade de Coimbra, Portugal.
Imagem gentilmente concedida por esta instituição.

Há, ainda, 14 cartas originais de Gonçalves Viana disponíveis em *Hugo Schuchardt Archiv*⁸⁰. Segue um exemplo:

⁷⁹ Extraído do Anexo A desta pesquisa.

⁸⁰ < [www.http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1739/briefe/jahr/1883](http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1739/briefe/jahr/1883) >

Nesse arquivo *online* encontra-se a transliteração de cada carta ao lado dos documentos originais, cujo assunto abrange filologia e lexicologia em quase todas as cartas.

Figura 2: Correspondência de A. R. Gonçalves Viana a Hugo Schuchardt



Fonte: Hugo Schuchardt Archiv. < www.http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1739/briefe/jahr/1883 >

Essas cartas são raridades que foram preservadas após a dispersão de muitas outras correspondências e trabalhos do autor, leiloados pelo governo após o seu falecimento em 1914, conforme José Leite de Vasconcelos testemunha dizendo: “No espólio de Viana deviam existir muitas cartas que recebeu de pessoas importantes, mas tudo se sumiu no leilão” (LEITE DE VASCONCELOS *apud* VIANA, 1973, p.37)⁸¹.

Ainda sobre os correspondentes ilustres de Viana que se tem notícia, há J. Storm, Guilherme Viëtor, J. Cornu, Paul Passy e Henry Sweet, os quais avaliavam positivamente os trabalhos de Gonçalves Viana, segundo destaca Alvaro Neves (1973, p.43-66). Leite de Vasconcelos diz que Paul Passy foi amigo (pessoal) de A. R. Gonçalves Viana (1973, p. 37, nota) e Henry Sweet⁸², referindo-se aos trabalhos de Viana diz:

Se o meu artigo tivesse aparecido antes do artigo de A. R. Gonçalves Viana, eu poderia alegar o mérito de ter aumentado o nosso conhecimento sobre a linguagem; do jeito que as coisas vão, eu só

⁸¹ Sobre o leilão veja adiante.

⁸² Cf. ROGERS (1973, p. 69).

posso afirmar ter, com a ajuda do *Visible Speech*, talvez definido a formação da quantidade de sons mais de perto...”⁸³.

O célebre trabalho *Evolução da linguagem* de J. Leite de Vasconcelos foi revisado por Gonçalves Viana (ROGERS, 1973).

Gonçalves Viana também se correspondia com o sobrinho de Napoleão Bonaparte, Luís Luciano Bonaparte (1813-1891), que também era poliglota e fez contribuições notáveis na Linguística, Química e Mineralogia. Algumas cartas deles foram publicadas na *Revue Hispanique*, VI, 1-51 e ainda na *Revista Lusitana*, II, 344, nas quais ambos discutem assuntos sobre filologia e glotologia.

O excerto que segue, de Francis M. Rogers (1973), confirma a influência de Gonçalves Viana entre linguistas importantes do século XIX. Ele diz: “Cornu em Praga, Passy na França, Rolin em Praga, e Hills, Ford, e Coutinho nos Estados Unidos, todos eles se basearam nos estudos de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana” (ROGERS, 1973, p. 75)⁸⁴.

A respeito da obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), Henry Sweet⁸⁵ avalia:

It gives me great pleasure to find that the subject has been taken up by a native phonetician so thoroughly well qualified as Mr Vianna evidently is. I only wish his paper had been published two years ago: it would have saved me an enormous amount of drudgery and groping in the dark [...] His paper into much fuller than mine... that it is quite impossible for me to do justice to it, except by earnestly **recommending it to all phoneticians...** [...] ⁸⁶.

Gonçalves Viana fez estudos em diversas áreas, mas foi na Fonética e na Filologia que se projetou como um linguista importante. E em sua autobiografia diz: “É

⁸³ “If my paper had appeared before M. Vianna’s, I might have claimed the merit of having added considerably to our knowledge of the language; as it is, I can only claim that of having, with the help of Visible Speech, perhaps defined the formation of sum of the sounds more closely...” (ROGERS, 1973, p. 69).

⁸⁴ “Cornu in Prague, Passy in France, Rolin in Prague, and Hills, Ford, and Coutinho in the United States have one and all based themselves on the studies of Aniceto dos Reis Gonçalves Viana” (ROGERS, 1973, p. 75).

⁸⁵ Cf. Neves (1973, p.45).

⁸⁶ Dá-me grande prazer notar que o assunto foi discutido por um foneticista congênito absolutamente bem qualificado como o Sr. Viana é evidentemente. Eu apenas desejaria que esse artigo tivesse sido publicado dois anos atrás: teria me salvado de uma enorme quantidade de trabalho penoso e obscuro [...] O seu artigo é tão mais completo do que o meu... que seria impossível, para mim, lhe fazer justiça, exceto recomendando-o seriamente a todos os foneticistas[...] (NEVES, 1973, p.45, trad. nossa).

como filólogo, porem, principalmente como foneticista, e também como lexicólogo, que Gonçalves Viana é mais conhecido” (VIANA, 1973, p. 41).

Não é por acaso que a sua célebre obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) foi escrita em francês, língua de divulgação científica ampla⁸⁷ daquele século, e publicada pela primeira vez em Paris na revista francesa *Romania*.

Por outro lado, a maior parte das publicações do autor foi feita em Língua Portuguesa, como se nota no Apêndice B, inclusive a *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros* (1892) que foi publicada pela primeira vez pela Imprensa Nacional de Lisboa⁸⁸.

Portanto, olhando para toda essa produção científica (acadêmica) e o percurso profissional ascendente do foneticista, podemos nos admirar do seu grande avanço nessas áreas. Por isso, é interessante notar que esse avanço ajudou a criar uma personalidade biográfica compatível com a expectativa progressista do século XIX, explorada nas biografias anteriores à nossa.

Em relação ao lado pessoal de Gonçalves Viana, que tem sido pouco investigado, podemos iniciar esclarecendo que a composição original da família era de oito pessoas⁸⁹ (MACHADO, 1940), incluindo o pai de Viana, Epifânio Aniceto Gonçalves Viana — ator famoso e talentoso do teatro português — que deixou de usar o nome Viana, porque havia outro ator português com esse nome.

O ramo artístico, principalmente, e a econômica portuguesa passavam por grandes dificuldades quando Gonçalves Viana ainda era uma criança. Assim, a família de Epifânio, nos anos de 1846 e 1848, passou por “grandes privações, visto que o theatro raras vezes dava recitas, chegando a estar elle (o actor Epifânio) e os seus d’uma vez mais de 24 horas sem comer, sem que os pequenos, ..., soltassem um queixume, imitando a resignação dos pais” (MACHADO, 1940, p.2).

Ainda em dificuldade financeira, Gonçalves Viana vê falecer seus irmãos e seu pai:

⁸⁷ Sobre o uso do francês para a divulgação de pesquisas, Gonçalves Viana comenta a obra de outro autor recomendando a sua tradução para o francês para a melhor difusão, “conhecimento e aprêço” (VIANA, 1973, p. 154) do trabalho acadêmico.

⁸⁸ Junto a essa publicação, somam-se outros dois artigos intitulados: *Simplification possible de la composition en caractères arabes* (1892) e *Deux faits de phonologie historique portugaise* (1892), que seriam apresentados pelo autor na X Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas em Lisboa, porém o evento não ocorreu. (cf. *Revista Lusitana*, III, 373).

⁸⁹ Essa informação não aparece nas biografias de A. R. Gonçalves Viana, apenas pontualmente em Machado (1940).

Dos seis filhos do casal, Torcato e Aniceto [Gonçalves Viana] foram os únicos que chegaram à adolescência; mas em 1857 surge um flagelo terrível: a febre amarela, que não tarda a arrastar para a sepultura o irmão (Torcato) [...]. § O actor Epifânio sentiu profundamente a perda de êste filho. Errando pelas ruas de Lisboa e sempre obcecado pela máguia de tam grande desgosto, apanhou uma soalheira. Foi esta o chamariz da mesma doença que matara seu filho e, tal como sucedeu com êste, também lhe cortou a vida⁹⁰.

Segue a ilustração do pai de A. R. Gonçalves Viana:

Figura 3: Epiphanio Aniceto Gonçalves (Viana)



Fonte: José L. de Vasconcellos (1917, p. 28) - ilustração extraída da *Gazeta Commercial* de 13 de julho de 1884.

Com a perda do pai e do irmão, Gonçalves Viana ficou responsável por três pessoas da família, as quais não são mencionadas em documentação alguma. Possivelmente, teria sido sua mãe, D. Maria dos Anjos, e parentes.

Não aparece nas investigações biográficas do foneticista informações matrimoniais, dizendo se ele teria sido casado ou se teria tido filhos. Seus amigos e colegas não relataram informações dessa natureza. Sabe-se que Gonçalves Viana teve uma vida bastante dedicada ao trabalho nas Alfândegas, aos cursos que fazia, às sociedades a que pertencia, às produções científicas de grande fôlego, desenvolvidas nas horas vagas e sob condição frágil de saúde.

⁹⁰ (MACHADO, 1940, p.2).

Para reforçar essa hipótese de sua situação familiar (matrimonial), quando Gonçalves Viana faleceu, não deixou herdeiros e estava sozinho, conforme diz a notícia do jornal a respeito de seu falecimento: “comprazendo-se no silêncio da sua preciosa livraria, e expirando entre os seus livros, sem que um parente ou amigo lhe fosse cerrar os olhos”. E acrescenta que o foneticista “Depois de prolongado sofrimento de bexiga, faleceu ontem de madrugada, na casa da rua Antonio Ennes, 11, 2.º, o sr. Aniceto dos Reis Gonçalves Viana chefe dos serviços das alfandega. § Contava 74 anos de idade e era natural de Lisboa. § O funeral realiza-se hoje, às 15 horas, para o cemiterio do Benfica”.

Atualmente, a rua Antonio Ennes de que fala o jornal é a seguinte:

Foto 6: Rua Antonio Ennes, Lisboa



Fonte: elaboração própria.

Consultando o livro de registro de óbitos do Cemitério do Benfica, constatamos que não havia familiares ou pessoas comprometidas com a manutenção do túmulo, tão logo faleceu Gonçalves Viana. Nesta circunstância, o cemitério preserva o jazigo do falecido por apenas cinco anos. Se, neste tempo, não aparecer alguém para se responsabilizar pela manutenção do túmulo, o corpo é exumado e os restos mortais são levados a uma vala-comum. E foi o que ocorreu com Gonçalves Viana.

Assim que Viana faleceu, o governo leiloou todos os seus bens. Daí em diante, sua biblioteca e cartas ficaram dispersas através de compradores anônimos. Situação lamentada por J. Leite de Vasconcelos: “Seja dito de passagem que empreguei todos os meios possíveis para que o Govêrno comprasse para um estabelecimento do Estado a livraria de G. Viana, e a não deixasse dispersar, como se dispersou; mas tive como resposta, — que não havia dinheiro!” (VIANA, 1973, p.34).

A situação póstuma do pai dele, no entanto, foi bastante diversa, já que teve seu sepultamento custeado pelo governo através de amigos do meio artístico. O túmulo de Epiphanio está no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, em um local especial e permanente: na entrada do cemitério e antes de autores consagrados na Literatura Portuguesa como Jorge de Sena e Cesário Verde. Segue o a foto do jazigo do pai de Gonçalves Viana,

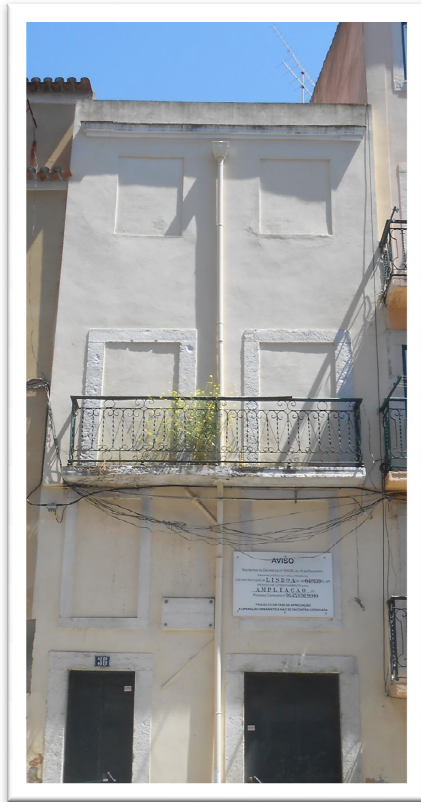
Foto 7: túmulo do pai de A. R. Gonçalves Viana, Epiphanio Aniceto Gonçalves.



Fonte: elaboração própria.

A foto que segue mostra uma casa onde A. R. Gonçalves Viana morou em sua juventude e, que, atualmente, é um imóvel do governo — Patrimônio da santa casa da misericórdia de Lisboa — e localiza-se na rua das Olarias, No. 36, na freguesia Nossa Senhora dos Anjos:

Foto 8: casa paterna de A. R. Gonçalves Viana



Fonte: elaboração própria

Como podemos notar, o precário tratamento póstumo de Gonçalves Viana contrasta com a sua tradicional figura biográfica ilustre e progressista, relatada por seus amigos e admiradores. Demonstra, ainda, a desconcertante a situação do governo português do século XIX que, optando pela venda da biblioteca de Viana, no leilão, não preservou a gama de conhecimentos acumulados durante décadas pelo autor.

Por fim, no quadro abaixo, segue, na íntegra, a autobiografia de Gonçalves Viana, na qual podemos observar, não só a riqueza de sua produção científica, ou a sua dedicação profissional, mas o exemplo de uma documentação original com valor historiográfico e linguístico.

Quadro 1: Autobiografia de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.

Auto-biografia

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, natural de Lisboa, nascido em 6 de janeiro de 1840, — e baptizado na igreja de Nossa Senhora dos Anjos, a cuja freguesia pertencia por êsse tempo sua família por nela residir, — é filho do grande actor Epifânio Aniceto Gonçalves (Viana) e de D. Maria dos Anjos, ambos naturais de Lisboa. Seu pai deixou de usar o apelido *Viana* por haver outro actor conhecido por êste apelido; mas seus filhos, Torcato, falecido em 1857, e Aniceto adoptaram-no sempre desde o colégio.

Cursava Gonçalves Viana a aula de commercio, habilitado com o curso dos liceus desse tempo, quando seu pai faleceu da febre amarela, dez dias depois da morte de seu filho mais velho, também vitimado pela mesma epidemia. Havendo ficado, aos dezoito anos incompletos, com o encargo de três pessoas da família, sem ter herdado bens, entrou para o serviço publico em 9 de Janeiro de 1858, no lugar de aspirante da Alfandega do Consumo, onde sucessivamente, e sempre por concurso, foi promovido a terceiro official em 1869, a segundo em 1877, e a primeiro official em 1881. Passou para a Alfandega de Lisboa em 1885, e aí desempenhou as funções de chefe da Contabilidade, e da 3.^a Repartição, e actualmente desempenha o cargo de Chefe da 1.^a Repartição, como chefe de serviço. Conta portanto nesta data (outubro de 1913) perto de cinquenta e seis anos de serviço consecutivo, com breves intervalos de licenças, motivadas quase todas por doença.

Em comissão exerceu de 1878 a 1882 as funções de chefe das secções do pessoal, ou da contabilidade na Direcção Geral das Alfandegas, onde foi servir temporariamente a instancias do então ministro da fazenda Henrique de Barros Gomes, situação que os sucessores deste lhe conservaram como digno de inteira confiança, até que, a seu pedido, regressou à Alfandega, a cujo quadro pertencia. Como empregado de Alfandegas tem feito parte de várias comissões quer de reforma de serviços, quer de inspecção e inquérito, mediante decretos e portarias, emanadas do antigo Ministério da Fazenda, ou do actual das Finanças que lhe corresponde.

É como filólogo, porem, principalmente como foneticista, e também como lexicólogo, que Gonçalves Viana é mais conhecido. Havendo interrompido os seus estudos liceais aos dezasseis anos como já registei, e nos quais neste ramo entravam então francês, inglês, latim, latinidade, elementos de grego, etc., seguiu muito depois (1869) o curso de grego, professado pelo grande helenista António José Viale, na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde naquele ano se estudaram as epopeias homéricas, Teocrito, Pindaro e Plutarco. Em 1878 e 1879 tendo como condiscípulos Zofimo Consiglieri Pedroso e José Barbosa Betencourt, frequentou o curso de sânscrito, particular e obsequiosamente regido pelo celebre indianista português Guilherme de Vasconcelos Abreu, lente dessa disciplina no curso Superior de Letras, fazendo no fim do primeiro ano, assim como os seus condiscípulos, exame público, no qual todos três foram aprovados com distinção. Nesse primeiro ano, além de gramática, estudou-se e traduziu-se o episódio de Nala, da Barátice de Viaça; e no segundo o episódio da morte de Daxarata, da Ramaide de Valmiqui, o primeiro acto do drama de *Calidaça Xacuntalá*, a *Layu Caumudi*, resumo das teorias dos gramáticos índios, e ainda alguns hinos védicos, novelística e fabulario, bem como se estudou a história da literatura indiana, antiguidades da India áfrica, e prácritos, isto é, dialectos vulgares empregados pelos autores dramaticos, cumulativamente com o sânscrito classico.

Consigo próprio tem Gonçalves Viana, com maior ou menor desenvolvimento e applicação, estudado os seguintes idiomas: castelhano, catalão; italiano (toscano literário e veneziano); romeno; dialectos romanches; alemão, holandês, frisico, anglo-saxão, dinamarquês, sueco, islandês antigo, irlandês e galês; russo, bulgaro e polaco; línguas aricas modernas da India; finlandês, lápico e hungaro; hebraico, árabe; malaio; japonês; vasconço; quimbundo; tupi, etc., além da glotologia geral e gramática comparada, principalmente das linguas aricas.

É neste género de estudos que a sua competência se tem afirmado, quer em revistas scientificas e em jornais diários, quer em obras independentes, ou por colaboração nas de outros, quer em livros de ensino.

Em 1880 foi nomeado secretário do 9º Congresso de Antropologia e Arqueologia Preistorica, celebrado em Lisboa nesse ano. Como consta do prefácio do relatório escrito e assinado pelo falecido general Joaquim Filipe Neri da Encarnação Delgado, que sucedera a Carlos Ribeiro na Direcção dos Trabalhos Geológicos, organizou Gonçalves Viana, e em parte redigiu em francês esse relatório, volume de setecentas páginas, que foi publicado em 1884, acumulando ele, sem nenhum estipêndio mais, e voluntariamente, este serviço com o que desempenhava nas Alfândegas, como funcionário delas. Para o mesmo Congresso traduziu em francês uma memória de Martins Sarmiento, versão que está incorporada no relatório e se intitula: *Les Lusitaniens*.

Em reconhecimento destes desinteressados serviços foi pelo então Ministro das Obras Públicas, o professor Antonio Augusto de Aguiar, expedida uma portaria de louvor, porque se

recusou Gonçalves Viana a aceitar a comenda de S. Tiago, que lhe fora oferecida pelo mesmo ilustre professor e estadista.

De todo trabalho de coordenação e revisão se incumbiu também, além da vastíssima correspondência epistolar que esse notável documento exigia, visto que uma parte dos estudos e memórias, apresentados ou lidos no Congresso, foram feitos pelos numerosos estrangeiros que a ele concorreram, e que desses trabalhos deixaram escassos esboços, que ao depois ampliaram, ou meros apontamentos, que foram por Gonçalves Viana aproveitados para redigir as actas das sessões. Quatro eram os secretários portugueses do Congresso: Guilherme de Vasconcelos-Abreu, Francisco Adolfo Coelho, Ramalho Ortigão e Gonçalves Viana. Vasconcelos-Abreu adoeceu gravemente, e os outros dois, pela impossibilidade de disporem de tempo, não o puderam coadjuvar. Pode afirmar-se que, sem a expontânea cooperação de G. Viana, que com o encerramento do Congresso havia terminado a sua ingerência nos trabalhos dêle apresentando as actas respectivas, que elaborara, tais documentos importantíssimos dificilmente haveriam sido publicados, doente como estava Carlos Ribeiro, e ausente em Inglaterra, em serviço do Estado, o sr. Jorge Candido Berkeley Cotter, funcionário competentíssimo daquele estabelecimento público, e que felismente ainda pôde no seu regresso auxiliar uma parte da laboriosa revisão das provas. Por falecimento de Carlos Ribeiro, assumiu a responsabilidade da publicação do relatório o seu sucessor Neri Delgado, que no prefácio, como fica dito, presta homenagem aos que intervieram em tam árdua tarefa, e assinaladamente a G. Viana.

Por portaria de 15 de maio de 1900 foi nomeado para fazer parte da comissão para rever a nomenclatura geográfica portuguesa, nomeação que resultou da proposta apresentada à Direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa pela secção de ensino geográfico, de que foi o relator, e para a qual contribuiu com uma memória, que a mesma Sociedade mandou imprimir, e que tem por titulo: *Bases da transcrição portuguesa de nomes estrangeiros*.

Em portaria de 15 de fevereiro de 1911, expedida pelo ministério do Interior, foi nomeado membro da Comissão de Reforma Ortográfica, juntamente com a Snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e os srs. António Candido de Figueiredo, Francisco Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos, comissão a que em 16 de março foram agregados o sr. Antonio José Gonçalves Guimarães, Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Augusto Epifanio da Silva Dias (que pediu escusa), Julio Moreira, José Joaquim Nunes e Manuel Borges Grainha.

Dessa Comissão foi Gonçalves Viana o relator, e o plano de reforma assentou em trabalhos seus anteriores, de que mais adiante se faz menção. A reforma foi aprovada por portaria de 1 de Setembro do mesmo ano, com voto favorável do Conselho de Instrução Pública, e executada rigorosamente em publicações oficiais, como o *Diário do Governo*, sendo o seu ensino obrigatório nos estabelecimentos dependentes do Estado. Sobre êste plano ortográfico pode vêr-se a análise minuciosa publicada na *Revista Lusitana* (vol. XIV, 1911), devida á Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e na qual a ilustre escritora refuta as objecções que se lhe opuseram.

É sócio:

- da Sociedade de Geografia de Lisboa (n.º 498) desde 1881, havendo feito parte da Direcção por duas vezes, em 1895 e de 1900-1902;
- da Academia de Ciências de Lisboa, correspondente desde [16 de Março de] 1893, efectivo desde [17 de Novembro de] 1910, vogal da Comissão do Dicionário da Língua Portuguesa por determinação da assembleia geral de 2 de Março de 1911, [e nomeado, pela segunda classe em 23 de maio de 1912,] para uma comissão para apreciar o “Manual Internacional de transcrição dos sons da língua mandarina”;
- da Sociedade Hispanica da America;
- da Associação dos Professores de Línguas Vivas, membro activo desde 1888;
- da Sociedade de Folk-lore Chileno;
- da Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro;
- da Gesellschaft für Romanische Literatur (Sociedade de Literatura Romanica) desde a sua fundação em 1903.

Fonte: NEVES (*apud* VIANA, 1973, p. 40, 41, 42-43).

4. ANÁLISE DAS OBRAS DE A. R. GONÇALVES VIANA

4.1 Análise da obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883)

Nos próximos subitens, analisamos *Essai de phonétique...* (1883) destacando, em 4.1.1, o seu pioneirismo e relevância por inaugurar a fonética em Portugal nos moldes da ciência europeia do século XIX, em que se primava pela minúcia empírica na coleta e análise dos dados.

Depois, em 4.1.2, abordamos as dificuldades para a leitura atual da obra. Na sequência, em 4.1.3, mostramos como é a descrição linguística do dialeto de Lisboa em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), isto é, quais e como são os parâmetros linguísticos fundamentais (os princípios) desenvolvidos e aplicados por Viana em seu estudo dialetal.

Assim, foi possível chegar à visualização das características autorais da obra de Gonçalves Viana, que apresentamos e analisamos em 4.1.4.

Sobre a obra e a versão que utilizamos

Essai de phonétique et de phonologie... (1883) foi publicada pela primeira vez na revista francesa *Romania* (12, pp 29-98), em separata, em 1883. Em 1941 foi publicada a sua segunda edição, ainda em separata, no *Boletim de Filologia*, T. 7 e, depois, republicada em edição anastática, na segunda parte do livro *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973), em Lisboa, contendo correções do autor à mão.

Essa última impressão integral da obra original foi realizada para homenagear o foneticista, mostrando o seu trabalho metodológico e extensa coleta e análise de dados, ao lado de artigos de outros autores que contextualizam a obra e a vida de Gonçalves Viana.

A obra que analisamos nos subitens que seguem é, portanto, a versão original inserida integralmente na obra *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973). É, ainda, uma reimpressão mais recente e que tem sido mais acessível em bibliotecas e demais locais públicos de consulta. Foi a versão que mais utilizamos na Iniciação Científica e no Mestrado, além de conter outros artigos e trabalhos originais de Gonçalves Viana, como

a *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892) que usamos para a análise no subitem 4.2 por esses mesmos motivos.

Utilizando essa reimpressão em nossas análises, notamos, ainda, o cuidadoso trabalho filológico⁹¹ do autor aliado ao seu trabalho fonético e fonológico. Aliás, esse empenho filológico junto ao fonético se restringirá nos séculos posteriores com o advento do Estruturalismo, que delimitará as fronteiras dessas áreas. Não será mais de praxe, entre os linguistas e filólogos, estudar grande quantidade de línguas vivas e mortas, como os comparativistas faziam.

Por fim, utilizamos as referidas versões para as nossas análises das obras fonéticas e fonológicas de Gonçalves Viana por adequarem-se perfeitamente aos nossos objetivos principais: conhecer o autor como o linguista em seu tempo.

4.1.1 A emergência da obra no século XIX e a importância do seu pioneirismo em Portugal

A obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883) inaugura uma nova fase nos estudos de fonética e de fonologia em Portugal. Referindo-se a esta obra, Maria Helena Mira Mateus (2001, p.1) diz: “A primeira descrição de conjunto do sistema fonético do português surge em 1883, no estudo de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana com um título que inclui já o termo fonologia [...]”.

Essa inclusão dos termos intitulares *fonologia*, *fonética* e *dialecto* por Gonçalves Viana é realmente importante pelo seu pioneirismo e porque evidencia o seu objeto de estudo: *o dialecto atual de Lisboa*; e a sua metodologia principal: *Fonética e Fonologia*.

O uso desses termos, no entanto, não era inovador, mas sim, o significado peculiar que eles tinham para a ciência produzida no século XIX. Neste momento, havia um novo olhar sobre o significado da língua e da linguagem, fazendo com que esses termos peculiares se harmonizassem com a Linguística do século XIX.

Essai de phonétique et de phonologie... (1883), por exemplo, emerge no contexto em que a língua é entendida como uma “totalidade organizada”⁹², podendo ser estudada em si mesma e sistematicamente, sem se preocupar com a sua filiação no

⁹¹ Gonçalves Viana insere, na obra, diversos comentários e exemplos da origem e transformação de palavras portuguesas (e de diferentes dialetos), colocando comentários que envolvem exemplos literários ou não literários.

⁹² (FARACO, 2011).

quadro da origem das línguas, como ocorria no estudo do indo-europeu; ou em conjunção com os estudos da retórica, da lógica, da poética etc. como era antes do comparativismo. Portanto, a obra é inovadora em seus termos *Fonética* e *Fonologia*, que estão em conformidade com as ideias linguísticas de seu tempo. O destaque para o termo *dialeto*, já no título, também integra o quadro renovador desses estudos em Portugal.

Nesse tempo, houve, ainda, a preocupação de se criar métodos específicos para investigar dados de fala em suas diversas variedades (não só a fala padrão), o que ajudou a desenvolver novos ramos nos estudos linguísticos. O campo da dialetologia e o da Geografia Linguística, por exemplo, desenvolveram técnicas e direcionaram-se à Sociolinguística, posteriormente.

Na Fonética europeia do século XIX, os aspectos: físico, fisiológico, acústico e auditivo, envolvidos no processo da fala dialetal, também tiveram grandes progressos. Houve, ainda, a criação de laboratórios de fonética a partir do surgimento e/ou da sofisticação de equipamentos para a análise da fala, como as imagens radiográficas de E. A. Meyer, o simulador da fala humana de Wolf von Kempelen, o cilindro de Erasmus Darwin, o fonoautógrafo de L. Scott (e aperfeiçoado por Koenig), o quimógrafo, bastante difundido por Abbé Pierre Rousselot etc.

Tudo isso fez com que a Fonética se orientasse para bases científicas mais sólidas no final do século XIX e início do século XX, fato que contribuiu muito com a linguística, sobretudo com a dialetologia e com a fonologia que puderam compreender mais de perto os dados de fala em sua relação com o sistema da língua.

Foi nesse contexto que grandes foneticistas, como Eduard Sievers (1850-1932), por exemplo, conseguiram delimitar a Fonética e a Linguística fora do domínio da Biologia e da Fisiologia, o que significou um passo importante para a Linguística, enquanto uma ciência. Não é por acaso que o Círculo de Praga, no início do século XX, definiu os rumos da Linguística, que se tornou uma ciência autônoma, uma vez que, na virada do século XIX para o XX a reflexão linguística já estava madura para isso.

Para Henry Sweet, ilustre foneticista do século XIX e colega de Gonçalves Viana, a fonética é o fundamento dos estudos da linguagem de todos os tempos. Ele diz: “The importance of phonetics as the indispensable foundation of all study of language, whether that study be purely theoretical, or practical as well, is now generally

admitted”⁹³ (SWEET, 1877), demonstrando a visão dos foneticistas em relação à Fonética (e a Fonologia), como uma área definida na epistemologia linguística, mas com o diferencial da influência da moda positivista, “a positivist fashion”, nos termos de K. Kohler (1981, p.168) — e conforme expusemos nos subitens 1.4 e 2.3.

Nessa perspectiva positivista, o trabalho com os dados deveria seguir grande rigor científico empírico. Esse rigor científico é basilar nos trabalhos de Gonçalves Viana, inclusive na obra *Ortografia Nacional* (1904), em que ele afirma, várias vezes, que a sua proposta ortográfica é “cientificamente regularizada”.

A obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) baseia-se, ainda, no método indutivo, em que os dados singulares são devidamente coletados e enumerados e a sua avaliação particular leva a uma conclusão geral. Em outras palavras, faz-se o levantamento de dados específicos da fala do português normal, cuja análise traz a conclusão de como o dialeto de Lisboa se diferencia de outros.

Em consequência disso, apresenta-se a identidade dialetal da fala de um povo na variedade culta da língua, ou seja, o *português normal* (relativo à norma), no caso de *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) e também na *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892), com alguns diferenciais nos critérios de análise. E, assim, ambas as obras sintetizam toda a investigação fonética e fonológica do autor, conforme já observado por outros estudiosos, como José A. Peral Ribeiro que diz: “reflectem bastante bem as ideias do seu autor sobre tais assuntos. As restantes, ainda que relativamente numerosas, nada acrescentam às qualidades que se encontram nas primeiras, à parte de um ou outro pormenor.” (RIBEIRO, 1973, p.11).

Essa descrição do dialeto de Lisboa mostra, ainda, o grande destaque que se deu ao dinamismo da língua portuguesa, detalhadamente registrado pelo foneticista do século XIX. Embora antiga, as suas obras permanecem atuais no que diz respeito à visualização do sistema fonológico português⁹⁴.

⁹³ A importância da fonética como a indispensável fundadora de todo o estudo da linguagem, quer esse estudo seja puramente teórico, quer prático, também, está, agora, amplamente admitido.

⁹⁴ Observando o sistema fonológico do século XIX em comparação com o atual, não identificamos grandes mudanças. No entanto, a confirmação dessa realidade linguística exigiria um tratamento detalhado dos muitos dados apresentados por Viana, somados aos dados da atualidade para fazermos um confronto pontual de cada caso. Esse tipo de pesquisa merece especial atenção em um trabalho à parte. Por isso, nesta tese, não serão divulgadas comparações específicas, uma vez que exigem mais tempo para serem concluídas.

Para Maria H. Mira Mateus, *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) é um marco na história da fonologia portuguesa: “esta e as obras que se seguem do mesmo autor são ainda hoje de importância indiscutível para o conhecimento do sistema fonológico português.” (MATEUS, 2001, p.1).

Contudo, a leitura das obras de Viana não é fácil porque, na prática, havia instabilidades nas ciências e nos critérios metodológicos no século XIX, além do fato de o leitor atual não estar habituado com os procedimentos científicos mais antigos, como mostraremos a seguir.

4.1.2 Dificuldades para a leitura atual da obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883)

Em primeiro lugar, é necessário destacar que foi especificamente a obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) que colocou Gonçalves Viana entre os maiores foneticistas de sua época. A leitura e análise dessa obra clássica são essenciais para compreender melhor o autor, embora apresente desafios que exploramos aqui.

No século XIX, um foneticista bem formado era aquele que tinha a habilidade bem desenvolvida de observar, registrar e organizar tudo o que uma pessoa expressasse na fala⁹⁵. Portanto, o ouvido era o primeiro método de um foneticista, levando-o a observar alofones, fonemas etc. E foi a partir dessa base que a obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) foi desenvolvida. Entender esse método foi a “chave” para superar as dificuldades que tivemos na leitura da obra.

Outro aspecto importante para o estudo da obra foi relacionarmos alguns fatores biográficos do autor, favoráveis ao seu trabalho fonético. Por exemplo, ele era poliglota e autodidata, capaz de observar, com argúcia, sons variados da fala espontânea, treinando seu ouvido para observar e reproduzir esses sons sem maiores dificuldades. Sua curiosidade no campo da Linguística também o levou a registrar os sons observados e, ainda, a compará-los entre si com rigor científico. Como filólogo, verificava a história e a transformação das línguas que estudava. Todas essas atividades eram o seu divertimento nas horas vagas. Não recebia nada por isso, sequer pertencia ao meio acadêmico formalmente.

⁹⁵ A observação de características do falante também era feita, como idade, gênero etc.

Além disso, a atividade que ele desenvolvia na Alfândega ajudava-o no campo dos estudos da linguagem, pois, o convívio e a interação com estrangeiros e demais pessoas do comércio, diariamente, possibilitava-lhe fazer observações dos diferentes sons da fala. Muito provavelmente a prática da sistematização contábil aduaneira portuguesa deu-lhe habilidades de categorização e organização de dados que ele transferiu para as suas análises linguísticas.

Outro ponto favorável de sua biografia para a pesquisa linguística diz respeito ao convívio que ele relata ter tido com pai na infância. Este, por ter sido um ator famoso do teatro português, certamente possuía conhecimentos culturais diferenciados, e proporcionou, ao Gonçalves Viana, contato especial com as letras. O irmão de Gonçalves Viana, chamado Torcato, certamente recebeu esse nome para homenagear a figura de Torquato Tasso (1544-1595), autor da *Gerusalemme liberata*, obra que Gonçalves Viana conhecia de cór.

Essai de phonetique et de phonologie... (1883) é uma obra que mostra os sons que caracterizam o dialeto de Lisboa por meio de um inventário dos mais variados sons do dialeto de Lisboa coletados e organizados à luz de diversos processos fonéticos e fonológicos, mas, principalmente, por meio da comparação entre dialetos portugueses, franceses, ingleses etc.

Essa maneira de observar as línguas, comparando-as entre si, buscando regras na realidade fonêmica da língua, tem, ainda, influência da gramática comparada iniciada no século XVIII e dos neogramáticos do século XIX. Esse método ainda era bastante influente entre os filólogos e dialetólogos do século XIX, os quais trabalhavam na perspectiva diacrônica e, ao mesmo tempo, na perspectiva sincrônica das línguas⁹⁶.

Nessa perspectiva, o foneticista coletou um rico material da fala de seu tempo, porém de difícil compreensão em alguns aspectos. A primeira barreira para a melhor compreensão desses sons é a quantidade de línguas usadas nas comparações. Para ilustrar essa dificuldade, seguem algumas descrições de Viana (1973, p. 100 e p.85, respectivamente):

O *lh português* é completamente semelhante ao *ll castelhano* e *catalão*, e ele não é redobrado como o *gli toscano* (=llh ou llhi). É

⁹⁶ É o caso da obra *Essai de phonetique et de phonologie...* (1883) em que Gonçalves Viana buscou delimitar o dialeto de Lisboa usando tanto línguas vivas quanto línguas mortas (ou de sincronia fechada) como o latim, sânscrito, hebraico, árabe etc., a título de comparação. O uso dessas línguas representava ainda um sinal de erudição que o linguista deveria ter.

quase idêntico ao *l* **polonês** em conjunção com vogais palatais *li* **russo**, com a diferença que a palatal eslava é produzida por uma mais ampla superfície de contato entre a língua e parte anterior do palato.

[...] *e* é um *e* tão aberto como *æ* **dinamarquês**, *è* *aperto* do **italiano** em *piède*, *gelo*, ou seja, mais aberto que o *e* **francês**, mais aberto que o *a* breve do **inglês** de *bad*, que se encontra somente naqueles **dialetos portugueses do Algarve** ou da **Beira-Baixa**, por exemplo.

Ainda que o leitor atual Gonçalves Viana seja poliglota, encontrará problemas para identificar todos os sons ali descritos, uma vez que a obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) foi publicada há 131 anos e, nela, foram comparados os sons de, aproximadamente, 30 línguas e dialetos como um referencial, que não é o mesmo de hoje.

Na citação acima, por exemplo, o foneticista menciona: polonês, russo, francês, inglês, dialetos italianos (no caso, o toscano), dialetos espanhóis (no caso, castelhano e catalão). Mas ele usa muitas outras línguas como o húngaro, finlandês, tupi, quimbundo, alemão (e dialetos), inglês americano e britânico, sueco, norueguês, holandês, romeno, irlandês, islandês, dinamarquês, lápico etc.

Recuperar esse referencial dos dialetos citados é um grande desafio, bem como analisar a descrição fonética minuciosa e extensa feita por Gonçalves Viana no século XIX. Talvez seja por esse motivo que não temos encontrado trabalhos mais detalhados (antigos ou atuais) analisando ou comparando o conjunto de sons estudados por Viana. É o que destaca José A. Peral Ribeiro quando diz que Viana: “Referiu-se com pormenor a aspectos fonéticos da nossa língua que antes ninguém reparara e que depois dele não voltaram a ser abordados, nem mesmo para serem corrigidos.” (RIBEIRO, 1973, p.12).

Há, no entanto, o autor Jorge Morais Barbosa — em *Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos* (1988), que levantou críticas pontuais acerca da obra fonética de Viana, mas sem analisá-la em seu conjunto.

O pequeno número de pesquisadores da área de fonética e de fonologia, diante de um campo de estudos amplo e ainda pouco explorado, é outra dificuldade ao estudo detalhado de autores como Gonçalves Viana. Soma-se a isso, a dificuldade de se trabalhar a Fonética do século XIX com o olhar do século XXI, pois, de lá para cá, houve mudanças epistemológicas na área.

Outro desafio ao estudo da obra em questão é a notação fonética utilizada, pois ela difere da atual em muitos aspectos. Viana trabalhou com o alfabeto fonético de

(Karl) Richard Lepsius (1810-1884) da obra *Standard Alphabet* (1863); com o alfabeto fonético da *Associação Fonética Internacional*, utilizado frequentemente no periódico *Le Maître phonétique*; entre outros que eram adaptados por Viana. Esses dois primeiros alfabetos eram bastante conhecidos no período do século XIX, embora fosse comum, entre os linguistas, fazer adaptações pessoais neles.

Essa situação também era comum na ortografia portuguesa desse período que ainda não estava unificada em Portugal e, por isso, apresentava constantes variações de uso. Podemos dizer que o alfabeto fonético também enfrentava o problema da variação dos símbolos, mas sem prejuízo para os usuários, naquele tempo.

A dificuldade de impressão dos símbolos fonéticos do século XIX também era um inconveniente. Muitas vezes era necessário fazer adaptações tipográficas para facilitar as publicações e isso também gerava variações.

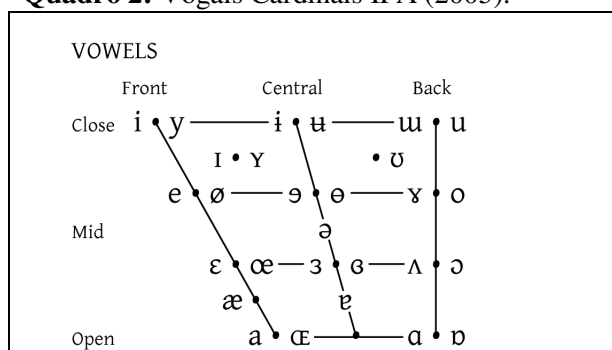
Outro problema desse alfabeto fonético era a sua sistematização. Pois estava projetado para absorver todo tipo de “som vocal” (fones) coletado nas pesquisas dialetais. Por isso, era um sistema muito aberto, voltado para um trabalho pragmático, pautado, sobretudo, na realidade da língua como ela se apresentava diretamente no falante. Assim, observava-se a língua enfatizando mais os dados fonéticos do que as abstrações fonológicas — que eram discutidas, mas não enfatizadas. E aí também se vê a influência do positivismo no trabalho de Gonçalves Viana, porque essa filosofia valorizava fatos verificáveis da ciência experimental, e não abstrações.

Com isso, para descrever as minúcias da fala concreta, usava-se muitos símbolos fonéticos e sinais diacríticos, trazendo dificuldade na leitura atual das obras *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) e a *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892).

Esse método contrasta com a notação fonética atual do IPA, em que a língua não é mais descrita a partir da sua realidade puramente concreta, como ocorria no século XIX, mas pela ideia dos sons nas suas possibilidades articulatórias. Ou seja, hoje, o que o IPA registra não é o “som vocal” (fones) em si, mas os fonemas da língua, as unidades distintivas e significativas presentes na mente do falante, expressas em dialetos através das possibilidades articulatórias.

Por exemplo, a notação fonética atual das vogais cardinais do britânico Daniel Jones (1881-1967) propõe esse esquema simplificado. Com poucos sinais, é capaz de identificar e registrar as vogais de qualquer língua. Segue esse esquema:

Quadro 2: Vogais Cardinais IPA (2005).



Fonte: International Phonetic Alphabet (2005).

Esse sistema, na forma de um quadrilátero (trapezoide), é pautado essencialmente nas possibilidades articulatórias humanas e não na coleta de dados de muitas línguas, o que o torna um sistema abstrato em relação ao que era feito no século XIX.

Sobre esse sistema D. Crystal (2000, p. 270) diz,

É importante salientar que as vogais cardinais não são realmente vogais: são pontos de referência invariáveis (disponíveis em gravações), que devem ser aprendidas de cor. Uma vez aprendidas, os foneticistas podem usá-las para localizar a posição das vogais de uma língua ou comparar as vogais de diferentes línguas ou dialetos.

A título de comparação, seguem alguns símbolos fonéticos usados no século XIX na descrição de vogais e consoantes:

Quadro 3: Exemplos de vogais e consoantes do inglês a partir do sistema de vogais Richard Lepsius (1854).

as follows: *a, ā, ǣ, ǣ̃, ǣ̄, ǣ̅, ǣ̆, ǣ̇, ǣ̈, ǣ̉, ǣ̊, ǣ̋, ǣ̌, ǣ̍, ǣ̎, ǣ̏, ǣ̐, ǣ̑, ǣ̒, ǣ̓, ǣ̔, ǣ̕, ǣ̖, ǣ̗, ǣ̘, ǣ̙, ǣ̚; b, ȝ, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; c, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; d, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; e, ē, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; f, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; g, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; h, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; i, ī, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; j, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; k, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; l, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; m, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; n, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; o, ō, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; p, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; q, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; r, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; s, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; t, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; u, ū, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; v, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; w, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; y, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; z, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; x, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; l, ȝ̃, ȝ̄, ȝ̅, ȝ̆, ȝ̇, ȝ̈, ȝ̉, ȝ̊, ȝ̋, ȝ̌, ȝ̍, ȝ̎, ȝ̏, ȝ̐, ȝ̑, ȝ̒, ȝ̓, ȝ̔, ȝ̕, ȝ̖, ȝ̗, ȝ̘, ȝ̙, ȝ̚; -l, -l̃, -l̄, -l̅, -l̆, -l̇, -l̈, -l̉, -l̊, -l̋, -ľ, -l̍, -l̎, -l̏, -l̐, -l̑, -l̒, -l̓, -l̔, -l̕, -l̖, -l̗, -l̘, -l̙, -l̚.*

Fonte: Standard Alphabet (1854, p.18). Site:
<https://archive.org/details/standardalphabet00lepsiisoft>

Vale ressaltar que, no século XIX, a identificação dos sons não era feita somente pela percepção. As possibilidades articulatórias do aparelho fonador humano eram investigadas e aproveitadas nos trabalhos de vários foneticistas. Mas, na prática, dava-se mais ênfase no trabalho de percepção, usando o alfabeto proposto por Richard Lepsius e seus seguidores. Contudo, esse procedimento não permaneceu e, já no início do século XX, foi superado pelo sistema do IPA — *Internacional Phonetic Alphabet*, que focaliza o processo articulatório e a abstração fonológica.

Essa mudança de paradigmas trouxe grande prejuízo à leitura das obras fonéticas de Viana. Afinal, ele descreveu extensamente o dialeto de Lisboa usando uma metodologia não praticada e pouco conhecida na atualidade. Por isso, tornou-se obsoleto e confuso, principalmente porque essa metodologia usa muitas línguas como um referencial.

Sobre esse problema metodológico José A. Peral Ribeiro (1973, p.15) diz:

[...] embora compreensível para os especialistas do seu tempo, parece-nos agora, pelo menos em certos pontos, inadequado; e a terminologia que usa, em grande parte adaptada de outras línguas, tem bastante de incômodo e até de bizarro para o leitor actual.

Há, portanto, evidentes dificuldades para a análise detalhada das obras fonéticas de Gonçalves Viana. A metodologia utilizada se destaca como o principal desafio, entre outros problemas apresentados. Porém, essas dificuldades não diminuem o valor da obra e não desautorizam a competência da coleta e da análise dos dados, uma vez que a excelente receptividade da obra, entre os maiores foneticistas e filólogos antigos⁹⁷ e atuais já mencionados, confirma a sua importância.

4.1.3 A descrição linguística e as características do dialeto de Lisboa em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883)

Neste subitem, buscamos mostrar como Gonçalves Viana fez a descrição linguística do dialeto de Lisboa, assim como as características principais desse dialeto⁹⁸.

Viana acredita que uma descrição linguística (fonética e fonológica) precisa fundamentar-se, antes de tudo, na sensibilidade do fonetista à captação dos sons da

⁹⁷ H. Sweet, P. Passy, Viëtor, Schuchardt, J. Cornu, entre outros.

⁹⁸ A compreensão da metodologia utilizada pelo foneticista ajudou-nos, ainda, a superar dificuldades à leitura da obra, discutidas no item anterior.

língua. Ele diz: “[...] o melhor meio de adquirir sons é o ouvido, e o modo de formação vem apenas como auxiliar [...]”⁹⁹ (VIANA, 1883, p.77).

A formação a que ele se refere é o conhecimento de recursos teóricos que ajudam na interpretação e na análise dos dados de fala.

Portanto, primeiro há a observação rigorosa dos sons com a habilidade sinestésica do foneticista. Depois vem a transcrição, a classificação e a descrição desses sons em função da sua organização no sistema da língua. E esses são os fundamentos da descrição linguística em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), que serão exemplificados, na sequência, acompanhado de dados que mostram como era o dialeto descrito por Gonçalves Viana.

A observação dos sons da língua

Para exemplificar como era esse trabalho linguístico “de ouvido”, destacamos a observação segmental de sons feita pelo foneticista. Ele observa, inicialmente, que há mais de uma pronúncia possível¹⁰⁰ para um mesmo segmento, conforme mostra a lista abaixo:

perdoem..... *perdôâi* ou *perdôî'âi*

ouro..... *ôiru* ou *ôru*

forte abrigo..... *fôrtiâbrigu* ou *fôrtâbrigu*

pobre artista..... *pôbriârtístâ* ou *pôbrârtístâ* ou *póbrârtístâ*

deve optar..... *dêviôptâr* ou *dêvôptâr*

para que homens..... *pârâ* ou *prâ kiômâis*

⁹⁹ O foneticista acrescenta ainda “Há muitos glotólogos, e de grande valia, cuja classificação dos sons, é demasiadamente subjectiva, porque ou obedecem a preconceitos de nação ou escola ou são vítimas do mau ouvido que tem ou do incompleto conhecimento da fonética de outros idiomas, que não sejam o seu dialecto especial. Assim, Brücke, citando Miklosich e João Müller, põe cúasi em dúvida a existência das nasais *im* e *um*, e tem como muito mais naturais *è*, *ô* nasais, o que faz sorrir um Português; classifica mal o *y* polaco, e ainda em cima repreende Lepsius, que o definiu e classificou perfeitamente” (VIANA, 1886 p.77).

¹⁰⁰ Os falantes observados eram: o próprio autor, que era lisboeta; e, os demais portugueses com quem o foneticista interagía em seu quotidiano. A. R. Gonçalves Viana não traz maiores detalhes sobre os seus informantes porque ele buscava características mais gerais dos dialetos por ele observados e não um falante idealizado. Por exemplo, para observar como é a fala de São Paulo ou do Rio Grande do Sul, no Brasil, procura-se observar o que é mais comum (e geral) na comunicação do povo desses lugares.

pretensão.....	<i>pertenção</i> ou <i>pretensão</i>
ao rei.....	<i>ay rái</i> ou <i>ò rái</i>
a arma.....	<i>qármq</i> ou <i>àármq</i> ou <i>ãrmq</i>
destruo-a.....	<i>dĭštrúũq</i> ou <i>dĭštrúq</i>
destruo-o.....	<i>dĭštrúũu</i> ou <i>dĭštrũu</i>
rodeie.....	<i>rydâi</i> ou <i>rydâie</i>
teem.....	<i>tâi'ãi</i> ou <i>tãi</i>
todo o dia.....	<i>tôdudía</i> ou <i>tôdòdía</i>
seja.....	<i>sâjq</i> ou <i>sâijq</i>

Pela lista, observamos que esse método auditivo mostra sutilezas da fala e que a variação dialetal é ampla. Gonçalves Viana apresenta muitas dessas sutilezas em suas obras fonéticas (e fonológicas), fato que nos leva a observar inviabilidade de definir uma pronúncia uniforme e estável para o dialeto de Lisboa, como se fosse possível fixar o seu retrato. Consciente dessa realidade, Gonçalves Viana apresenta mais de uma pronúncia possível para os segmentos em suas obras, mas sem tentar esgotar as possibilidades de pronúncia desses sons. Porém, diante de tantas possibilidades, como definir a fala padrão de Lisboa?

Para resolver o problema da variação, o foneticista decide registrar os sons que evidenciam melhor as características mais marcantes do português que ele usa e que historicamente (e filologicamente) tem sido mais apresentado e discutido. Além disso, no século XIX, o dialeto de Lisboa era (e depois continuou sendo) o dialeto referencial à ortografia e à ortoépia, ou seja, à pronúncia *normal* portuguesa, o que cria uma referência importante para se iniciar a descrição linguística de um idioma. Normalmente, as reformas ortográficas estão associadas à fonologia do dialeto mais prestigiado (RIBEIRO, 2011).

Fonemas e alofones no sistema da Língua

A observação dos sons pelo método auditivo abrange, ainda, a comparação, a transcrição e a classificação de fonemas e de alofones.

Para demonstrar esse trabalho na obra *Essai de phohétique et de phonologie...* (1883), com tantos fonemas e alofones, iniciemos pelo exemplo do som *e* átono. Este também pode variar, sendo pronunciado como *q*, ou *g*, ou *u*, dependendo dos sons que o rodeiam, ou seja, do contexto.

Na obra, o autor exemplifica essa variação pela palavra *americano* que pode ser pronunciada *amaricano* se o *e* átono (de *americano*) aparecer diante de *r* da sílaba seguinte, conforme Viana diz: “Há uma pronúncia do *e* átono diante de *r* da sílaba seguinte, mais comum entre o povo, isto é, àquele do *q*. Assim se entende frequentemente *qmaricânq* ao lado de *qmericanq*, *jqrát* ao lado de *jqrát*” (VIANA, 1883, p.30).

Esse *e* átono de *americano* pode, ainda, ser pronunciado como *u* — em outro contexto, segundo Viana (1883, p. 30):

[...] quando ele está em conjunção com as labiais (p/b), por exemplo, *purmetír* = “permitir”. Eu vi, há muito tempo, um cartaz de cabaré que estava a usar *bubidas* ao lado de *bebidas*. A palavra “prometter” (*prumetêr*) é geralmente pronunciada *purmetêr*. Essa é sem dúvida a origem de *por* (*pur*) = “par” ao lado de *pqr* do latim *per*.

Essa observação da variação de segmentos em contextos específicos, como o do *e* átono acima, é um dos métodos da Fonética (e Fonologia) que identifica as variantes dos fonemas, que são os alofones. Estes, por sua vez, ajudam a mostrar as peculiaridades de um dialeto ou de uma língua.

Os exemplos dados acima: *americano/amaricano*, *geral/jaral*, *bebidas/bubidas*, *permitir/ purmetir* demonstram pronúncias encontradas no dialeto de Lisboa do século XIX. E o que eles têm em comum é que esse *e* átono varia sistematicamente e em determinado contexto. É, portanto, um exemplo de observação de um som (alofone) que foi identificado, transcrito e classificado em função da língua em determinado tempo e espaço.

Atualmente, esse tipo de variação de som em determinados contextos (ou contextos exclusivos, como é o caso do segmento acima), exemplifica a distribuição complementar. Esta pode ser facilmente entendida observando-se a pronúncia de /t/ em determinados dialetos brasileiros atuais, cujo /t/ é pronunciado como [tʃ] apenas diante

de vogal anterior fechada [i, ɪ], ou seja, *tchia* (em lugar de *tia*), mas não diante de outra espécie de vogal: *tatu*, *torta*, *ter* etc.

Outro caso de distribuição complementar, evidenciado no dialeto de Lisboa do século XIX, refere-se à pronúncia de *d* entre vogais que, neste contexto, segundo Viana (1883, p. 22), torna-se mais fricativa:

Quando a consoante *d* se encontra entre duas vogais, ela é frequentemente mais fricativa, isto é, ela se pronuncia como um *d* dinamarquês após uma vogal longa. Essa é a minha pronúncia do *d* entre vogais, mesmo de uma palavra a outra, quando eu faço a elisão do *e* mudo.

Sobre essa variação, Viana (1883, p. 22) faz a seguinte ressalva:

Há, contudo, pessoas que apenas sopram essa consoante quando ela se encontra em contato com uma fricativa sonora [...] “a casa de Deus”, pronunciada *q kázq δɛ δêũš*, ou ainda *q kázq δδêũš*, o *e* neutro da preposição *de* sendo mais frequentemente nula.

No destaque deste excerto, há a sequência *δδêũš* para a qual o foneticista esclarece não se tratar de um caso de redobramento de *d* e nem de consoante geminada (como havia no latim). Pois esses fenômenos não são próprios da Língua Portuguesa como ele diz: “Não se encontram as consoantes realmente dobradas em nenhuma palavra portuguesa; encontrando-as somente de uma palavra a outra, e se é normalmente na supressão do *ɛ* dos monossílabos *de*, *me*, *te* etc., que lhes tenha dado origem. Acabamos de ver um exemplo desse redobramento delas na frase “a casa de Deus”.” (VIANA, 1883, p.23).

Ainda sobre o redobramento de *d*, na sequência *a Casa de Deus*, podemos considerar que esse redobramento produz, ainda, uma consoante silábica no segmento [ɖ], ou seja, ele ocupa a posição de núcleo de sílaba devido ao enfraquecimento (ou lenição) dessa consoante sonora que se tornou silábica por ser produzida com um menor grau de constrição.

Esse mesmo enfraquecimento de *d* é observado pelo foneticista na pronúncia de *b/v* em Trás-os-Montes, Norte de Portugal. Nesta região, *b/v* perdeu a oposição devido

ao seu enfraquecimento (ou lenição¹⁰¹), realizando-se como β . E pode variar, ainda, pronunciando-se *b* em lugar de *v* e vice-versa.

Esse fenômeno tem sido representado na escrita, formal ou informal¹⁰² pela troca das letras *b/v*: *binho vom* em lugar de *vinho bom*.

Essa característica dialetal é bastante antiga e ainda hoje sobrevive na região Norte de Portugal (RIBEIRO, 2011).

Ainda sobre o enfraquecimento da distinção *b/v* ou da sua troca, Viana (1883, p.25-26) diz:

No Porto, e provavelmente em toda a região circundante, se faz uma troca entre os sons dessas duas consoantes, fenômeno análogo à permutação de *v* e de *w* em Londres: *b* tem o som de *v*, e *v* tem o som de *b*. Diz-se, por exemplo, mais frequentemente entre as pessoas poucas instruídas na escrita, *binho wom*, ao lado de *vinho bom*. Em Trás-os-Montes, o som *b* predomina para essas duas consoantes. Sabe-se que na Espanha *b* e *v* se confundem. A pronúncia de *b* como fricativa bilabial doce, na posição fraca, e, sobretudo, sua influência mediata ou imediata de outras fricativas, não é de fato rara, mesmo em Lisboa, o que coloca seu som de acordo com a assibilação do *d* onde eu falei acima.

Sendo filólogo, ortógrafo e foneticista, Gonçalves Viana não deixaria de comentar seu fascínio pela riqueza da variedade dialetal, sua história e sua relação com a escrita. Viana (1883, p.26) diz:

Apesar dos sons de uma língua e de seus dialectos serem ignorados ou disfarçados pela imperfeição da ortografia ou da uniformidade literária, o catálogo desses sons deveria ser feito, apesar disso, esses sons existem, e seria interessante fazer o catálogo desses sons. § Tentei identificar alguns, e até poderia falar mais, porém eu tive medo de perder o foco do meu estudo. Eu constatei, por exemplo, uma outra nasal, menos palatal que *nh*, e que somente se encontra de uma vogal seguida do ditongo *ãi*, na pronúncia de Bragança; por exemplo, na frase *em altos montes* se pronuncia *êi ñáltys môtēs*, e esse tipo de *glide*, ou fonema nasal da união que evita o hiato, não é outra coisa que π de E. Brücke, o *ng* alemão de *stengel*, isto é, o *ng* germânico em conjugação com as palatais.

¹⁰¹ A lenição é um fenômeno de enfraquecimento que ocorre nas consoantes. A. R. Gonçalves Viana traz diversos exemplos, dentre os quais, a pronúncia de *l̥* em lugar de *lh*, presente nos arredores de Lisboa e Trás-os-Montes. Ocorre fenômeno parecido no Brasil (Nordeste, por exemplo), onde, atualmente, podemos encontrar o segmento *li* em lugar de *lhe* em expressões do tipo: “vou *li* contar/dizer” em lugar de “vou *lhe* contar/dizer”.

¹⁰² (RIBEIRO, 2011).

Como se pôde notar até aqui, Gonçalves Viana faz uma análise segmental que progride da simples observação dos sons da fala (fonemas/alofones) para a constatação de como esses segmentos se distribuem e se acomodam no sistema da Língua Portuguesa, mostrando a sua face.

Outro aspecto presente nessa obra de Viana são os conhecimentos filológicos que margeiam as explicações fonéticas e fonológicas apresentadas. Incluem-se explicações de variados dialetos que o foneticista usa a título de comparação e para ampliar as explicações. Por exemplo, ao analisar o redobramento de *d*, anteriormente, Viana constata a não ocorrência de consoante geminada como um aspecto geral do português. Por outro lado, ele identifica que há a repetição dessa consoante em sequências do tipo: *q kázq δδêũś* como um aspecto particular encontrado no dialeto de Lisboa.

Essa maneira de descrever um dialeto e uma língua do particular para o geral e do geral para o particular destaca, ainda, o trabalho sincrônico (particular) diante do sistema da língua (geral), em que cada segmento fonético e fonológico é analisado em sua relação com outro(s) e ainda com o todo da língua. Nessa linha de análise, é possível comparar diferentes idiomas, como um auxílio à compreensão do comportamento dos fenômenos linguísticos. Gonçalves Viana fez muitas comparações nesse sentido multissistêmico.

Essa maneira esquemática de lidar com a língua como um todo permite, ainda, que se conheçam sequências de sons não permitidas, ou o limite das combinações de sons possíveis para a língua, sua fonotática¹⁰³, ainda que não se conheça todas as variedades de uma língua.

Viana destaca a fonotática do português a partir do grupo próprio de consoantes (*cl, pl, fl* etc.) afirmando não existir sequências como *dl* e *vl* para o português em geral e acrescenta outro dado: “Não há em português as fricativas guturais, e também não há a nasal *ng* das línguas germânicas.” (VIANA, 1883, p. 17).

Nessa perspectiva de análise sistemática de Viana, adotada na obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), cada segmento fonológico se define pela comparação com outro segmento, sem perder de vista o sistema da língua. É por isso

¹⁰³ A fonotática é o “conjunto de condições que determinam as sequências sonoras bem-formadas de uma língua. Define os padrões silábicos possíveis da língua em questão”. (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p.119).

que se diz que a linguística do século XIX estudava a língua como uma *totalidade organizada*, cujos elementos linguísticos estavam sendo observados na sua função, organização e relação com o sistema da língua. Sendo que esse sistema é, basicamente, a combinação entre partes relacionadas que formam um conjunto.

A mudança epistemológica da linguística do final do século XIX para o início do século XX irá sintetizar e ordenar todas essas ideias com base nas reflexões de Ferdinand de Saussure e, assim, lançar conceitos e definições fundamentais como língua, sistema, valor, entre outros.

Na verdade, esses conceitos já estavam presentes em trabalhos linguísticos naquele momento, mas de modo pulverizado, e, por isso, faltava integrar essas ideias de maneira mais objetiva e eficaz para o trabalho de análise linguística.

O conceito de valor linguístico em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883)

A ideia de valor¹⁰⁴ foi trabalhada por Gonçalves Viana em suas obras e isso pode ser percebido, quando ele demonstra sua preocupação em destacar a função dos sons na língua, principalmente a partir da distribuição que ele fez das consoantes ou das vogais portuguesas em quadros e esquemas. Ele diz: “eu separo as articulações palatais, as consoantes fricativas reduzidas, surda e sonora, que desempenham um papel bem específico, e que são submetidas a leis especiais, no dialeto cuja fonologia me empenho em fazer conhecer.” (VIANA, 1883, p. 17).

O valor linguístico impõe uma direção importante para a análise dos sons, pois organiza esse estudo em função da língua. Não é por acaso que a organização sumária da obra abrange os seguintes assuntos sequenciados:

- Vogais
- Pronúncia das vogais
- Sílabas
- Constituição das palavras
- Pronúncia das consoantes
- Ditongos

¹⁰⁴ O valor, segundo D. Crystal (2000, p.264) é um termo introduzido na Linguística por Ferdinand de Saussure para indicar a identidade funcional de uma entidade no contexto de um sistema regido por regras.

- Fonologia das vogais e consoantes
- Influência dos sons contíguos sobre as vogais
- Influência das consoantes sobre as vogais acentuadas que as precedem
- Refração dos verbos
- Refração dos nomes
- Acentuação

Diferenças de nomenclatura

No século XIX, o termo fonema referia-se aos sons de modo amplo, ou seja, todo som da fala era um fonema. Um exemplo de fonema diz respeito ao *ɐ*: “[...] nenhum português se confundirá jamais nestas duas palavras *trás* e *terás*, e a única diferença entre elas, ao menos na pronúncia da quase totalidade do português do continente, é precisamente o som deste *e* mudo, entre o *t* e o *r* da segunda palavra.” (VIANA, 1973, p.4).

Nesse exemplo, opondo o par de palavras *trás* e *terás*, Viana destaca a unidade /*ɐ*/ que distingue essas duas palavras em seu significado e função no sistema da língua. E este segmento é um fonema para ele.

Atualmente, a oposição do exemplo acima é uma técnica importante na Fonética, trata-se do par mínimo, que identifica fonemas ou variantes da língua. Hoje, o par mínimo e o fonema podem ser definidos da seguinte maneira, segundo L. Carlos Cagliari (2002, p.34):

Pares mínimos são duas palavras (ou morfemas) que têm um ambiente comum (ou seja, um conjunto de sons iguais) e uma diferença, representada pela troca de um único som (ou propriedade fonética) por outro, em um mesmo lugar da cadeia-da-fala. Esses sons (ou propriedades) que se revezam são dois fonemas, porque são as marcas que distinguem uma palavra da outra, atribuindo, a cada uma, um significado próprio. Veja os seguintes exemplos:

pares mínimos:	vela	bata	porta	curta
	velha	pata	porte	custa
ambiente comum:	ve__a	__ata	port__	cu__ta
sons diferentes:	l	b	a	r
	Λ	p	ɪ	s

Essa definição de fonema, porém, não é a mesma utilizada no tempo Gonçalves Viana. Para ele o fonema era um simples “som vocal” que poderia estar em oposição distintiva e significativa (como é o fonema atual) ou poderia ser uma simples variante de um fonema (como é o alofone atual).

O inventário dos sons

A. R. Gonçalves Viana trabalhava com “sons vocais” em sua descrição linguística, mas foi a observação distintiva e significativa desses sons que favoreceu, ao foneticista, criar inventários de sons característicos da Língua Portuguesa, considerando, ainda, os fenômenos fonológicos envolvidos.

Foi importante, ainda, para observar aspectos gerais da língua. Por exemplo:

- quando se observa a redução vocálica dos segmentos, nota-se que as vogais (quando não são tônicas) tendem a se centralizar [ə, ɐ], ou a serem nulas, ou altas [ɪ, ʊ]. Elas podem ser abertas ou meio-abertas [a, o, ɛ, ɔ] quando tônicas, ou átonas em casos especiais (para ocorrer a dissimilação, por exemplo), como veremos adiante.

Quanto às consoantes, há uma grande diversidade de fenômenos envolvidos, o que dificulta a sua caracterização mais ampla, como no caso das vogais acima.

Essa diversidade de fenômenos é detalhadamente justificada pelo autor nos aspectos históricos da língua e do seu uso erudito ou popular. No uso erudito, por exemplo, já no final da obra, ele expõe a influência da escrita e da leitura do latim¹⁰⁵ e do grego na pronúncia de determinadas palavras do dialeto de Lisboa.

Essa dificuldade em se fazer uma síntese das consoantes de Lisboa deixa de existir na obra *Exposição da pronúncia normal portuguesa... (1892)* em vista da sua organização metodológica esquematizada em diversas tabelas e pirâmides.

No uso popular, as variedades de pronúncia também são explicadas pelo desenvolvimento da língua do ponto de vista histórico, considerando, por exemplo, fatores extralinguísticos como a dominação árabe na Península Ibérica, que durou quase

¹⁰⁵ Em relação ao latim, ele diz: “a pronúncia clássica do latim, em nossas escolas, influencia muito no valor que damos às vogais nas palavras que nós usamos no dia-a-dia e que tiramos do latim.” (VIANA, 1883, p. 67).

700 anos e que deixou as suas marcas na língua portuguesa, como nas expressões: “científicas, técnicas e artísticas, designações para cargos e dignidades, medidas e pesos, plantas e animais, expressões da medicina, matemática, astronomia, música e guerra” (HUBER, 1933, p.33).

Há ainda a influência entre consoantes e vogais e vice-versa. A redução vocálica, por exemplo, pode influenciar as consoantes de modo a evidenciar a sua realização. Ora, se a vogal de uma palavra é nula ou muito reduzida, o que se ouvirá é a consoante. Nesse sentido, podemos ter a impressão de que se está ouvindo mais consoantes do que vogais e, na verdade, estamos.

O inventário dos sons vocálicos, consonânticos e demais sons serão mostrados na sequência desta análise apenas a título de exemplificação, pois a sua reprodução integral representaria a repetição da obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), o que não se buscou fazer¹⁰⁶.

Os fonemas e alofones nos processos fonológicos

Antes de falar dos processos fonológicos, é importante destacar, primeiro, o significado de quatro termos desusados na atualidade, mas muito recorrentes na obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883).

Esses termos¹⁰⁷ são: “estufado”, “puro”, “guturalizado” e “subjuntivo”. O termo “estufado” indica que há maior volume da cavidade de ressonância na produção de uma vogal. O termo “puro” designa um som facilmente perceptível como as vogais *a*, *i*, *u*; o termo “guturalizado” refere-se à elevação da língua em direção ao palato mole sem tocá-lo, fazendo com que a articulação de um som se torne posterior e faringalizada; o termo “subjuntivo” refere-se à semivogal de um ditongo, por exemplo, o *i* de *ai* (*caixa*).

Guturalização e assimilação

¹⁰⁶ Buscou-se uma visão ampla da obra, sua organização e expedientes, a fim de localizar Gonçalves Viana como o linguista em seu tempo. Mas, sem deixar de lado a riqueza do trabalho do foneticista.

¹⁰⁷ A. R. Gonçalves Viana não demonstra ter preocupação com a questão da terminologia que usa no sentido de defini-la ou de usá-la com precisão absoluta, pois ela é só mais um apoio que auxilia na sua análise linguística. Como se tem notado nesta pesquisa, o foneticista se vale de vários meios em seu raciocínio fonológico (outras línguas, dados filológicos, acústicos etc.) não se prendendo a um único aspecto.

A guturalização é bastante comentada nas obras de Viana, sendo uma característica dialetal destacada que ele trabalha nas suas principais obras de fonética e de fonologia. Na *Exposição da pronúncia normal portuguesa... (1892)*, por exemplo, o foneticista diz que “consoantes gutturalizadas são aquellas em que a parte posterior da lingua se arqueia para o palato molle sem o tocar, e a pharynge se expande, como acontece com o *l* português em final de syllaba [...]”¹⁰⁸. Ele compara esse fenômeno com sons do árabe: “ط, ص, ض, ظ, isto é *t̤*, *s̤*, *d̤*, *z̤*.”¹⁰⁹, entre outras línguas (hebraicas, consoantes enfáticas semíticas, sons do polonês etc.)

Em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), a regra que ele destaca para o fenômeno da guturalização é esta: “Toda vogal oral seguida da mesma sílaba de *l* (guturo-lingual) torna-se guturalizada.” (VIANA, 1883, p. 5).

Portanto, o que ocorre é o processo fonológico de assimilação. É como se a guturalização de *l* “contaminasse” a vogal que vem antes desse *l*, tornando-a faringalizada¹¹⁰. Exemplo: *mal*, pronunciado [mɐ^ht̤^h].

A assimilação é um processo fonológico que acontece quando “um som torna-se mais semelhante a outro, que lhe está próximo, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha.” (CAGLIARI, 2002, p.99).

Gonçalves Viana comenta que a consoante *l* torna-se pouco perceptível, nesses casos de guturalização. Para exemplificar, o foneticista selecionou e comparou as seguintes palavras: *ato, alto, auto, sèta, cèta; cêpa, fêlpa; mírro, bilro; sòta, sòlta; souto, sôlto; muta, multa; mal, mel, barril, sol, sul*.

Outro exemplo de assimilação (total) ocorre no encontro entre vogais *a+a* em fronteira de palavra. Ambas tornam-se abertas ou alongam, sendo pronunciadas de uma só vez.

Exemplos (vogais abertas): a avelan = àvɛlã;

¹⁰⁸ (VIANA, 1892, p.21).

¹⁰⁹ (VIANA, 1892, p.21).

¹¹⁰ O som faringalizado pode ser encontrado no árabe e a percepção de que o *l* português em final de sílaba é faringalizado pode ter alguma relação com o árabe, uma vez que Portugal esteve sob a sua dominação durante 700 anos, praticamente, tendo deixado diversas marcas linguísticas do árabe no português. Gonçalves Viana compara sons do árabe com sons do português em suas obras, inclusive neste caso de guturalização do *l*, o que foi notado ainda por outros foneticistas como David Abercrombie (1909-1992) que achava que o *l* português era mais semelhante ao do árabe na palavra *Alá*. Ele expôs essa sua percepção pessoalmente ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, orientador desta pesquisa, e cuja formação acadêmica do doutorado na Escócia foi supervisionada por D. Abercrombie.

a Antonia = *ãtóniã* ;

dava-a = *dávã*.

Exemplos (vogais longas): a armação = *ãrmãçãũ* ;

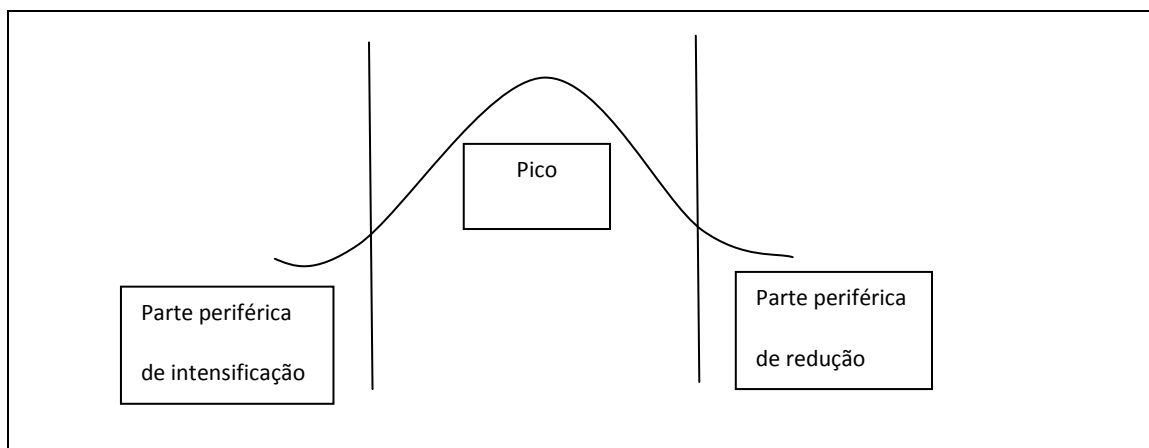
á avelan = *ãvelã* ;

a audacia = *ãũdácã*.

Ainda sobre a guturalização, o autor acrescenta que “no corpo de uma palavra, nunca uma vogal neutra ou reduzida (pouco perceptível) pode se encontrar diante de *l* guturalizado.” (VIANA, 1883, p. 2). E isso acontece, possivelmente, devido ao fato de o *l* não ser o centro da sílaba, mas o final dela.

Na fonética tradicional, a sílaba pode ser explicada em termos de mecanismo de corrente de ar pulmonar, em que jatos de ar são expelidos pela contração e relaxamento dos músculos respiratórios. Cada jato de ar que forma uma sílaba é produto de um movimento de força muscular que inicia pela intensificação dessa força, depois atinge um pico e finaliza com a redução dessa força. Portanto, esse esforço muscular que forma a sílaba tem três fases básicas como mostra o quadro abaixo, segundo Cagliari (1981, p.101):

Quadro 4: As três fases do movimento de força muscular para a formação da sílaba.



Fonte: Cagliari (1981, p.101).

O *l* guturalizado é um componente da sílaba. Ele ocupa a parte periférica, final, a terceira fase do esquema anterior, que mostra a redução da força expiratória.

Na palavra *mal*, por exemplo, o *a* ocuparia o núcleo ou pico, enquanto o *m* e o *l* ocupariam as partes periféricas à esquerda e à direita de *a* respectivamente.

Gonçalves Viana diz que a consoante *l* torna-se pouco perceptível após a vogal porque, estando na parte periférica da sílaba, é produzida com menor força expiratória. Em função disso, o foneticista afirma: “Quando a palavra termina com *l* (guturalizado) ou *r* (simples), essas consoantes somente podem ser precedidas das vogais claras *à, è, ê, i, ò, ô, u, [...]*” (VIANA, 1883, p. 15), ou seja, vogais perceptíveis. E ainda: “Jamais uma vogal neutra *a, e*, ou reduzida *i, u*, uma vogal nasal ou um ditongo pode se encontrar no fim de uma palavra, seguida de *l* ou *r*.” (VIANA, 1883, p. 15).

Portanto, o centro da sílaba que termina em *l* guturalizado (t^{g}) ou em *r* simples (como o *r* de *mar*) só pode ser preenchido por uma vogal perceptível (vogal clara) e nunca por uma vogal reduzida ou neutra (fraca), uma vez que é no centro da sílaba que há a maior força expiratória.

O *l* guturalizado [t^{g}] desempenha, ainda, mais dois papéis importantes. O primeiro é o de formar ditongos, como os exemplos de Gonçalves Viana (1883, p. 103):

DITONGOS ORAIS TENDO POR SUBJUNTIVO t^{g} REDUZIDO

Exemplos.					
	àt				mal
èt	—	òt		mel	— sol
êt	—	ôt (raro)	feltro	—	sôlto
it	—	ut	mil	—	sul

Assim, o foneticista considera que o *l* guturalizado dos exemplos acima funciona como uma espécie de semivogal (subjuntivo), formando um ditongo com a vogal que a precede */màt/*.

O segundo papel importante do *l* guturalizado é o de formar uma sílaba com a palavra seguinte. E isso ocorre quando ele está no fim de uma palavra que é seguida de uma outra iniciada por uma vogal. Exemplo: *sal amargo*, que se torna: *sa lamargo*.

A formação de ditongo e a formação da sílaba devido ao *l* guturalizado podem ocorrer de uma só vez quando o *l* é duplicado *ll*. Quando isso acontece, o primeiro *l* formará a semivogal do ditongo e, o segundo *l*, a sílaba com a vogal da palavra seguinte. Exemplo: “*sal amargo* se pronuncia *sàt lamárgu* igual [...] em francês *mon ami = mon namī*” (VIANA, 1883, p.21).

Deste modo, o ditongo formado pelo *ɫ* reduzido tem “o valor de dois *ll*, cujo primeiro é guturalizado e reduzido, e o segundo lingual é pleno.” (VIANA, 1883, p.21), isto é, o segundo é a lateral [l].

No caso da formação da sílaba *la* em *sa lamargo* (de *sal amargo*) nota-se que se trata de um caso de juntura (ou sândi) que é a junção de termos adjacentes. Outro exemplo de juntura é a sequência *ma leducado* (de *mal educado*), em português brasileiro.

Sons vozeados e sons reduzidos

Há mais fenômenos fonológicos em fronteiras de palavras que mostram aspectos específicos da língua portuguesa e que ajudam a caracterizar o dialeto de Lisboa. Por exemplo, o vozeamento de sons fricativos diante de vogais ou consoantes sonoras: na sequência *os arcos*, pronunciado *u-zar-cus* /u'zarcuʃ/ ocorre o vozeamento de /s/ (em *os*), que torna-se /z/ e há a formação de sílaba (*zar*).

Outro aspecto interessante das obras fonéticas e fonológicas de Viana diz respeito às explicações adjacentes à descrição fonológica que ele insere, a fim de evitar confusões na leitura de suas obras. Por exemplo, ele tem o cuidado de explicar ao leitor estrangeiro a possível dificuldade que terá em distinguir determinados sons por não conhecê-los tão bem quanto um falante nativo. Para exemplificar, Viana (1883, p.6) diz:

Como exercício, nós apresentamos quatro palavras distintas, que um ouvido estrangeiro facilmente se confundirá, mas que todo português reconhecerá como perfeitamente diferente e suficientemente caracterizados na pronúncia: *mòrq* = ele mora, *mòrq*, eu moro, *mòrę*, que ele more, *mòr* (contração de *majôr*), maior.

A pronúncia sussurrada dos segmentos é ainda outra dificuldade para o estrangeiro na compreensão da qualidade vocálica do português nesses contextos átonos, sobretudo em finais de palavras.

Ao ouvido estrangeiro, a pronúncia do *s* reduzido também pode trazer dificuldades, conforme Viana (1883, p.19) afirma:

As reduzidas *s* surda e sonora são apenas *x* e *j* atenuadas. Quase todos os estrangeiros têm uma grande dificuldade de as pronunciar,

sobretudo, no final de palavra. Deve-se notar que *s* palatal reduzido se pronuncia surdo quando, ao fim de uma palavra, ele é seguido de um descanso (ou pausa) qualquer; que se pronuncia igualmente surdo diante de uma consoante surda; que se torna sonoro diante de qualquer consoante sonora, qualquer classe que ela pertença, isto é, diante das fricativas e das explosivas doces, assim como quando é seguida de uma nasal ou de *l*.

O som reduzido (*s* surdo e sonoro) pode ser interpretado como um som fraco, ou seja, produzido com um grau relativamente fraco de esforço muscular e força respiratória (CRYSTAL, 2000). Trata-se do fenômeno de enfraquecimento ou lenição, que Gonçalves Viana chama de redução.

Essa redução de *s* (surda e sonora) produz *x* e *j* atenuadas que são [ʃ] e [ʒ] percebidas em contextos específicos. A reduzida surda [ʃ] permanece surda diante de pausa ou de outra consoante surda. Porém, ela se torna sonora [ʒ] diante de consoante sonora, ou som nasal, ou *l*.

Gonçalves Viana comenta, ainda, a sua própria pronúncia, exemplificando um tipo de variação livre, condicionada por fatores extralinguísticos. Viana (1883, p.20) diz:

Às vezes eu pronuncio o *r* inicial como uma fricativa sonora, uma espécie de *rz* (e não *rž* como o *rz* polonês). Eu tenho raramente encontrado essa particularidade na pronúncia de outros indivíduos portugueses. § Esse *r* fricativo sonoro é, no entanto, bastante frequente na pronúncia dos brasileiros, (os brasileiros usam mais o *r* fricativo do que o *r* vibrante) substitui por ele o *r* vibrante; eu não saberia dizer, todavia, o quanto essa pronúncia é individual ou dialetal; eu tenho, sobretudo, observado isso por meio dos naturais de Pernambuco e de São Paulo.

O *r* tem algumas particularidades, mas, antes de observá-las, vejamos como Gonçalves Viana (1883, p.20) descreve esse segmento:

A ancípete central vibrante *rr* (*r*) é o *r* inicial ou *rr* dobrado das línguas neo-latinas, com exceção do francês. Ela é pronunciada um pouco mais atrás que o *r* simples, e é geralmente lingual. Encontra-se individualmente entre os *r* vibrantes uvulares, mesmo entre as pessoas que pronunciam *r* simples como uma lingual.

R de *cara*. É o *r* medial ou final. Ele nunca se encontra como inicial de uma palavra, nem mesmo quando essa palavra é precedida de uma outra terminada por uma vogal átona.

Na descrição de Gonçalves Viana, o *r-* (*rato*) e *-rr-* (*carro*) são predominantemente vibrantes em Portugal, havendo variações, como o *rz-* de Gonçalves Viana. Há ainda o tepe [r]: *-r-* (*porta*) e *-r* (*mar*), que nunca iniciam palavra.

O *r* vibrante (múltipla ou *trill*) é inicial e medial, conforme os exemplos do autor: *ré*, *carro*. Sua articulação não pode ser dental, conforme Gonçalves Viana (1883, p.99) diz: “com efeito, nomear *r* uma dental é um contrassenso manifesto, um *r* dental é impossível.”

Porém, na atualidade, Mira Mateus (1990, p. 341) diz em relação ao português: “em alguns outros dialectos existe uma variante dental, a vibrante múltipla que se representa por [r̄]”.

Outro fenômeno fonológico bastante característico desse dialeto é a redução vocálica, conforme se destacou no início desta análise. Na redução vocálica, as vogais átonas tendem a ser pronunciadas de modo mais reduzido, centralizado, com menor duração e tensão, como em *mudu* e *tristi*¹¹¹ ou como a pronúncia de *u* (breve) em lugar de *o* ou *u* (átonos) na seguinte reflexão do foneticista para o dialeto de Lisboa: “Todo *o* ou *u* átono se pronuncia geralmente *u*.” (VIANA, 1883, p. 6).

Esse tipo de redução vocálica pode levar à perda do contraste fonêmico, que é a neutralização. Nela, ocorre a variação de um som sem que haja a variação de significado. Por exemplo, a perda da distinção de *i* e *e* átonos e breves que Viana (1883, p.5) apresenta nos três seguintes casos:

i tem o som do *i* italiano ou francês, sem nenhuma distinção de quantidade, quando é acentuado. Átono, diante de uma consoante palatal, ele se pronuncia reduzido, isto é, mais breve e mais estufado: nós marcamos este *i* com o sinal $\underset{\sim}{i}$ (*i*). O *i* átono diante ou depois de uma vogal, como subjuntivo de ditongo, é ainda mais breve; nós a designamos por *i*°; e é perfeitamente análogo ao *y* do inglês *boy*, *play*, *my* (*boi*°, *plei*°, *mai*°). Nesses três casos o *i* átono se confunde com o *e* átono em um som único, que é aquele de um *i* sussurrado.

Há muitos casos de redução vocálica na obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), que são exemplificados de diversas maneiras com o uso de comparações, esquemas, tabelas etc., ou usando a escrita, como uma referência mais

¹¹¹ (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p.189).

simplificada para se entender o fenômeno. Por exemplo, quando o foneticista diz: “As vogais $\underset{\cdot}{i}$ ($\hat{i}$) $\underset{\cdot}{u}$ ($\hat{u}$) se escrevem tanto por i , u quanto por e o .” (VIANA, 1883, p. 6).

O esquema (adaptado) que segue exemplifica a regra geral (e o contexto) das vogais orais que se tornam reduzidas quando uma sílaba é ou se torna átona:

Quadro 5: Vogais plenas e vogais reduzidas.

Vogais plenas	Vogais reduzidas	Diante das consoantes	Diante das contínuas palatais ¹¹²	Diante das vogais
à, â	—	$\underset{\cdot}{a}$	$\underset{\cdot}{a}$	$\underset{\cdot}{a}$ (ordinariamente forma a crase em à)
è, ê	—	$\underset{\cdot}{e}$	$\underset{\cdot}{i}$	$\underset{\cdot}{i}$ que se escreve e , e que nós representaremos por $\underset{\cdot}{e}$ $\underset{\cdot}{e} = \underset{\cdot}{i}$ $\underset{\cdot}{i}$
$\underset{\cdot}{i}$	—	$\underset{\cdot}{i}$, $\underset{\cdot}{e}$	$\underset{\cdot}{i}$	$\underset{\cdot}{i}$ que se escreve i
ò, ô	—	$\underset{\cdot}{u}$	$\underset{\cdot}{u}$	$\underset{\cdot}{u}$ que se escreve o , e nós representaremos por $\underset{\cdot}{o}$, $\underset{\cdot}{o} = \underset{\cdot}{u}$, $\underset{\cdot}{u}$
$\underset{\cdot}{u}$	—	$\underset{\cdot}{u}$	$\underset{\cdot}{u}$	$\underset{\cdot}{u}$ que se escreve u .

Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1883, p.28).

O esquema mostra que as vogais plenas¹¹³ tornam-se reduzidas diante das consoantes, das contínuas palatais e das vogais. As contínuas são, segundo A. R. Gonçalves Viana (1883, p. 110), “todas as consoantes que não são formadas pelo

¹¹² Neste ponto da tabela, Viana acrescenta esta explicação: Eu chamo “contínuas” todas as consoantes que não são formadas pelo contato perfeito de dois órgãos, isto é, todas as fricativas, as ancípetes l e r , as nasais e as semivogais.

¹¹³ Ainda sobre as vogais plenas A. R. Gonçalves Viana diz: As vogais plenas se encontram nas sílabas acentuadas; as vogais das sílabas átonas, ao contrário, são reduzidas todas as vezes que elas não são nem nasais, nem seguidas de l guturalizado, nem protegidas por uma consoante anormal travando a sílaba, sendo essa consoante pronunciada ou nula. As sílabas terminadas por s , assim como as sílabas médias ou iniciais, começando por uma consoante e terminadas por r , são tratadas como as sílabas abertas, isto é, que a vogal que precede essas duas consoantes s e r se tornam reduzidas, como se ela terminasse a sílaba. § Os únicos ditongos átonos sujeitos à redução são $\hat{a}\hat{i}$, $\hat{a}\hat{u}$ (escritos ai , eu) diante das vogais. § A vogal reduzida $\underset{\cdot}{i}$ apenas se encontra diante ou após uma consoante palatal, em uma sílaba átona. O $\underset{\cdot}{i}$ e o $\underset{\cdot}{u}$ desempenham um papel de subjuntivas nos ditongos, como nós já vimos. (VIANA, 1883, p. 26-27).

contato perfeito dos dois órgãos, ou seja, todas as fricativas, as ancípetes *l* e *r*, as nasais e as semivogais”.

Vogais nasalizadas e sons palatais

Outra característica do dialeto de Lisboa refere-se às vogais nasalizadas. Assim, há diversos casos de vogais não nasais seguidas de consoante nasal, como *homem*, pronunciado *ômãi* e *fome* pronunciado *fóme*. Essas vogais não nasais são pronunciadas com maior grau de abertura ou são fechadas, como Gonçalves Viana (1883, p.40-41) diz:

Nós já vimos que as vogais nasais *ã* *ẽ* *õ* são todas fechadas no sul do reino. As vogais *ê* *ô* tônicas diante de uma consoante nasal são igualmente fechadas, quando a vogal da sílaba seguinte não é *e*: assim se pronuncia *môno*, *pêna*, *pênna* (*poena et penna*); mas *fome*, *homem*, se pronunciam *fômę*, *ômãi*, porque a vogal da sílaba seguinte é *e*.

§ O mesmo acontece nas palavras italianas em *-one*, *-oni* usadas em português, tais como *trombone*, *Manzoni*, que tem um *ò* aberto apesar do *o* fechado que eles têm na língua italiana. A vogal *o* é fechada diante de *nh*, qualquer que seja, aliás, a vogal final, desde que o *o* seja acentuado: ex. *vergônha*, *envergônho*, *envergônhe*, *envergonhár*.

§ A vogal *a* diante de *n* se pronuncia sempre fechada *â* (*â*, *ą*); ex. *canna*, *mano*, *damne*, pronunciadas *kâą*, *mâny*, *dâęę*.

§ Diante da nasal *nh*, o *a* é sempre fechado, exceção feita ao verbo *ganhar* e seus derivados, porque o *a* radical mantém-se sempre aberta, ainda que ele seja acentuado ou átono, *gânho*, *gânhéi*. Cf. o *a* longo do francês *gagner*.

§ Diante da nasal *m*, o *a* é, em qualquer posição, fechado, tem uma única exceção na terminação *-amos* da primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1ª conjugação (em *-ar*).

Paralelamente a essa explicação, Viana trata das palatais, (especialmente no que diz respeito à vogal *e*), porque as vogais que as antecedem também são fechadas ou nasais, como *ãi*. Viana (1883, p.48) diz:

Em Lisboa, sobretudo, o *e* fechado tônico diante das palatais *nh*, *lh*, *j* e *x* se pronuncia *â*. Eu designarei essa espécie de palatalização de *ê* com dois pontos sobre o *ê*. Assim se diz *tênhę*, *ąbêlhę*, *vêję*, *fêcho*, ao lado de *tênhę*, *abêlhę*, *vêję*, *fêchę*. O *e* fechado diante de uma palatal

somente se encontra hoje em dia onde os ditongos *ei*, *em* se pronunciam *êi*, *êi* ao lado de *âi*, *âi* que é o seu valor em Lisboa. Este *ë* diante das fricativas *j* e *x* pode assumir um *î* subjuntivo e ele torna-se então *êi* (= *âi*), por exemplo, em *seja*, *reixa*, que se pronuncia *sâjã* ou *sâîjã*, *ráxã* ou *râîxã*. (Veja *O Dialecto Mirandez*, por M. Leite de Vasconcellos. Porto, 1882, p. 17.).

§ O *e* aberto não muda a pronunciação e se diz *vêlho*, *gêlha*, não *vêlho*, *gêlha*.

§ Me parece que, no início, esse obscurecimento de *e* foi produzido pela epêntese de *î*, introduzido sem dúvida para facilitar a pronunciação da palatal. Esse *i* epentético tornou-se, portanto, a subjuntiva de um ditongo *êi*; e quando esse ditongo, por dissimilação de seus dois elementos, veio a se pronunciar *âi*, como em qualquer outro lugar, palavras tais como *vermêlho*, *egrêjã*, se mudaram em *vermêîlho*, *igrêîjã*, e pela queda do *î* em *vermêlho*, *igrêjã*, que é a nossa pronunciação atual de Lisboa.

Sobre o obscurecimento de *e* (relacionado à variação de *ei*, *âi*, *âi* de que fala o foneticista no excerto acima), notamos que ele provém da forma fonológica de base com o *e* átono que se tornou *ë* (ou seja, [ɐ]), ou obscureceu, e que recebeu uma vogal empetética *i*, resultando em *ëi* (*âi*). Essa vogal empetética se tornou a subjuntiva [ɪ] de [ɐɪ], que é um processo antigo de ditongação.

Por dissimilação, o *ei* [ɐɪ] passou a ser pronunciado *âi* [ɐɪ] como nos exemplos *vermêîlho*, *igrêîjã* e pela queda do *i* em *âi* tornou-se *â* (ou [ɐ]) em: *vermêlho*, *igrêjã*, que, segundo o autor, é a pronúncia de Lisboa do século XIX. E, aqui, vemos que a vogal empetética *i* que surgiu para formar o ditongo, caiu após a dissimilação.

A dissimilação é um processo fonológico que afeta segmentos próximos (parecidos) entre si. Eles se alteram para se tornarem diferentes. É o contrário da assimilação que se mostrou anteriormente, cujos segmentos se alteram para ficar parecidos.

Segundo Mira Mateus, a dissimilação ocorre, muitas vezes, por razões articulatórias, pois “É difícil produzir distintamente dois sons contíguos demasiado próximos e estes tendem a fundir-se num só.” (MIRA MATEUS, 1990, p. 244). E para Cagliari (2007) essa dificuldade ocorre, principalmente, devido ao processo

aerodinâmico¹¹⁴ que dá a configuração da produção dos sons conforme o modo como a corrente de ar pulmonar movimenta-se no aparelho fonador.

O autor refere-se, ainda, à pronúncia nasal da vogal *a* da desinência —*amos* do verbo do pretérito perfeito do indicativo, cujo *a* é mais aberto, especificamente nesse tempo verbal, conforme ele destaca no seguinte quadro:

Quadro 6: verbos em *–ar*.

<i>Verbos em –ar.</i>		<i>Indicativo</i>
	Presente	Perfeito
Norte do reino	<i>amâmōs</i>	<i>amâmōs</i>
Sul do reino	<i>amâmōs</i>	<i>amâmōs</i>
Centro do reino	<i>amâmōs</i>	<i>amâmōs</i>
Latim	<i>amāmus</i>	<i>amāuimus</i>
Ordinariamente se distingue nas escritas <i>amāmos</i> de <i>amāmos</i> ¹¹⁵ .		
<i>Subjuntivo</i>		
	Presente	
Norte de reino	<i>dēbāmōs, ouçāmōs</i>	
Sul e centro	<i>dēvāmōs, ouçāmōs</i>	
Latim	<i>debeāmus, audiāmus</i>	

Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1883, p. 42).

¹¹⁴ O processo aerodinâmico diz respeito ao modo como o ar movimenta-se no aparelho fonador. A corrente de ar pulmonar pode ser egressiva (expiratória) ou, o contrário, ingressiva (inspiratória) como em “hla! hla!” — sinal usado pelo cavaleiro para tocar o cavalo. Na língua portuguesa os sons são produzidos com uma corrente de ar pulmonar egressiva, quando ocorre a expiração do ar durante a respiração. (CAGLIARI, 2007).

¹¹⁵ (VIANA, 1883, p.41).

Em relação a essas desinências, o autor acrescenta: “Vemos que a única diferença dialetal, com alguma importância para o sentido, se limita à 1ª conjugação. É possível, contudo, que em outros tempos se distinguiu, nesse dialeto, o presente do perfeito (1ª pessoa plural) nas duas conjugações em *-êr* e em *-ír*.” (VIANA, 1883, p. 42).

Nestes casos, a qualidade da vogal dessas desinências traz a informação do tempo verbal.

Refração

Outra questão que se pode destacar em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) é a refração, associada a questões morfológicas e filológicas dentre as quais citaremos alguns exemplos.

Para Gonçalves Viana, a refração tem sido pouco discutida em trabalhos sobre a língua portuguesa, apesar de ser relevante ao estudo linguístico, conforme ele comenta na obra. É uma lacuna que ele destaca em sua obra para que a refração não deixe de ser devidamente discutida.

Viana define a refração da seguinte maneira: é a “influência mediata ou imediata das vogais átonas finais *e* ou *a* (*e*, *i*, *u*, *a*) sobre as vogais acentuadas da sílaba precedente [...]” (VIANA, 1883, p.45).

Estudando a refração, o foneticista encontrou dados característicos de dialetos do sul e do norte de Portugal. Por exemplo, em Bragança, Gonçalves Viana observa que o feminino de *avô* não é *avó*, mas *avoa* e a pronúncia de *avô* é *avó*: “Em Bragança se diz *avò* no masculino e *avòda* no feminino. Tem as pessoas que distinguem *avòs* = *ancestrais* de *avôs* = *avós*.” (VIANA, 1883, p.134).

O foneticista identifica, na refração, um fator importante de diferenciação entre dialetos do norte e do sul de Portugal desde antes da dominação árabe. As leis da refração são bastante notáveis, mas não são devidamente observadas, conforme Viana (1883, p. 46) destaca que:

[...] esse fato nos autorizaria supor dois dialetos, bem diferentes, do antigo português: um no sul, onde a refração aconteceria, um outro no norte, onde esse fenômeno não seria mais manifesto; porque ele deve ser anterior a dominação árabe e deve ter sua origem na pronúncia do latim popular nessa parte da península. Assim a palavra *ôvo* com

um *o* fechado se explicaria pelo latim *ouum*, isto é, pela influência da vogal escura *u* da terminação *-um*; e o plural *òvos* com *o* aberto, pelo plural *oua*, onde a terminação é um *a*, vogal clara. A refração vocálica seria pouco a pouco generalizada no norte, e a ausência dessa distinção em alguns locais, que ainda estão a determinar, seria a prova de uma distinção dialetal anterior à invasão árabe. § O que é isento de dúvidas, é que esse fenômeno constitui uma das características mais marcantes do português, comparado a outros idiomas neolatinos. Nós não encontramos nada parecido em castelhano, em francês, em italiano, etc., e esse está somente no romeno, onde a vogal *o* do masculino tornou-se *oa* no feminino, que tem algo de análogo que poderia ser destacado.

Em sua obra, Gonçalves Viana destaca casos de refração como os seguintes:

- Nos verbos da 2ª e da 3ª conjugação (em *-êr* e em *-ir*), em que a vogal final *e* torna aberta *e* ou *o* da sílaba *tônica* precedente, quando essas vogais não são nasais¹¹⁶.

Ex. *Dêvêr* — *dève*, *deves* (*dèvĩs*)

Cômêr — *còmẽ*, *comes* (*kòmĩs*)

Rôêr (*ruêr*) — *róe* (*ròi*), *roes* (*ròĩs*).

Assim, o primeiro *e* de *dever* (*Dêvêr*) torna-se *é* em *déves* (*dèvĩs*); e o *o* de *comer* (*Cômêr*) torna-se *ó* em *cómes* (*kòmĩs*).

Há uma série de exceções que, no entanto, podem ser categorizadas e compreendidas dentro dos contextos em que aparecem, conforme Gonçalves Viana comenta:

Os verbos, cuja vogal radical é *i*, *u*, uma nasal, ou um ditongo não sofrem nenhuma modificação deste radical. As vogais *i*, *e*, *u*, *o*, e os ditongos *ai*, *ei*, diante de outras vogais, se pronunciam *ĩ*, *ũ*, *ai*, *ei*, quando elas são átonas, como nós vimos anteriormente, e constituem, com isso, várias exceções nesses verbos, por seguir somente a regra das vogais átonas acentuadas. § Os verbos, cuja vogal radical átona é aberta no infinitivo não sofrem nenhuma mudança. Ex.:

Esquecer, *esqueço*, *esqueça*, *esquece*

pr. *ĩskèsêr*, *ĩskèsu*, *ĩskèsq*, *ĩskèsq*

Arrefecer, *arrefeço*, *arrefeça*, *arrefece*

pr. *arrefêsêr*, *arrefêsu*, *arrefêsq*, *arrefêsq*¹¹⁷.

¹¹⁶ (VIANA, 1883, p. 46).

¹¹⁷ (VIANA, 1883, p. 48).

- Nos verbos em *-ir*:

verbo *fugir* (*fujír*) = fugir

fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem

fuju, fôgîs, fôgi, fujímuş, fujís, fójâi.

verbo *divertir* (*divertír*) = divertir

divirto, divertes, diverte, divertimos, divertis, divertem

devírtũ, divèrtîs, divèrte, deçertímuş, deçertís, divértâi

ou então

divírtu, — — divertímuş, divertís —

verbo *vestir* (*vístir*) = vestir

visto, vestes, veste, vestimos, vestis, vestem

vístu, vèstîs, vèste, vístímuş, vístís, véstâi¹¹⁸.

A. R. Gonçalves Viana (1883, p.50) faz a seguinte ressalva quanto à refração dos verbos em *-er* e em *-ir*. Ele diz:

Há ainda uma diferença entre a refração da 2ª conjugação e a refração da 3ª conjugação. Na segunda conjugação em *-êr* ela é a regra nesses casos citados. Nos verbos em *-ir* ela não é tão comum: um grande número de verbos foge a essa mudança de vogal radical. Nós citaremos, por exemplo: *luzir, rugir, entupir, permitir*, etc. Na variedade desses verbos a refração não é de longa data. Assim, nós encontramos n'Os Lusíadas (canto III, est. 105) *acude* no imperativo, enquanto que hoje se dirá *accòde* no dialeto comum. Há, portanto, duas conjugações diferentes dos verbos em *-ir*, onde uma tem a sua vogal radical sujeita a refração, e outra tem essa vogal inalterável em relação à vogal final átona.

- Nos nomes:

Os adjetivos em *-oso* tem *ô* fechado no singular masculino; este *o* torna-se aberto no plural, bem como o feminino dos dois números. § Eu vejo um caso de refração, isto é, da influência da vogal final átona

¹¹⁸ (VIANA, 1883, p. 49-50).

sobre a vogal da sílaba tônica, que deve ter sua origem no latim vulgar. Assim *formôsq* de *formōsum*; mas *formôsoś* de *formōsos*, *formòsq*, *formòsqś* de *formasam*, *formōsas*, o *u* final sozinho desempenha a função da vogal escura¹¹⁹.

- Nos participípios:

Os participípios contraídos, geralmente empregados como adjetivos e substantivos, e cuja sílaba tônica é fechada e tem por vogal *o*, seguem a regra dos adjetivos em *-ôso*, *-ôsa*. Ex.:

tôrto; *tòrtos*, *tòrta*, *tortas*

môrto; *mòrtos*; *mòrta*; *mòrtas*

pôsto; *pòstos*; *pòsta*, *postas*

um pôsto; *uns pòstos*, *uma pòsta*, *umas pòstas*¹²⁰.

A qualidade de uma vogal pode, ainda, ser explicada a partir de sua origem e dos desenvolvimentos históricos da língua para além da refração:

Temos substantivos terminados por *a* com *e* ou *o* tônicos fechados: mas são palavras primitivas, e a qualidade da vogal depende de sua origem. Os substantivos *cêra*, *gotta*, por exemplo, têm suas vogais tônicas fechadas, porque eles derivam de palavras latinas *cera*, *gutta*, *u* e *i* das sílabas fechadas, e *ē*, *ō* correspondem a *ê*, *ô* em português, como em italiano. A única diferença entre essas duas línguas consiste em que o italiano guarda, em todos casos, a qualidade de seus *e* ou *o* acentuados, enquanto o português apenas conserva com a condição de não confundir as analogias e as leis que ele criou por si mesmo¹²¹.

Fenômenos suprasegmentais

Em relação aos fenômenos suprasegmentais, a acentuação é um tema bastante discutido pelo autor no final da sua obra.

Viana trabalha a acentuação do ponto de vista da palavra e da frase/oração. Na palavra, a acentuação o leva a observar o grau de força ou intensidade na produção de uma sílaba em relação às demais sílabas (de uma palavra). Na frase, ele identifica a elevação de força ou intensidade em um ponto da frase, o que permite observar a entoação.

¹¹⁹ (VIANA, 1883, p. 133).

¹²⁰ (VIANA, 1883, p.51).

¹²¹ (VIANA, 1883, p. 52).

Tradicionalmente, a acentuação classifica as línguas em dois grandes grupos, conforme a posição do acento nas palavras: “línguas intensivas ou de ictu; 2) Línguas tonais ou de altura. O português é uma língua intensiva [...]”¹²².

De acordo com Gonçalves Viana, a intensidade ou ictu de uma palavra na língua portuguesa tende a ocupar a penúltima sílaba (paroxítona), Viana (1883, p.60) diz:

O acento da penúltima sílaba domina a língua: para chegar a esse resultado, as palavras são reduzidas como em francês, e em geral, é nessa antepenúltima sílaba que são sacrificados os vocábulos latinos datílicos, ex. *combro* de *cumŭlum*, *linde* de *limĭtem*; mais frequentemente também última, ex. *caco* de *calcŭlum* (cas. *cacho*), *margem* (antigo e ainda hoje *marge*), de *margĭnem*.

Essa redução das palavras traz consequências para o sistema da língua de modo que a sua fonologia apresentará muitas sobreposições, conforme Viana (1883, p.60-61). diz:

Essa particularidade dá origem na linguagem atual a muitas sobreposições com ou sem mudança de significação como é o caso em francês; para as palavras citadas temos as formas seguintes: *cúmulo*, *limíte* (sobre a influência do francês, pois o castelhano tem *límite*), *cálculo*. Tais formas diferem das formas francesas apenas pela permanência da acentuação latina, cuja tradição jamais se perdeu em Portugal e em Castela, como aconteceu na França e nos países de língua d’oc . Em francês é a acentuação da última sílaba que prevaleceu, e as palavras de origem popular são comumente mais curtas do que em outros idiomas neo-latinos. O italiano possui, e tem sempre possuído, um grande número de palavras proparoxítonas, acentuação pela qual se pode dizer que essa língua, bem como o inglês moderno, tem uma predileção, como em palavras tais quais *cristianésimo*, *fantásima*, etc., com um *i* intercalado, o demonstra.

Gonçalves Viana considera que mesmo as palavras proparoxítonas do português podem ser vistas como paroxítonas quando são pronunciadas. Pois, o falante “encurta” a palavra (que seria proparoxítona em paroxítona) reduzindo a vogal que termina essa palavra. Viana (1883, p.61) diz:

Quando a penúltima sílaba é aberta e a última é uma vogal, o acento recua ordinariamente sobre a antepenúltima. Isto não contraria de modo algum a regra geral, uma vez que as vogais *e i, o u* tornam-se respectivamente *ê, û*, isto é, semi-vogais, de uma certa forma,

¹²² (CÂMARA Jr., 2004, p.39).

consoantes; as palavras *agua*, *gloria* podem, pois, ser vistas como as dissílabas, *a-gũa*, *glo-riã*.

E a redução das vogais é maior depois do acento, conforme o foneticista exemplifica dizendo: “Todas as outras sílabas da palavra, quando elas são abertas ou fechadas por *s*, ou terminadas em *r* antes do acento, tem suas vogais reduzidas se essas vogais são *a*, *e*, *o*, *u*, que se pronunciam ă, ę, (i), ŭ. A atenuação das vogais é maior após o acento.”¹²³ (VIANA, 1883, p.60).

Essa redução, contudo, não se estende aos verbos e às palavras eruditas, segundo Viana (1883, p. 61):

Fora a flexão verbal, as proparoxítonas pertencem todas praticamente todas, à língua erudita, embora um grande número dentre elas esteja desde há muito tempo presente na língua popular. Do latim *rigĭdum* a língua popular formou *rijo* eliminando a última sílaba; a língua erudita assumiu, da palavra latina, a sua forma *rígido*, igual em francês *roide* e *rigide*; a única diferença entre o português *rígido* e o francês *rigide* é devida à tradição da acentuação latina que se perdeu na França.

Em relação aos verbos, Viana (1883, p.61) afirma ser possível encontrar três sílabas átonas após a sílaba acentuada apenas:

[...] na sequência da inclinação dos casos oblíquos dos pronomes pessoais, os quais se situam sempre após o verbo das preposições principais afirmativas. Esses pronomes são: *mę*, *tę*, *sę*, *lhe*, *nęs*, *vęs*, *ę*, *ęs*, *ę*, *ęs*, quando eles vêm a se juntar às formas verbais paroxítonas ou proparoxítonas; ex. *contavam-se-lhe*, *dávamos-t’o*, pronunciados *kōntávũsęlhe*, *dávęmųstų*. Quatro sílabas átonas após a tônica não podem se encontrar em nenhuma dessas combinações fraseológicas em português. Elas são possíveis em castelhano e em italiano: ex. *dábamos-telo*, *portándomivelo*. § É preciso ainda considerar o fato de que os casos oblíquos de pronomes pessoais *o*, *lhe*, *me*, etc. são totalmente átonos. Jamais um acento secundário vem destacá-los na frase.

Em relação ao ritmo das proparoxítonas, as duas sílabas finais também são átonas, sem acento secundário após a tônica. Diferente do castelhano que, segundo o

¹²³ Há, aqui, mais uma questão linguística interessante que podemos fazer lendo *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) : teríamos aqui a motivação (ou a justificativa) para a redução vocálica nos casos apresentados pelo autor?

autor, apresenta um acento secundário que ele compara com o português: “cast. *túmuló*, port. *túmulo*.” (VIANA, 1883, p. 62).

Pode haver variações dessas regras de acentuação dependendo da ênfase dada pelo falante a algum segmento da palavra, conforme A. R. Gonçalves Viana (1883, p.62) diz: “Em castelhano se alonga muitas vezes a última sílaba átona de uma palavra, quando se fala enfaticamente, o que acontece só raramente em português, por exemplo, nos *pregões* de frutas, legumes, peixes etc, que são as feiras, nas ruas, e que são meio cantados: castelhano *cása* ou *cásā*, português *cása*.”

Como se notou anteriormente, as sílabas pós-tônicas são átonas. Gonçalves Viana comenta que as pré-tônicas também são átonas, a não ser que a palavra seja extensa, o que irá fazer com que um acento secundário apareça. E isso acontece apenas em quatro situações. As três primeiras são as seguintes, segundo Viana (1883, p. 62):

Em português há apenas quatro casos de palavras com dois acentos:

1º As palavras compostas: *trága-málho*, *pórta-machádo*, *quebra-nózes*, *quátrocéntos*. Várias palavras compostas, no entanto, têm apenas um acento: *ábrólhos*, *maçapães*, *torcicóllo*.

2º Os advérbios formados de adjetivos por meio da terminação –*mente*: *ricaménte*, *cándidaménte*, *sêccaménte*, *trísteménte*, *felízménte*, *gloriòsaménte*,

Observação. A terminação –*mente* é uma palavra independente da locução adverbial *de boa ménte*.

3º Os diminutivos e os aumentativos formados através do infixo *z* colocado entre o radical e a terminação diminutiva ou aumentativa: *prégozínho*, *mulhérrínha*, *hómemzarrão*. Todos que não intercalam o *z* não têm, ao contrário, apenas um único acento que evidencia o sufixo, e as sílabas pré-tônicas seguem a regra da atenuação das palavras primitivas, isto é, suas vogais tornam-se reduzidas; ex. *preguínho*, *mulherínha*, *mulherôna*, *portão*, *regrínha*.

§ Esse acento secundário sempre evidencia, como nós vimos, a sílaba do radical que foi afetada pelo acento pleno no estado primitivo, e a vogal dessa sílaba guarda o som que ela tinha no primitivo. Essa regra dos dois acentos é completamente oposta à acentuação das línguas germânicas, já que naquelas línguas o acento principal se mantém ordinariamente sobre a palavra radical, exceção feita a alguns sufixos romanos em inglês.

Essa acentuação é típica de Lisboa e contrasta com a do norte, cuja acentuação secundária ocorre nos diminutivos, conforme Viana (1883, p.63) diz:

Nós vimos que, no norte, os diminutivos têm sempre dois acentos: se diz *ròsínha*, *bòttínha*, que seriam ridículos no dialeto comum, que é necessário pronunciar *rysínha*, *butínha*, seguindo a regra das sílabas átonas. Se dirá, no entanto, *ròsazínha*, *bòttazínha*, por causa do infixo *z*.

A quarta situação refere-se aos futuros e condicionais “com os pronomes regimes infixos, isto é, posicionados entre o infinitivo e o presente ou o imperfeito do verbo *haver* [...]” (VIANA, 1883, p. 63). E, nesses casos, o “acento secundário salienta a terminação do infinitivo; ex. *contá-lo-hão*, ao lado de *contarão-o*, *recommendá-lo-íã* (pr. *rəkumēdálũĩq̃*) ao lado de *recommendaría-o*.” (VIANA, 1883, p. 63).

Há exceções que autor apresenta em detalhes, como é o caso da palavra *misericordiosissimamente* que apresenta três acentos, sendo o último o principal: “*mísericordiosíssimamēnte* (*mízərìkurdĩuzísimamē’te*).”¹²⁴

Sobre o acento frasal, ele diz: “Numa combinação fraseológica de duas ou várias palavras, é ordinariamente a última que porta o acento principal; ex. *déste nóvo lĩvro que te dóu, apprenderás o sufficiēte para entendéres a questão*” de *que se trácta*.” (VIANA, 1883, p.65).

4.2 Análise da obra *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892)

A *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892) foi publicada quase uma década após a obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883). Nesse ínterim, observamos que houve mudanças na parte metodológica, de maneira que, na obra de 1892, o autor reorganizou os dados de fala em esquemas mais detalhados em função do destaque que deu ao processo fisiológico¹²⁵ da fala, sofisticando suas análises. Mas sem alterar a visão de língua como uma totalidade organizada.

Sobre essa novidade metodológica, para J. A. Peral Ribeiro, ela “[...] correspondeu a uma mudança profunda nos critérios de análise até aí utilizados e vieram a reflectir-se na elaboração da *Pron. Norm.* Basta ver, a esse respeito, entre outras coisas, a bibliografia indicada nessa obra.” (RIBEIRO, 1973, p. 15).

¹²⁴ (VIANA, 1883, p. 65).

¹²⁵ Essa mudança de enfoque metodológico não representa, contudo, uma desvalorização do trabalho auditivo do fenômeno fônico do estudo anterior do autor.

A bibliografia indicada demonstra, ainda, que houve um apoio metodológico pautado em obras excelentes da área da fonética voltadas ao estudo acústico, físico e fisiológico da fala, o que assinala o uso do autor das teorias linguísticas que emergiam da fonética do século XIX.

Essas teorias apresentam diferenças metodológicas entre si. Diante disso, Viana selecionou e/ou corrigiu o que achava ser mais coerente ao seu trabalho, e, assim, não seguiu uma linha teórica específica¹²⁶. Na primeira parte da *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892), nas “Noções Preliminares”, o foneticista comenta criticamente as obras, autores e assuntos que ele selecionou como base a esse estudo introdutório dos sons. Depois, na segunda parte da sua obra, analisa a pronúncia normal portuguesa do eixo Lisboa-Coimbra.

A bibliografia que ele utiliza é apresentada logo no início dessa obra, em que o autor introduz “algumas generalidades sôbre a phonética ou theoria dos sons da falla humana” (VIANA, 1892, p.1) e, na sequência, expõe os parâmetros de classificação dos sons de um modo geral para, enfim, aplicá-los ao seu estudo dialetal.

A primeira referência apresentada é a obra *Evolução de Linguagem* (1886)¹²⁷ de José Leite de Vasconcellos, que o foneticista elogia dizendo tratar-se da única obra portuguesa que desenvolve melhor o assunto da fonética. Depois, Viana (1892, p.1-2, grifos do autor) recomenda as seguintes obras,

Chavée: *Enseignement scientifique de la lecture*.
Alexander Melville Bell: *Popular Manual of Vocal Physiology*.
R. Lepsius: *Standard Alphabet*, 1863.
E. Brücke: *Grundzüge der Physiologie und Systematik der Sprachlaute*, 1876.
Eduard Sievers: *Grundzüge der Lautphysiologie*, 1876.
H. Sweet: *Handbook of Phonetics*, 1877.
Johann Storm: *Engelsk Filologi*, 1879. *Omrids af Fonetik*, in *Norvegia* I.
J. A. Lyttkens och O. A. Wulff: *Svenska Språlets Ljudlära och schen, Englisken und Französischen*, 1887.
J. A. Lundell: *Det Svenska Landsmålalfabetet*.
Beyer: *Französische Phonetik für Lehrer und Studierende*, 1888.

¹²⁶ No século XIX, era comum atualizar, constantemente, as metodologias. Diversos autores modificavam suas abordagens metodológicas ao longo de suas pesquisas, seja para abandonar, inserir ou modificar parâmetros de análise. Richard Lepsius é um exemplo, como se notará adiante.

¹²⁷ Gonçalves Viana (1892, p.1) acrescenta ainda que se trata de um “Ensaio anthropologico (apresentado á Eschola Medica do Porto) como dissertação inaugural. Porto, Typographia Occidental, 1886”. Essa obra também trabalha o aspecto fisiológico da fala.

P. Passy: *Étude sur les changements phonétiques et leurs caractères généraux*, 1890.

Beyer und Passy: *Das gesprochene Französische*, 1893. 2ter Teil.

Ele acrescenta mais duas obras na errata: *Les sons du français* (1892) de Paul Passy e *Englische Philologie. Anleitung zum wissenschaftlichen Studium der Sprache. I. Die lebende Sprache. I Abteilung: Phonetik und Aussprache* (1892) de Johan Storm.

Os autores dessa bibliografia apresentada por Viana tornaram-se referências importantes na história da Linguística e da Fonética do século XIX. Richard Lepsius, por exemplo, destacou-se por ter sido o único acadêmico alemão a propor um alfabeto universal. Seu extenso conhecimento de diferentes idiomas levou-o a buscar a natureza dos sons simbolizados no alfabeto fonético que criou. Ele realizou esse estudo com muita precisão. Este rigor é característico do seu trabalho descritivo e favoreceu a popularização do seu alfabeto entre vários estudiosos.

Porém, com o passar do tempo, esse alfabeto deixou de ser usado por ser menos eficiente em relação aos que lhe seguiram. Uma crítica muito comum ao trabalho de Richard Lepsius refere-se aos muitos símbolos fonéticos (principalmente os diacríticos) de seu alfabeto.

Ernst Brücke junto a C. Merkel, entre outros colaboradores, tiveram o mérito de desenvolver alfabetos fonéticos unindo a descrição fisiológica (de alto nível — que eles devolviam nesse período) ao conhecimento fonético e linguístico.

Esse conhecimento linguístico-fonético-fisiológico, visto como um recurso metodológico, só foi demonstrado amplamente, em Portugal, por Gonçalves Viana, que iniciou uma nova tradição aos estudos fonéticos portugueses. Na *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892), por exemplo, Viana fez descrições de órgãos do aparelho fonador¹²⁸, suas características e dimensões¹²⁹.

Na Alemanha, Eduard Sievers (1850-1932) realizou excelente análise da fisiologia e fonética na obra: *Fundamentos da Fisiologia Vocal* (1876), cuja influência no meio acadêmico foi decisiva para destacar a fonética como uma disciplina nova:

¹²⁸ Os órgãos que Viana destaca são: boca, laringe, faringe, fossas nasais, glote, epiglote, cordas vocais etc. Ele ainda acrescenta que irá falar mais sobre outros órgãos ao longo da obra quando for necessário.

¹²⁹ Outra característica que não havia na obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) e que é resumidamente apresentada por Gonçalves Viana é o processo aerodinâmico da fala quando ele diz: “Os sons da fala humana são produzidos por um de dois modos: **1.º Expiração**, **2.º Inspiração**, do ar” (VIANA, 1892, p. 3).

“separada da fisiologia e colocada sob o domínio da linguística.” (CAMARA Jr., 1975, p.82).

Segundo Camara Jr. (1975, p.82, grifo nosso),

Sievers teve muitos seguidores. Muitos foneticistas dedicaram suas investigações às modernas línguas europeias, tanto com propósitos puramente descritivos como didáticos [...] entre eles: Charles Thurot e Paul Passy, para o francês; John Strom e Henry Sweet, para o inglês; Kissling, Hoffmann e Viëtor, para o alemão; *Gonçalves Viana*, para o português.

E, ainda, Segundo Frawley (2003, p.305, grifo nosso),

Ele (Sievers) foi um dos maiores teóricos do final do século XIX, com o particular interesse na avaliação de teorias e estabelecendo um conjunto sólido de definições para os sons. Ele foi professor de Jost Winteler, cujo tratado sobre o dialeto de Kerenz de 1876 foi o texto-chave para o desenvolvimento da fonologia, posteriormente¹³⁰.

Esses referenciais bibliográficos representam o que havia de melhor naquele período, tanto que essas obras tornaram-se clássicos nesse gênero de estudos. Elas serviram de apoio à descrição do dialeto de Lisboa feita por Gonçalves Viana.

A *Exposição da pronúncia normal portuguesa... (1892)* é uma obra destinada ao uso de nacionais e estrangeiros, conforme vemos já no título, e, ainda, meio acadêmico, os administradores coloniais, missionários, geógrafos, mercantes, jornalistas, dicionaristas etc. Vale destacar que as viagens tornaram-se mais comuns nesse período de grande desenvolvimento social, conforme foi dito na Parte Histórica desta pesquisa, o que favorecia o interesse por materiais destinados ao conhecimento de idiomas estrangeiros.

4.2.1 A organização metodológica

Na análise anterior da obra *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), demonstramos a importância do alofone (e do fonema) como um recurso fundamental à descrição e caracterização do dialeto de Lisboa. Na *Exposição da pronúncia normal*

¹³⁰ He (Sievers) was one of the most theoretical of late 19th century writers on phonetics, with a particular interest in evaluating others' theories and in establishing a sound set of definitions. He was the teacher of Jost Winteler, whose 1876 treatise on the Kerenz dialect was a key text in the later development of phonology.

portuguesa... (1892), essa base não será diferente, e, o que se nota é o acréscimo de quadros e tabelas, organizando melhor os fonemas e alofones em novos parâmetros de análise. Os fenômenos suprasegmentais também estão inseridos nessa reorganização metodológica, bem como alguns aspectos filológicos e morfológicos que acompanham diversas explicações linguísticas.

Ao final da *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892) o foneticista mostra a sua transcrição das três primeiras estâncias d’*Os Lusíadas* (da edição de 1892), colocando, lado a lado: a pronúncia (dele) do século XIX e a possível pronúncia do século XVI (no subitem 4.2.13).

Nesse contexto, o autor demonstra o seu trabalho linguístico a partir de uma obra literária que é importante para legitimar o dialeto do eixo Lisboa-Coimbra como sendo o português *normal*, de prestígio. Essa consideração do autor é importante, ainda, em relação à leitura, à ortografia e ao ensino, conforme apresentamos no subitem 4.2.12 (Considerações sobre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões).

Gonçalves Viana inicia sua obra usando “termos técnicos” da tradição portuguesa gramatical (e ortográfica), as vogais e as consoantes, e, por meio delas, analisa fonemas. Analisaremos cada caso.

4.2.2 Vogais e consoantes

Na *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892), Gonçalves Viana classifica e analisa as vogais e as consoantes a partir dos processos articulatórios usados na produção desses sons. Para isso, ele também usa alfabetos fonéticos organizando (e classificando) os sons em função do modo como são produzidos e em função do local onde um som é emitido no aparelho fonador.

Para o estudo das vogais, consoantes e demais sons do dialeto de Lisboa, Viana privilegia o uso do alfabeto fonético de Richard Lepsius na base de suas transcrições e descrições.

O alfabeto fonético de Richard Lepsius é organizado por princípios, como a representação biunívoca dos sons, isto é, um símbolo para cada som — no caso dos sons simples. Há ainda os sons duplos como o tʃ e o dʒ para os quais são aplicados outros

princípios de análise, como a coarticulação, que envolve, ao mesmo tempo, mais de um som ou ponto no aparelho fonador.

Os sons que compõem o alfabeto fonético de Richard Lepsius são retirados do estudo de muitas línguas e, por isso, apresenta novos sons, sempre que necessário, uma vez que o objetivo desse alfabeto é ser de uso internacional.

Em relação às vogais, o esquema de Richard Lepsius é regido pela premissa das três vogais primárias e da analogia do triângulo. As vogais primárias são: *a*, *i*, *u*, e a analogia do triângulo é a organização por meio do qual essas vogais são posicionadas à maneira de um triângulo, exatamente como mostra o exemplo abaixo:

a
i *u*

De acordo com Lepsius, a escolha dessas vogais específicas, como uma referência fundamental, deve-se ao fato de que elas são suficientemente distintas (auditivamente) para serem registradas na escrita (na maior parte das línguas antigas). O método acústico é o que estabelece esse esquema.

Outro critério que dá origem a esse sistema é a sua comparação com as cores primárias organizadas em pirâmides, como a que segue:

vermelho
laranja *marrom* *violeta*
amarelo *verde* *azul*

Com a mistura das cores primárias *vermelho*, *amarelo* e *azul* formam-se novas cores, que, na pirâmide, ocupam posições intermediárias em relação às cores primárias.

Transferindo essa ideia à pirâmide das vogais primárias de Lepsius, percebe-se que elas formam o vértice da pirâmide, que é fixo, enquanto que as vogais menos distintas (como as vogais centrais: [ə] ou [ɐ]), são peças intermediárias que completam e ampliam a pirâmide sempre que novos sons são descobertos, como mostra o seguinte exemplo:

a
e *o*
i *u*

As pirâmides de vogais podem ser ampliadas à medida que novas línguas são estudadas, ao contrário do esquema das vogais cardinais de Daniel Jones (1881-1967),

cujo esquema é fixo por ser fundamentado nas possibilidades articulatórias do aparelho fonador.

Paralelamente ao trabalho de R. Lepsius havia outras propostas e práticas para a organização de pirâmides e diagramas na descrição das vogais. São exemplos: Kempelen (1791), Brücke (1856), Ellis (1874), Viëtor (1898), entre outros.

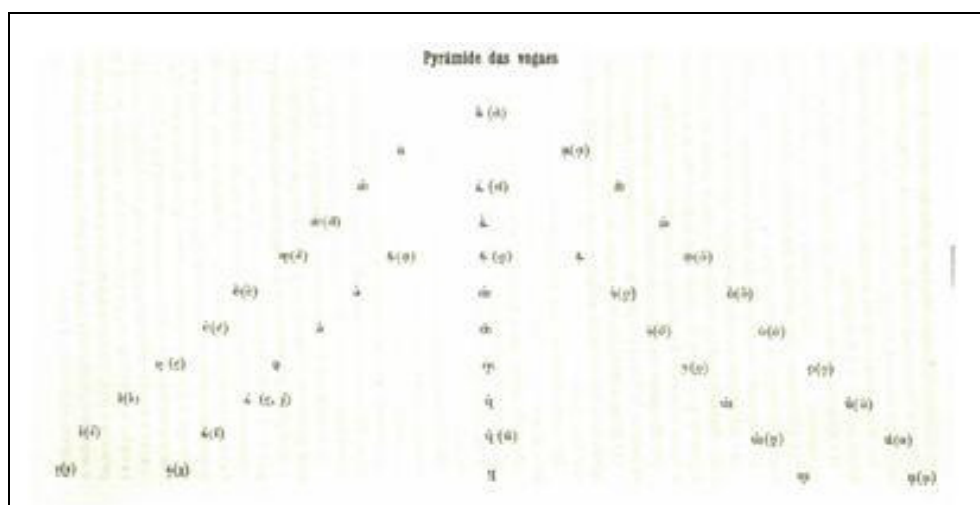
Contudo, todos concordam que a distinção entre vogais e consoantes pode ser melhor explicada em termos de modo de articulação, pensando no tipo de fechamento realizado pelos órgãos da fala. Por exemplo, no caso das consoantes, pode haver um fechamento total dos órgãos, como ocorre nas oclusivas [p], [b], [t] etc., ou pode haver um fechamento parcial, como a lateral [l], entre outros. No caso das vogais, observa-se a configuração do aparelho fonador na produção do som (como a posição dos lábios) e, principalmente, a qualidade auditiva do som.

A. R. Gonçalves Viana tinha conhecimento dessa variedade metodológica e usava diagramas e pirâmides em sua descrição dos sons, mas fazendo adaptações, quando necessário. Ele também sabia que o trabalho de R. Lepsius era alvo de várias críticas, principalmente quanto à associação de cores primárias ao esquema de sons vocálicos, o que Viana não mencionou em seu trabalho.

Devido a críticas como essas, Lepsius passou a referir-se às vogais da pirâmide levando em conta as características articulatórias das vogais.

O quadro a seguir é um exemplo do uso da pirâmide das vogais na *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892):

Figura 4: Systema orgânico de vogaes.



Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p.10).

Para exemplificar cada vogal desta pirâmide, Gonçalves Viana acrescenta os seguintes exemplos:

Figura 5: Detalhamento do systema orgánico de vogaes.

Portuguesas	Peregrinas		
â (à) : á português de cá.		ô (ô) : ó português de pó.	o francês de <i>homme</i> .
ã :	a inglês de <i>far</i> .	ô (ö) ou baixo-beirão de <i>touro</i> ;	ö alemão de <i>hölle</i> .
a : a português de <i>cal</i> .		ø (ø) ou açoreano de <i>touro</i> ;	ø alemão de <i>höhle</i> .
æ :	a francês de <i>malle</i> .	ó (ó) : o transmontano de <i>pó</i> ;	o italiano de <i>povera</i> .
æ (ä) : e algarvio de <i>pés</i> ;	a inglês de <i>bad</i> .	o (o) : o castelhano de <i>polvo</i> .	o castelhano de <i>polvo</i> .
æ (ě) e português de <i>fel</i> ;	e italiano de <i>gelo</i> .	q (q) : ô português de <i>côr</i> .	oe alemão de <i>loos</i> .
â (a) : á minhoto de cá ;	a castelhano de <i>capa</i> .	î (î) : i português de <i>riu</i> ;	i inglês de <i>bid</i> .
â :	u inglês de <i>bud</i> .	î (i) : i português de <i>rio</i> ;	ie alemão de <i>bielen</i> .
â (a) : a português de <i>cada</i> ;	a inglês de <i>abide</i> .	î (i) : ie português de <i>fie</i> ;	i francês de <i>lit</i> .
â (a) : a portuense de <i>mas</i> .			
â :	(ö, ò) concani de पति, <i>päti</i> .	ô (ö, ò) : e português de <i>se</i> .	
â :	â francês de <i>mâle</i> .	ö (ö) :	y polaco de <i>syn</i> .
â :	o inglês de <i>body</i> .	ö (ä) : i açoreano de <i>navio</i> .	
ø (ø) : o alto-beirão de <i>pó</i> ;	o inglês de <i>lord</i> , <i>aw</i> de <i>law</i> .	û :	ü alemão de <i>füllen</i> .
è (è) : é português de <i>sé</i> ;	e americano de <i>care</i> .	û (ü) : u açoreano de <i>tu</i> ;	ü alemão de <i>fühlen</i> .
é (é) : e algarvio de <i>pé</i> ;	e castelhano de <i>jefe</i> .	ü :	u francês de <i>tu</i> .
ê (ê) : ê português de <i>sê</i> ;	ee alemão de <i>see</i> .	û :	u suéco de <i>upp</i> .
ê :	ir inglês de <i>bird</i> , <i>er</i> de <i>her</i> .	û (y) : u baixo-beirão em <i>tudo</i> ;	u noruêgo de <i>hus</i> .
ê :	e francês de <i>le</i> .	û :	u suéco de <i>sju</i> .
ê :	e norte-alemão de <i>gabe</i> .		
œ :	eu francês de <i>jeune</i> .	ù (ù) : q mirandês de <i>qlhç</i> ;	u inglês de <i>full</i> .
œ :	ö suéco de <i>för</i> .	û (u) : u português de <i>tu</i> ;	u alemão de <i>du</i> .
œ :	eu francês de <i>feu</i> .	û (u) : português de <i>sul</i> ;	ou francês de <i>fou</i> .

Fonte: A. R. Gonçalves Viana, (1892, p.11-12).

Além da pirâmide, há outro sistema para a descrição das vogais, criado por A. M. Bell, divulgado por H. Sweet e apresentado em obras de Gonçalves Viana. Nesse sistema, as vogais são descritas pelas posições dos órgãos da fala e não apenas pelo efeito acústico.

Figura 6: Descrição das vogais a partir das posições dos órgãos da fala.

Systema orgânico das vogaes						
	TENSAS			FROUXAS		
	Posteriores	Mixtas	Anteriores	Posteriores	Mixtas	Anteriores
Superiores.....	[?] &	ê (i)	î (i)	ə [ʔ]	é (e)	ï (i)
Medias.....	ê	ə	ē (e)	â (a)	ê (e)	ē (e)
Inferiores.....	â [ʔ] (a)	ô	ò (è)	à (à)	ê [ʔ] (e)	æ (æ)
Labializadas						
Superiores.....	û (u)	ũ (u)	ü (ü)	û (u)	ũ	ü
Medias.....	o (o)	ô [ʔ]	œ	ó (ó)	ô (ʔ)	o [ʔ] (o)
Inferiores.....	ò (ò)	œ [ʔ] (o)	œ	ô	ô	o [ʔ] (o)

Vê-se que não cabem no quadro as seguintes vogaes, que na pyrâmide incluímos: æ æ ɪ ɛ ʏ ʊ ɔ ʊ.

Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p.13).

A importância de se iniciar a descrição do português normal com as vogais e as consoantes é apresentada no início da obra, quando o foneticista diz: “Todos os sons se subordinam a um de dois sistemas: 1.º **Vogaes**, 2.º **Consoantes**.” (VIANA, 1892, p. 3, grifos do autor).

Para ele, a diferença fundamental entre vogais e consoantes é a fricção ou obstrução da passagem do ar em algum ponto do trato vocal, no caso das consoantes, e, no caso das vogais, a passagem do ar é livre, sem fricção, Viana (1892, p.3) diz:

[...] **Vogais** são [sons] produzidos por expiração e mediante disposição dos órgãos da falla, sem **contacto** delles, ou **fricção** do ar na sua passagem: *a, i, u*. No segundo systema, **Consoantes**, o phonema é produzido, ou pela fricção do ar, constringindo a passar pelo canal formado por dois órgãos factores do som, e esses phonemas são então chamados **Consoantes continuas**: *f, v, s, z, x, j*; ou pela expulsão do ar após a separação súbita de dois órgãos factores, entre os quaes se havia estabelecido **preclusão**, ou contacto prévio, e neste caso os phonemas denominam-se **Consoantes dividuas** ou **momentâneas**: *p, b, t, d, k, g*.”

As consoantes podem ser contínuas ou dividuas dependendo da maneira como o ar passa pelo trato vocal. Se o ar, passando pelo trato vogal, for obstruído ou “dividido” em algum ponto, o som ali produzido será classificado como uma *consoante dividua* (exemplos: [p, b, t] etc.). Mas, se em algum ponto do trato vocal, houver uma resistência à passagem do ar, o som ali produzido será classificado como contínuo.

Essa resistência à passagem do ar pode ser apenas um estreitamento, como é o caso dos sons fricativos: [f, v, s, z]; ou pode ser um fechamento parcial como a lateral [l]; ou pode ser intermitente, no caso do som vibrante [r]; ou pode ser nasal [m], em que o som é iniciado antes de ser expelido entre o contato dos órgãos factores.

Em relação aos órgãos factores, Viana (1892, p.7) diz:

Os órgãos factores são pelo menos dois: um **activo**, que é o mais móbil, como dissemos, e o outro **passivo**, do qual o primeiro se aproxima, ou em que toca. § Pode qualquer movimento de outros órgãos entrar como auxiliar na produção do phonema, modificando o seu effeito acústico, a impressão que elle produz no ouvido, e nesse caso tomam os phonemas o nome de **mixtos**. Desta natureza são, por exemplo, o *x* labializado (*š*) do francês *ch*, ou do alemão *sch*, [...].

A classificação das consoantes em contínuas e divíduas ordena outras subdivisões: “[...] as **Contínuas** repartem-se em **nasaes**, **ancípetes** e **fricativas**; as **Divíduas**, ou **Momentaneas**, em **assibiladas**, **explosivas**, **implosivas** e **inspiradas**.” (VIANA, 1892, p. 5).

A ancípete, por exemplo, representa o som que é divíduo e contínuo ao mesmo tempo, pois a obstrução do ar pode ser apenas parcial, tendo passagem livre em outro ponto, como Gonçalves Viana (1892, p.3) diz:

[...] podem ainda os órgãos factores interceptar completamente a passagem do ar em um ponto, e deixarem-na livre em outro; ou pode o ar ser interceptado por dois órgãos factores em um ponto, e ter passagem livre em outro diverso do contato desses órgãos. No primeiro caso temos as consoantes **ancípetes**: *l*, *l[h]*, *r*, *r̄*; no segundo as **ressonantes** ou **nasaes**: *m*, *n*, *ñ[h]*, *ɲ*. Ambas as **classes** pertencem á **categoria** das **contínuas**, ou porque a passagem do ar não é emitida durante o contacto parcial, como nas **ancípetes**; ou porque, no momento da separação súbita dos dois órgãos factores, já o ar adquiriu resonancia nas fossas nasais, e começou a ser expellido antes da separação desses órgãos, como nas consoantes **nasaes**.

Sobre as semivogais, o foneticista as considera como sendo uma fronteira indefinida entre as vogais e consoantes: “[...] O limite entre **vogal** e **consoante**, comquanto estabelecido pelas **semivogaes**, não é completamente definido. Assim, a vogal extrema de **série**, *i*, *u* é o primeiro termo de progressão de apêrto dos órgãos factores [...] (VIANA, 1892, p.157, grifo do autor). E, ainda, acrescenta: “O limite entre vogal e consoante não é perfeitamente definido: as quatro **categorias primárias**, 1ª

Vogaes, 2ª Semivogaes, 3ª Contínuas, 4ª Momentâneas ou Divíduas, vão-se succedendo gradualmente em cada *série*.” (VIANA, 1892, p.4, grifo do autor).

Na tabela abaixo, podemos visualizar a classificação das consoantes contínuas e divíduas com suas subdivisões na parte superior e horizontal da tabela:

Figura 7: Quadro synóptico das consoantes.

Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p.29).

Na parte vertical dos lados extremos (direito e esquerdo) da tabela há a classificação orgânica dos sons, destacando os órgãos envolvidos na fala e os pontos de articulação. Eles estão subordinados às séries: faucaes, gutturaes, linguae, labiae. Elas se referem respectivamente à glote (ou faringe), à língua em conjunção com o palato mole, à língua e aos lábios.

Na parte central e horizontal da tabela, há a distribuição dos sons quanto ao modo de articulação, principalmente. A tabela divide-se, ainda, em duas partes mais abrangentes de classificação: *sonoras* e *surdas*, ou seja, quando há presença ou ausência de vibração das cordas vocais. Depois, destacam-se os pares: *contínuas* e *divíduas*; *ancípetes* e *explosivas*, *centrais* e *laterais* etc. Essa oposição binária dos pares que

mostra propriedades distintivas dos sons remete à ideia de traços distintivos de teorias fonológicas atuais¹³¹.

4.2.3 Fenômenos históricos, fonológicos e suprasegmentais

A *Exposição da pronúncia normal portuguesa... (1892)* trata os fenômenos históricos, fonológicos e suprasegmentais de acordo com a prática filológica do século XIX que coloca esses aspectos da língua como *acidentes* no âmbito da descrição fonética e fonológica. Nesse contexto, há, ainda, a discussão sobre sílaba, vocábulo e pausa.

Em relação aos acidentes, Viana considera os três seguintes:

- Acidentes extrínsecos das vogais;
- Acidentes intrínsecos das consoantes;
- Acidentes extrínsecos das consoantes.

Os *acidentes* são as irregularidades ou desvios adjacentes aos parâmetros fundamentais de análise dos sons apresentados anteriormente. Eles são causados a partir de fenômenos históricos, fonológicos e suprasegmentais.

Os acidentes extrínsecos das vogais dizem respeito a:

- Iotização;
- Labialização;
- Gradação ou guna;
- Oclusão;
- Hiato;
- Assimilação;
- Incompatibilidade;
- Acomodação;
- Dissimilação;
- Enfraquecimento;

¹³¹ Um exemplo é a Fonologia Gerativa. Segundo Cristóvão Silva (2011, p. 115) a Fonologia Gerativa é a “proposta teórica que teve enorme impacto nos estudos fonológicos. O volume clássico intitulado *The Sound Patterns of English* — ou **SPE** — de Noam Chomsky e Morris Halle (1995 [1968]), consiste em um marco para a fonologia. O modelo assume que representações subjacentes são sujeitas a regras fonológicas, que as transformam, gerando novas formas culminando na representação superficial. As **regras fonológicas** formalizam os processos fonológicos. O formalismo das regras fonológicas utiliza **traços distintivos**.”.

- Diferenciação;
- intercalação.

Os acidentes intrínsecos das consoantes dizem respeito a:

- | | |
|-------------------------------|--------------------|
| - Geminação; | - Guturalização; |
| - Enfraquecimento ou redução; | - Cacuminalização; |
| - Roboração; | - Lateralização; |
| - Affricção; | - Labialização; |
| - Aspiração; | - Vibração; |
| - Glottização; | - Assibilação. |
| - Palatalização; | |

Os acidentes extrínsecos das consoantes dizem respeito a:

- | | |
|----------------|--------------------------|
| - Epêntese; | - Abrandamento; |
| - Nasalização; | - Endurecimento; |
| - Liquidação; | - Assimilação; |
| - Vocalização; | - Dissimilação; |
| - Elisão; | - Acomodação; |
| - Oclusão; | - Supressão ou absorção; |

4.2.4 Sílaba, vocábulo e pausa

Gonçalves Viana (1892, p. 24, grifos do autor) define a sílaba da seguinte maneira,

35. Uma só vogal, ou diferentes associações de phonemas em que entre pelo menos uma vogal, proferidos numa só emissão de voz, numa só expiração, são denominados **syllaba**: *a, ba, as, tra, cli, fril*, etc. § Se uma *sýllaba* constitúe vocábulo, êste diz-se **monosýllabo**; os vocábulos de duas *sýllabas* denominam-se **dissýllabos**, os de três, **trisýllabos**, os de maior número de *sýllabas*, **pollysýllabos**; ex.: paz, capa, parede, aparecer, desacompanhado.

É tradição gramatical portuguesa definir a sílaba pela percepção do efeito acústico de jatos de ar lançados e modulados no aparelho fonador, resultando em modificações de sons. Como disse o autor, as palavras da língua portuguesa comportam diferentes tamanhos pelo número de sílabas que têm.

O filólogo traz considerações mais detalhadas acerca das sílabas, refletindo sobre os conceitos de sílabas abertas e fechadas, cobertas e descobertas e de consoantes com valor de vogais. Viana (1892, p.24) diz:

A síllaba diz-se **aberta** quando termina na vogal, por ex.: dá; **fechada**, quando acaba em consoante: dás, par, cal.
A síllaba de um vocábulo qualquer é **coberta** quando se lhe segue outra síllaba, ou quando é fechada; **descoberta**, no caso contrário: nas phrases *o cabo*, *os cabos*, o artigo *o*, *os* é um monosýllabo coberto.

Esses conceitos congregam regras fonológicas no âmbito silábico. A pronúncia de uma sílaba (ou fonema) isolada nem sempre é a mesma se ela estiver em um enunciado ou em determinados contextos. Por exemplo, uma consoante lateral [l] em final de sílaba pode se tornar velarizada, como em a[t̚]ta e ca[t̚] (Bisol, 1999). No exemplo *plantas altas* [plântazaútas], nos termos de Gonçalves Viana *plantas* apresenta sílaba fechada e coberta. Atualmente, esse exemplo costuma-se definir esse fenômeno como juntura (CAGLIARI, 2007).

Sobre as consoantes com valor de vogais, Viana (1892, p.24-25, grifos do autor) diz,

Há consoantes que podem constituir síllaba, funcionando como vogaes: são ellas as sibilantes *s*, *z*, as ancípites *l*, *r*, e as nasaes *m*, *n*, et. (V. 5 e 6). Em português há interjeições que não contem vogal propriamente dita, funcionando uma dessas consoantes como tal; ex.: *h''m*, de dúvida, *hm* de afirmação, *pʁt* para chamar *ʃt* para afugentar, etc.; em perfeito, prefeito, = *p'ʃfeito*, o '*r*' vale por vogal. Pode todavia considerar-se que a verdadeira vogal de taes síllabas é um ə¹³², proferido em segredo com '*r*', *s*, e sonoro com *m*.

Atualmente, essas consoantes com valor de vogais podem ser denominadas como consoantes silábicas: “são na maioria das vezes consoantes não-oclusivas que se

¹³² Veja a notação fonética de Gonçalves Viana (1973, p.17), que aqui ficou representado pelo *schwa* pela falta de símbolo exato usado pelo autor. Em sua classificação o som que ele aponta é o que mais se aproxima do *schwa*.

realizam foneticamente como constrictivas, como nasais, laterais e vibrantes” (CAGLIARI, 2007, p.114). Quando Viana se refere a “proferido em segredo” ele quer dizer que o falante distingue as palavras *prefeito* e *perfeito* em sua mente, mas não na audição da palavra proferida.

Depois da explicação da sílaba há a definição de vocábulo, mas ainda relacionado à sílaba. Assim, na definição de Gonçalves Viana, “**Vocábulo** é uma sýllaba, ou um agrupamento de sýllabas, que expressa uma idéa, ou uma relação entre idéas.” (VIANA, 1892, p.25, grifos do autor) e a pausa é “a duração de silencio entre vocábulo e vocábulo, o intervalo de silencio entre elles”.

Para o foneticista, a definição de vocábulo carrega o caráter significativo da sílaba na língua. Pois, nem todo jato de ar modulado no trato vocal resulta em sílaba, apenas àquele que traz sentido à comunicação humana.

Vale, ainda, destacarmos, aqui, a minúcia com que Gonçalves Viana explica a pausa, lembrando a sua expressão na escrita e na literatura. Gonçalves Viana (1892, p. 25, grifos do autor) diz,

Os intervallos podem ser maiores ou menores, estão porém sempre em relação de duração, conforme a interdependencia dos vocábulos. A falta de observância dessa conformidade, produzindo maior intervallo do que a relação pede, chama-se **reticencia**, ou **suspensão de sentido**. § A pausa menor que separa os vocábulos, delimitando-os todas as vezes que elles teem accentto proprio, não costuma ser indicada gráphicamente. Pode ser representada por um ponto superior (´); assim como nos primeiros versos dos *Lusíadas*:

As armas´ e os barões´ assinalados,
que da occidental´ praia´ lusitana´,
por mares´ nunca de antes´ navegados´
passaram´ inda alem´ da Taprobana;

4.2.5 Transcrição dos fonemas

Ainda na primeira parte da *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892), A. R. Gonçalves Viana faz uma reflexão sobre a transcrição dos fonemas relacionando o uso do alfabeto latino (ou *alfabeto histórico*¹³³) como uma base à transcrição. Segue esse alfabeto:

¹³³ Conforme diz A. R. Gonçalves Viana (1892, p.26).

A B C D E F G H I L M N O P Q R S T V X¹³⁴

A essa base é feita a ampliação do alfabeto por este ser insuficiente para a transcrição. Sua ampliação leva em conta os seguintes três parâmetros, segundo Viana (1892, p. 26):

Por três modos pode elle ser ampliado: primeiro, differençando-se uns sýmbolos de outros por meio de signaes diacríticos, isto é, de pontos ou quaesquer outras marcas addicionais, como aconteceu com *é, ê, ö*, etc.; segundo, introduzindo nesse alphabeto novos sýmbolos, o que já se tem feito, por exemplo com o U, com o W, etc., terceiro, aproveitando as differentes formas conhecidas de uma mesma letra, para fins diversos, como vemos que se fez com *u e v, i e j*. § **Seguindo quaesquer destes processos, não faremos mais do que continuar a tradição recebida, proseguir na evolução do abecedário latino, dando-lhe direção científica, porém.** § Nenhum dêstes métodos pode nem deve ser seguido com exclusão dos outros. O primeiro sobrecarregaria demasiadamente a escrita, difficultando a leitura; o segundo traria consigo tal multiplicidade de caracteres differentes, que seria impraticável o seu uso, logo que se houvesse de notar grande número de sons diversos e de accidentes possíveis do mesmo som; o terceiro processo dará em resultado a falta de homogeneidade na escrita, todas as vezes que a differença entre sýmbolo e sýmbolo consista, não em desenho differente da letra, porém na sua inclinação, altura ou largura, com relação aos demais caracteres que com elles se combinarem. § Para fugirmos aos inconvenientes que resultariam da adopção exclusiva de um dos três modos, é de necessidade que a todos três recorramos, completando-os uns pelos outros, mas subordinando a escolha a princípios certos.

Assim, Gonçalves Viana entende que é necessário buscar um equilíbrio entre os diferentes parâmetros de ampliação do alfabeto: 1) o uso de diacríticos; 2) o acréscimo de novos símbolos e 3) a alteração na forma de letras já conhecidas.

Esse equilíbrio precisa se fundamentar, ainda, dentro de uma direção científica, que ele busca em Richard Lepsius, A. M. Bell, H. Sweet, entre outros.

A. R. Gonçalves Viana, discute também os sistemas de transcrição *monogramática* e *polygramática* que eram usuais nos estudos fonéticos europeus do século XIX e que o foneticista empregava em suas pesquisas com maior ou menor detalhamento, segundo a sua conveniência.

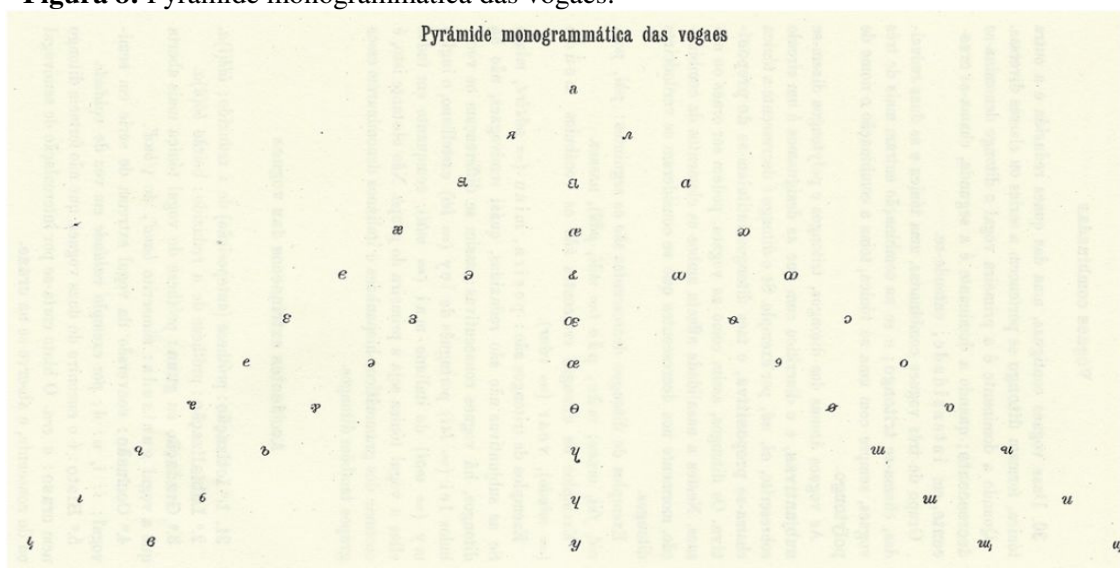
¹³⁴ As letras K, W, Y, J e U não compõem esse alfabeto histórico.

De acordo com Gonçalves Viana (1892, p.27), a transcrição *monogramática* ocorre

[...] quando as principaes divisões dos sons são expressas por caracteres distintos; taes são: o formosíssimo alphabeto itálico inventado por Sundevall, aperfeiçoado por Lundell, e usado no excelente archivo dialectológico sueco *Dialectos Suecos e Vida do povo suéco* (Nyare Bidrag till Kännedom om de svenska landsmålen och svenskt folkliv); o redondo empregado no *Mestre Phonético*, dirigido por P. Passy (Le Maître Phonétique); o inglês de Pittman, redondo ou itálico; os de Bell (Visible Speech) e de Brücke (Über eine neue Methode der Transkription), inteiramente novos, mas de difícil leitura e complicada composição typográfica. §Pode a transcrição ser **diacrítica**, e nesta as principaes distinções dos sons se representam por caracteres distintos, sendo as outras differenciações marcadas com diversos signaes acrescentados ás letras; destes o mais afamado é o de Lepsius (Standard Alphabet) .

Para visualizar o sistema monogramático, segue a “Pyrâmide monogramática das vogaes” (1892, p.17):

Figura 8: Pyrâmide monogramática das vogaes.



Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p.17).

Em seu estudo, o foneticista escolheu e adaptou sistemas de transcrição que pudessem expressar um refinado detalhamento dos dados sem maiores complicações para a impressão e para a leitura. Na impressão, usou os recursos disponíveis, conforme o comentário que segue explicando, ainda, a transcrição polygramática em que,

[...] se agrupam várias letras para que cada grupo indique um som diverso; assim, por exemplo o usado por H. Sweet na primeira edição da *Historia dos sons ingleses* (1894). Os dois primeiros modos de transcrição combinam-se frequentemente; é isso o que fizemos, porque o exclusivamente monogramático traria dificuldades typográficas que retardariam esta publicação, não obstante a diligencia e intelligente direcção e execução empregadas na imprensa Nacional de Lisboa em todos os trabalhos que lhe são confiados, nomeadamente êstes¹³⁵.

Sobre o uso de diacríticos, Viana (1892, p.28) diz,

No método diacrítico aqui empregado introduzimos sómente os caracteres novos absolutamente indispensáveis; e no estudo sobre a pronúncia portuguesa, que lhe segue, adoptámos uma transcrição convencional, que, não estando em desaccôrdo com esta, nos permittiu conservarmos as letras de cada vocábulo escrito, conforme a orthografia usual, indicando os differentes sons e accidentes por signaes diacríticos, em harmonia com uma transcrição systemática.

A reflexão de Gonçalves Viana sobre o tipo de transcrição que decidiu utilizar apresenta a cientificidade por ele pretendida, haja vista ter investigado o que era usual e eficiente entre grandes cientistas do século XIX, considerando, ainda, a tradição, as condições de uso desse material na sua impressão.

4.2.6 Metodologia e descrição da pronúncia normal portuguesa

Neste subitem analisamos o uso que Gonçalves Viana faz da sua metodologia, discutida anteriormente, na segunda parte de sua obra, descrevendo a pronúncia *normal* portuguesa, que é definida por Viana (1892, p.43) da seguinte forma:

A pronuncia da língua portuguesa não é uniforme, nem mesmo no continente; há todavia no centro do reino, entre Coimbra e Lisboa, um padrão medio, do qual procuram aproximar-se os que sabem ler e escrever, e que tende a absorver as particularidades dialectaes, não só nesse centro, mas ainda nas cidades das demais provincias. [...] Concluiremos esta exposição por algumas considerações brevíssimas sobre a presumível pronunciação no tempo de Camões, que pertencia por nascimento a êsse centro, ao qual o consenso geral attribuiu sempre melhor elocução.

¹³⁵ (VIANA, 1892, p. 27).

Como podemos notar na citação, os critérios que definem a pronúncia *normal* passam pela escolha de determinado dialeto diante da variação linguística. O dialeto selecionado para figurar como o padrão é aquele que traz uma tradição literária e/ou uma tradição de uso (ortográfica/gramatical) comum ao grupo mais favorecido política e economicamente¹³⁶.

No excerto acima, a realização dialetal do eixo Lisboa-Coimbra se sobrepõe a outros dialetos e, por isso, os *absorveu*, por ser considerada padrão dentro desses critérios que evocam à memória literária e cultural de um povo.

Sobre a ideia de o uso da *corte* ter se fixado como um padrão a ser seguido nacionalmente, é interessante notar que outros estudiosos também defendiam essa tradição, sendo bastante recorrente nas gramáticas e ortografias mais antigas. Jerônimo Soares Barbosa (1822, p.35-36), por exemplo, afirma que:

Entre as differentes pronunciações de que usa qualquer nação nas suas differentes provincias, não se póde negar que a da côrte e territorio em que a mesma se acha, seja preferivel ás mais, e a que lhes deva servir de regra. [...] O uso porém da côrte não é o uso do povo; mas sim o da gente mais civilisada e instruida. Entre aquelle grassam pronunciações não menos viciosas que nas províncias, com que são creados aquelles mesmos que bem o são, e por isso não emendam senão com o trato da corte, ou de pessoas que fallam tão bem como n'ella.

Para descrever a pronúncia *normal* do eixo Lisboa-Coimba, Gonçalves Viana inicia usando o alfabeto fonético como um recurso metodológico por meio do qual irá expor fonemas, alofones e, na sequência, demais aspectos relacionados à fonologia da língua.

O alfabeto utilizado pelo foneticista baseia-se no alfabeto romano para o qual são acrescentados sinais diacríticos (à maneira de Richard Lepsius), ampliando-o, já que o alfabeto comum “não expressa todos os sons da língua” (VIANA, 1892, p. 44).

O resultado dessa ampliação é o seguinte alfabeto¹³⁷ (na terceira coluna da esquerda para a direita):

Alfabeto (comum)	Fonemas:	Ampliação do alfabeto (alofones):
A	/a/	a, à, á, ą, ą ą, ą, â, ã
B	/b/	b, ̃

¹³⁶ Como mostra o excerto acima, em que o dialeto padrão é próprio de pessoas e regiões onde há um maior desenvolvimento econômico (que propiciou aos falantes terem acesso à alfabetização, à prática da leitura e escrita).

¹³⁷ (VIANA, 1892, p. 44).

<i>C</i>	/k/	<i>c</i> , <i>ć</i> (<i>k aspirado</i>)
<i>Ç</i>	/s/	<i>ç</i>
<i>CH</i>	/tʃ/	<i>ch</i> , <i>čh</i>
<i>CH</i>	/ʃ/	<i>ch</i>
<i>D</i>	/d/	<i>d</i> , <i>ď</i>
<i>E</i>	/e/	<i>e</i> , <i>è</i> , <i>é</i> , <i>ě</i> , <i>ë</i> , <i>ê</i> , <i>ę</i> , <i>ẽ</i> , <i>ę</i>
<i>F</i>	/f/	<i>f</i>
<i>G</i>	/g/	<i>g</i> , <i>g'</i> , <i>gu</i>
<i>H</i>		<i>h</i> (<i>tem valor nulo</i>)
<i>I</i>	/i/	<i>i</i> , <i>î</i> , <i>í</i> , <i>ì</i> , <i>ĩ</i> , <i>ï</i> , <i>î</i>
<i>J</i>	/j/	<i>j</i> , <i>ĵ</i>
<i>K</i>	/k/	<i>k</i>
<i>L</i>	/l/	<i>l</i> , <i>ł</i> , <i>l'</i>
<i>LH</i>	/ʎ/	<i>lh</i>
<i>M</i>	/m/	<i>m</i>
<i>N</i>	/N/	<i>n</i> , <i>n'</i>
<i>N</i>	/ɲ/	<i>ñ</i>
<i>NH</i>	/ɳ/	<i>nh</i>
<i>O</i>	/o/	<i>ò</i> , <i>ó</i> , <i>õ</i> , <i>ô</i> , <i>ø</i> , <i>o</i> , <i>õ</i> , <i>ø</i>
<i>P</i>	/p/	<i>p</i> , <i>p'</i>
<i>QU</i>	/k/	<i>qu</i> , <i>q'u</i>
<i>R</i>	/R/	<i>r</i> , <i>ṛ</i> , <i>rr</i>
<i>S</i>	/S/	<i>s</i> , <i>ṣ</i> , <i>s'</i> , <i>s̃</i> , <i>š</i> , <i>s</i>
<i>T</i>	/t/	<i>t</i> , <i>t'</i>
<i>U</i>	/u/	<i>u</i> , <i>u</i> , <i>ú</i> , <i>û</i> , <i>ũ</i> , <i>ũ</i>
<i>V</i>	/v/	<i>v</i>
<i>X</i>	/x/	<i>x</i> , <i>x̃</i>
<i>Y</i>	/i/	<i>y</i> , <i>y'</i>
<i>Z</i>	/z/	<i>z</i> , <i>z̃</i> , <i>z'</i> , <i>z̃</i> , <i>z̃</i> , <i>z̃</i>

A. R. Gonçalves Viana afirma, ainda, que “alguns desses caracteres designam sons que já se não usam no dialecto normal.” (VIANA, 1892, p. 44).

Na sequência, o foneticista explica a pronúncia de cada símbolo a partir da comparação de sons de outras línguas, como o francês, italiano e alemão etc. e do ponto de vista acústico e articulatório. O quadro que segue mostra um pouco desse detalhamento:

Quadro 7: Detalhamento do alfabeto fonético.

<i>â, á</i> , escrito usualmente <i>a</i> ou <i>á</i> : <i>a</i> intermédio entre os franceses de <i>pâte</i> e <i>patte</i> .
<i>a, á</i> , escrito com <i>a</i> ou <i>á</i> : muito próximamente o <i>â</i> francês de <i>mâle</i> .
<i>â, á</i> , escrito usualmente <i>a</i> ou <i>â</i> : o <i>a</i> inglês de <i>about</i> , sendo porém tónico; assemelha-se a <i>ö</i> alemão de <i>hölle</i> , e também a <i>e</i> francês de <i>le</i> ; (&).
<i>a</i> , escrito usualmente <i>a</i> : êste mesmo, mais átono.
<i>ã</i> , escrito usualmente <i>ã</i> , <i>am</i> , <i>an</i> : êste mesmo, porém nasal; lembra o <i>un</i> francês.
<i>b</i> , escrito usualmente <i>b</i> : o <i>b</i> francês ou italiano.
<i>b̃</i> , escrito usualmente <i>b</i> ou <i>bb</i> : o <i>b</i> castelhano de <i>deber</i> , quási <i>w</i> dialectal alemão; é um <i>v</i> proferido com os dois beiços.
<i>c</i> (antes de <i>a</i> , <i>o</i> , <i>u</i> ou consoantes), <i>c</i> , <i>cc</i> , <i>ch</i> : <i>c</i> francês, <i>k</i> alemão, em situação semelhante; (<i>k'</i>).
<i>ć</i> (final ou antes de <i>o</i> final átono), <i>c</i> , <i>cc</i> , <i>ch</i> : <i>c</i> , <i>k</i> aspirado; (<i>k'</i>).
<i>ch</i> , escrito <i>ch</i> : originária e dialectalmente <i>ch</i> castelhano e inglês; (č).
<i>ç</i> , escrito <i>ç(a)</i> , <i>ç(o)</i> , <i>ç(u)</i> , <i>c(e)</i> , <i>c(i)</i> : diferenciado antigamente de <i>s</i> na pronúncia, mas hoje confundido com elle, excepto em parte de Trás-os-Montes, Minho e Beiras; (š).
<i>d</i> , escrito na orthographia usual <i>d</i> : <i>d</i> proferido mais perto dos dentes que o <i>d</i> francês.
<i>ď</i> , escrito na orthographía usual <i>d</i> , <i>dd</i> : <i>d</i> medial castelhano, quási <i>ð</i> , o <i>th</i> inglês de <i>that</i> , e não o de <i>thank</i> .
<i>è, é; ě</i> , escrito na orthographía usual <i>e</i> , <i>è</i> , <i>é</i> : <i>e</i> mais aberto que o <i>è</i> francês; <i>ě</i> é mais aberto ainda e só se ouve antes de <i>f</i> .
<i>ë</i> , (= <i>á; ê</i>), escrito na orthographia usual <i>e</i> : som originário e dialectal, <i>ê</i> português; no

centro do reino tem o mesmo valor que *â*, e só aparece antes das consoantes *ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh*, e no ditongo *ei*; em alguns pontos tem um valor medio, *é*, entre *è* e *ê* (igual ao do *e* castelhano).

ê, *ê*, na orthographía commum *e* ou *ê*: o *é* francês de *fée* *ee* alemão de *see*, e *chiuso* italiano de *sapeva*.

ẽ, na orthographía commum *em*, *en*: êste mesmo, porém nasal, differente de *in* francês, que é muito mais aberto.

ê, *î*, na orthographía commum *e* ou *i*: um e mais fechado e menos perceptível que o *e* francês do artigo *le*, ou o alemão de *himmel*; quási o (') de *ch'val*, pronuncia corrente do vocábulo francês *cheval*;

f, na orthographía commum *f*, *ff*, *ph*: *f* francês e alemão.

g, (antes de *a*, *o*, *u*, consoante, ou final) *g*, *gg*: o *g* francês na mesma situação, *g* inglês de *gold*, italiano de *largo*; (*g*).

gu, (antes de *è*, *ê*, *i*, *y*), *gu*: o *gu* francês na mesma situação, *gh* italiano; (*g*).

g', (antes de *e*, *i*, *y*), *g*: análogo ao *g* francês na mesma situação, igual a *j*, *j*. (Vejam-se êstes).

h, escrito na orthographía commum *h*: sempre nullo; equivale ás vezes ao sinal (") em francês, para desunir vogaes: *ahi*, (= *qî*).

i, (*î*), *í*, escrito na orthographía commum *i*, *í*, *y*, *y'*: *i* alemão ou italiano, menos agudo que o *i* francês.

ì, (*î*), escrito na orthographía commum *i*: *i* do inglês *bill*, muito próximamente; está para *i* como *è* para *ê*.

ĩ, escrito na orthographía commum *im*, *in*: *i* nasal, differente de *ing* alemão ou inglês.

î, escrito na orthographía commum *i*, *e*: *i* átono antes de palatal, muito breve e

attenuado.

i, escrito na orthographía commum *i*, *e*: y francês e inglês, *j* italiano, ou allemão, porém menos consonântico, com maior carácter de vogal.

j, (antes de *a*, *o*, *u*, *e*), escrito na orthographía commum *j*, *g*: mais palatal que o *j* francês, e sem protractão labial.

j, (antes de *è*, *ê*, *i*, *i*), escrito na orthographía commum *g*, *j*: ainda mais palatal.

k, (substituído por *c* ou *qu*), escrito na orthographía commum *c*, *ch*, *qu*, *k*; é de raro emprego: vale o *k* allemão.

l, escrito na orthographía commum *l*, *ll*: o *l* hispanhol ou italiano, articulado mais próximo dos dentes que o francês.

ł *l* depois de vogal na mesma sýllaba, ou quando final: quási o *ł* polaco, isto é, gutturalizado: a lingua, deprime-se a meio, e faz-se convexa em direção ao palato molle; a ponta, com a sua face inferior, toca a face interna dos incisivos superiores e forma o contacto com as gengivas; o effeito acústico é quási o de um *u* muito sumido, ou do *w* inglês; (*ł*).

lh (melhor *ˈlh* ou simplesmente *ˈl*), escrito na orthographía commum *lh*: é um *l* palatal, o *ll* castelhano, e não *ill* parisiense, nem o *lj* allemão. Para o reproduzir deve ter-se em attenção que a ponta da lingua há de encostar-se á face interna dos incisivos inferiores, e que o contacto é com a página superior da lingua, convexa, na parte interna das gengivas dos incisivos superiores, quási junto ao palato duro, próximamente a posição do *ch* allemão de *ich*; o sopro passa, como para todos os *ll*, por um ou pelos dois lados da lingua; (*l*).

m, escrito na orthographía commum *m*, *mm*: o *m* francês inicial, ou *m* italiano ou allemão; (*m*).

n, escrito na orthographía commum *n*, *nn*: mais perto dos dentes que o *n* francês ou allemão; (*n*).

ŋ, escrito na orthographía commum n: o ng allemão de sang, ou de singen, conforme é precedido de a, o, u ou de e, i; só se ouve antes de k, qu, g, gu; (ñ, ɲ).

Fonte: Adaptado de A. R. Gonçalves Viana (1892, p. 46).

Na sequência da explicação dos sons desse alfabeto fonético, Gonçalves Viana insiste na explicação das vogais e consoantes, trazendo maiores detalhes e exemplos de cada caso com o uso de esquemas e tabelas. Depois, ele trata da influência das vogais pós-tônicas nas acentuadas; analisa as conjugações e flexões dos verbos e, ainda, faz uma recapitulação, acrescentando exemplos¹³⁸.

O foneticista também acrescenta reflexões sobre a quantidade prosódica, da acentuação e da pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões, mostrando as três primeiras estâncias dos Lusíadas, transcritas com o alfabeto fonético que ele usa na *Exposição da pronúncia normal portuguesa... (1892)*. Analisamos essas reflexões que seguem.

4.2.7 Quantidade prosódica

A quantidade prosódica, em Viana, trata da variação da duração da pronúncia de vogais e de consoantes, que pode ser reduzida ou alongada dependendo do contexto em que aparece.

No caso das consoantes, o alongamento só acontece por supressão de ɐ em final de vocábulo, seguido de outro vocábulo que inicie por consoante homorgânica antes do ɐ. Exemplo: *veste-te*, pronunciado *vés̃tɐ-te* ou pronunciado *vés̃t̃tɐ* (de maneira mais lenta), com exceção de vocábulos iniciados por *r-* ou *-rr-* medial. Outros exemplos¹³⁹:

Por causa de ti — *pɔrc̃auz̃ɐt̃t̃i*

A vontade de Deus — *avõntáðððêús*

Tome-me este conselho — *tómmêstkõsálhɔ*

Desce-se — *dés̃sɐ*

¹³⁸ Parte desse trabalho, já havia sido analisado em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), conforme foi apresentado anteriormente.

¹³⁹ (VIANA, 1892, p. 83).

A supressão da vogal *e* nos exemplos acima é compensada por um alongamento da consoante que a precede. Como resultado, apesar da queda da vogal, a duração da palavra se mantém aproximadamente a mesma de antes da queda da vogal.

Nas vogais, ocorre o alongamento na seguinte circunstância, conforme Viana (1892, p.83) diz:

A quantidade decididamente longa nas vogais é igualmente resultado da crase de duas vogais homorgânicas da mesma série, ordinariamente de um a outro vocábulo, podendo dar-se como preceito que ella se produz logo que não haja qualquer pausa intermédia. Nestes termos:

a + a = à; mas *a + à*, ou *à + a*, ou *à + à = ā*, isto é *à* longo.

è + è = è longo; *ê + ê = ê* longo.

ëi + e = ëi longo; assim, *passeie = pasëi* imper. sing. de *passear*, differente de *passei = pasëi*, 1.^a do perf. de *passar*; *tornei = tōrñëi*.

i + i, i + e = ī; ex.: *fiē, fī*.

ò + ò = ò longo; *ô + ô = ô* longo.

o + u ou *u + u* ou *u + o = ū*.

Porém, sendo *e* ou *i* átonos antes de vogal iguaes a *i*, e *o* ou *u* nas mesmas condições iguais a *ū*, não se dá a crase, e portanto não há alongamento.

Gonçalves Viana considera, ainda, que a vogal tônica é a mais longa, a pré-tônica mais breve e a pós-tônica ainda mais breve (brevíssima) caso não seja nasal, não seja resultante de crase, não forme ditongo ou não pertença a sílaba fechada por *r* ou *l*.

4.2.8 Acentuação

O foneticista explica três tipos de acentuação do português *normal*: a *acentuação tônica*, a *acentuação pronunciada* e a *acentuação gráfica*. Inicia apresentando o conceito básico de acentuação tônica:

4.2.9 Acentuação tônica

58. Accentuação tónica.

Chama-se *accento tónico*, ou *icto*, a entoação especial de uma síllaba, em geral, em cada vocábulo, que a destaca das mais que o constituem. Nos vocábulos em que há mais de um *icto*, ou *accento tónico*, o mais forte, que em português é sempre o último, denomina-se *principal* ou

predominante, (alemão nebenton). §Esta entoação é sobretudo perceptível na vogal única ou na principal dessa síllaba, e em português normal consiste particularmente na elevação da voz e energíá maior da sua emissão. (§28)¹⁴⁰.

O parágrafo 28, indicado no final dessa citação, traz informações complementares para a compreensão da ideia de acentuação tônica. Esse parágrafo encontra-se na primeira parte da *Exposição da pronúncia normal portuguesa... (1892)*, em que Viana (1892, p.15) define a acentuação da seguinte forma:

*A accentuação é de duas especies: 1.^a musical, 2.^a expiratória. § Diz-se *accento musical*, *accento prosódico*, ou simplesmente *accento*, a maior elevação de voz em uma síllaba, com relação ás outras de que se compõe o vocábulo ou a phrase [...] Diz-se *accento expiratório*, ou *acento tónico*, ou também simplesmente *accento*, porém melhor *icto*, a maior energíá de expiração de uma síllaba, com relação ás demais do vocábulo ou da phrase. § Com relação ao *icto*, ou intensidade, as vogaes, pois é nellas que êste accidente é mais perceptível, dividem-se em *tônicas* e *átonas*.*

É necessário compreender por que Gonçalves Viana teria dividido a acentuação em duas espécies, em que a primeira é a *musical* (ou *prosódica*) e a segunda é a *expiratória*. O foneticista explica essas espécies destacando dois aspectos básicos envolvidos na acentuação: o primeiro é a sua contextualização no contínuo da fala, referindo-se ao acento frasal; e, o segundo, é a sua produção articulatória, referindo-se ao acento das palavras.

Quando a acentuação é *musical* (ou *prosódica*), Gonçalves Viana observa o contínuo da fala, descrevendo a relação que uma sílaba tem com outra na frase ou no vocábulo. Na acentuação musical ocorre a *maior elevação de voz em uma síllaba, com relação ás outras de que se compõe o vocábulo ou a phrase*.

Assim, o critério utilizado pelo foneticista na explicação da *acentuação musical* é a observação relacional das sílabas tônicas e átonas na cadeia da fala. As sílabas mais fortes são as acentuadas.

O critério relacional parte da ideia de que a fala não pode ser analisada apenas em segmentos isolados. Cagliari (2007, p.109) diz que esse fato ocorre devido à natureza da produção das sílabas:

¹⁴⁰ (VIANA, 1892, p.84).

A fala é um processo dinâmico com muitos parâmetros se alternando continuamente, fruto dos movimentos articulatórios. Isso torna difícil segmentar a fala formando uma sequência de sons com características individuais bem distintas e delimitadas. A causa disso está na natureza dos movimentos articulatórios, que são muito complexos, rápidos, pequenos, contínuos e produzidos normalmente de maneira inconsciente pelo falante. Apesar disso tudo, do ponto de vista fisiológico, tais movimentos podem passar para o nível do consciente e o falante pode, através de um processo de sinestesia, tomar consciência de muitos dos movimentos da fala.

A compreensão da tonicidade só faz sentido quando as sílabas tônicas são comparadas com as sílabas átonas e vice-versa. A distribuição das sílabas tônicas e átonas na cadeia sonora forma o ritmo da fala, daí vem a ideia original do uso do termo *acentuação musical* (ou *prosódica*) para definir a primeira espécie da acentuação.

A definição de acentuação tônica de Gonçalves Viana apresenta o termo *prosódia* da maneira mais tradicional, isto é, como ocorria no estudo gramatical dos gregos que viam a prosódia como forma de compreender a métrica do verso. Já no caso da *entoação*, o foneticista utiliza outro conceito: de *elevação de voz* e *energía maior* na pronúncia de um segmento específico em relação aos demais.

A sílaba mais proeminente é a portadora do acento e se alterna com sílabas menos proeminentes de modo razoavelmente regular no tempo. Deste modo, o acento cria a unidade rítmica básica (ou compasso) e, por isso, pode ser chamado de musical.

A impressão que se tem da proeminência de uma sílaba em comparação com outra(s) não proeminente(s) pode ser devida, ainda, ao aumento da altura, da duração e da variação melódica da sílaba acentuada. Segundo Mateus (1990, p.212), “a maior proeminência de um elemento pode ser devida a uma maior duração, a uma frequência fundamental mais alta ou a uma maior intensidade ou, ainda, a qualquer combinação destes três atributos acústicos.”

A *acentuação expiratória* diz respeito ao *icto* que é “uma saliência tônica na fala.” (CAGLIARI, 2007, p.139). É a maior proeminência em um segmento fônico ao lado de outro(s) segmento(s) fônico(s) não proeminente(s). O segmento sem proeminência é chamado de *rêmis*. E “dentro de enunciados, os ictos e as rêmis se fundem num fluxo rítmico contínuo, incorporando também as pausas.” (CAGLIARI, 2007, p. 140).

Essa ideia de icto é apresentada por Gonçalves Viana quando ele define a *acentuação expiratória* considerando-a como *a maior energia de expiração de uma síllaba com relação às demais do vocábulo ou da frase*.

Com relação ao icto, ou intensidade, o filólogo destaca as vogaes, *pois é nellas que êste accidente* (a tonicidade) *é mais perceptível*. Essa observação é importante porque o português não costuma ter consoante no centro de sílaba.

Gonçalves Viana faz uma análise auditiva do fenômeno do *icto* pela percepção de um som com volume mais alto em relação a um som mais baixo.

4.2.10 Acentuação pronunciada

A *acentuação pronunciada* organiza-se em função da acentuação tônica seguindo, praticamente, a mesma ideia da ortografia atual. Divide-se em: oxítona, paroxítona, proparoxítona e bis-esdrúxula.

Nas oxítonas, a sílaba tônica é a última; nas paroxítonas, a sílaba tônica é a penúltima e, nas proparoxítonas, a sílaba tônica é a antepenúltima. As bis-esdrúxulas, que são uma exceção nas gramáticas atuais, apresentam a sílaba tônica em qualquer sílaba antes da antepenúltima. Os exemplos se dividem em duas categorias: a primeira terminada em três sílabas átonas como em *louvávamos-to* e a segunda terminada em quatro sílabas átonas como em *louvávamo-vo-lo*. A segunda espécie representa o limite a que se pode chegar o acento bis-esdrúxulo, conforme A. R. Gonçalves Viana (1892, p.84-85) diz:

[...] o *accento* nunca retrocede mais de quatro *sýllabas* átonas depois da tónica, por não haver linguagem verbal que possa ser por si bis-esdrúxula, e porque taes pronomes complementos átonos são todos monosyllábicos, não podendo formar por acumulação mais de duas *sýllabas*, pois que *me*, por exemplo, seguido de *o* contrahe-se em *mo*, *lhe*, *lhes*, seguidos de *o*, *a*, em *lho*, *lha*.

O foneticista acrescentava informações históricas da língua sempre que possível, como fez no caso da explicação da acentuação bis-esdrúxula, dizendo:

A *accentuação* mais antiga da língua portuguesa é evidentemente a de última e penúltima; nessa conformidade foram contrahidas as palavras que do latim herdou, e assim é da maioria dos seus vocábulos, com excepção das linguagens proparoxytónicas dos verbos. Mais tarde estabeleceu-se a *accentuação* dos esdrúxulos da 1ª espécie (terminados em três sílabas átonas); sendo quasi todos os esdrúxulos da 2ª espécie, fora da flexão verbal, de origem artificial, eruditos, copiados dos dactýlicos latinos e gregos, e ainda hoje em pequeno número, comparados aos agudos e inteiros, como já dissemos. Os bis-

esdrúxulos devem ser de origem muito antiga da língua, visto que pertencem á flexão verbal, em que não influíu artifício erudito¹⁴¹.

As informações e análises históricas de fatos linguísticos também aparecem nos trabalhos ortográficos de Gonçalves Viana e são critérios importantes na justificativa de sua proposta de reforma ortográfica.

A *Ortografia Nacional...* (1904) é uma obra em que o filólogo detalha, minuciosamente, suas análises, críticas e critérios ortográficos, a fim de expor, com clareza, as suas ideias científicas para a ortografia. Depois dessa obra, não surgiu outra detalhando a fundamentação histórica, filológica, fonológica e usual da ortografia em um único trabalho.

A reforma (unificação) ortográfica mais recente, de 2008, fez a divulgação oficial dos seus critérios e justificativas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*¹⁴², que também representa a unificação ortográfica dos países lusófonos da CPLP — Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. O *Vocabulário* traz explicações e justificativas sobre as mudanças, afirmando que o sistema ortográfico adotado “se quer mais simples, coerente e científico” (VOLP, 2009, p.51). Porém, o critério científico não é tão bem explorado quanto na *Ortografia Nacional...* (1904) de Viana.

4.2.11 Acentuação gráfica

Na sequência, Gonçalves Viana discute a *acentuação gráfica*, dizendo que, em geral, acentua-se pouco, sendo a regra mais seguida a acentuação das oxítonas e dos monossílabos em *a(s)*, *e(s)* e *(os)*.

No século XIX, a ortografia ainda era bastante variável, tanto na escrita comum do dia a dia, quanto nos periódicos e na impressão de obras. Essa falta de uniformidade gráfica também é bastante discutida na *Ortografia Nacional* (1904).

Nessa obra o filólogo adota a acentuação gráfica proposta por ele e por Guilherme de Vasconcellos-Abreu na obra *Bases da Ortografia Portuguesa* (1885) com algumas exceções: “de não accentuarmos os esdrúxulos da 1ª especie, e de marcarmos a tónica dos inteiros, cuja última syllaba comece por vogal” (VIANA, 1892, p. 87).

¹⁴¹ (VIANA, 1892, p. 86).

¹⁴² ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

Nesta seção Gonçalves Viana traz uma síntese da acentuação gráfica das *Bases da Ortografia Portuguesa* (1885) sempre esclarecendo os critérios linguísticos utilizados.

Para ilustrar o princípio das regras ortográficas quanto à acentuação Gonçalves Viana (1892, p.88) diz:

II. Como princípio geral accentuam-se gráphicamente só as excepções, sendo (´) o signal por excellencia da sýllaba tónica, e servindo o circumflexo apenas para differenciar ê de é, e ô de ó. [...] Com o mesmo fim de differenciação marcamos com o agudo os ditongos, sempre tônicos, *ei*, *éu* com *é* aberto, e *ói*, *óe* (= *ôi*), para os distinguir de *ei*, *eu*, *oi* (= *ë î*, *êû*, *ôï*), que vão sem acento, entendendo-se em tal caso que são igualmente tônicos quando finais; assim *fiéis* (de *fiar*), *seu*, *sois* (do v. *ser*)¹⁴³.

A acentuação dos ditongos abertos em *éi*, *ói* de palavras paroxítonas como em *ideia* e *heroico* perderam o acento agudo (´) no acordo ortográfico de 2008.

O filólogo acrescenta ainda as demais regras da ortografia por ele utilizada. Gonçalves Viana (1892, p. 88-90) diz:

Marcamos com o acento agudo (´):

[...] 6.º O *à* de *—ámos* 1.ª pessoa do plural no perfeito do indicativo dos verbos da conjugação em *—ar*, para a differença da do presente, que no centro do reino se pronuncia *—ámos*; ex.: *louvávamos*, *amámos*, pretérito perfeito; *louvamos*, *amamos*, presente.

7.º O *u* dos grupos *gue*, *gui*, quando é tónico; ex.: *argúe*.

8.º Os três vocábulos, *pára*, *pélo*, *pólo*, para os differenciar de *para*, *pelo*, *pólo* (= *paɾa*, *peɫo*, *poɫo*).

[...] 10.º O *i*, *u* dos agudos quando não formam ditongo com a vogal precedente; ex.: *argúi* (= *argúu*), *ruím* (= *rúi*), *roí* (= *rúi*), *Esaú* (= *izquí*).

[...] 64. Marcam-se com o circumflexo na vogal tónica, quando ella seja *e*, *o*, fechados. 3.º Quando *e* *o* fechados não formem ditongo com a vogal precedente ou seguinte; ex.: *Amoêdo*, *bôa*, *vôo*.

4.º Todas as vezes que a tónica seja *ê*, *ô*, quando haja outro vocábulo escrito com as mesmas letras, em que ella seja *é*, *ó*; ex.: *gêlo*, *fôrça*, *sôem*, a par de *gelo*, *força*, *soem* (*jèlô*, *fôrça*, *sòem*).

5.º O *ê* dos verbos monossyllábicos em *—êr*, na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, o do verbo *dar* do presente do subjuntivo: *crêem*, *vêem*, *lêem*, *dêem*; porém *veem*, *teem* (*vêem*, *têem*) dos verbos *vir* e *ter*, differentes dos singulares *tem*, *vem* (*tê*, *vê*), distincção moderna, mas que se tornou geral na pronúncia culta.

¹⁴³ Para não se confundir com *fiéis*, *céu* e *sóis*, respectivamente.

Os exemplos selecionados mostram que para fixar a acentuação, o foneticista usou, como critérios fundamentais, a pronúncia considerada culta (*crêem, vêem, lêem, dêem*), a diferenciação de palavras homógrafas (*amámos* -no pretérito perfeito- e *amamos*- no presente do indicativo-; *pélo* –verbo- e *pelo* –substantivo-) e a tradição de uso, quando bem justificada pelos estudos históricos e filológicos. Na fonologia, as palavras homógrafas podem formar pares mínimos. A sua coleta e organização trazem o exercício da percepção de oposições linguísticas.

4.2.12 Considerações sobre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões

Neste subitem, discutiremos com mais detalhes a parte da obra *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892) que trata da obra *Os Lusíadas*, ilustrando a pronúncia dos dois períodos investigados e comparados pelo autor: o tempo de Camões e no século XIX.

Ele utiliza trechos da obra *Os Lusíadas* para justificar a necessidade dessa comparação, que considera ser fundamental aos estudos filológicos, e, ainda, legitima o estudo do dialeto de prestígio que ele estuda (e que está associado à Literatura e à leitura primorosa da obra de Camões). Viana (1892, p.90) diz:

Comquanto seja pouco provável que em Portugal se adopte uma leitura rigorosa dos *Lusíadas*, que represente aproximadamente aquella que o próprio poeta lhes daria, não é ocioso, todavia, dar aqui algumas indicações das differenças entre essa pronúncia de há três séculos e a actual, as quaes serão sem reluctancia aproveitadas por estrangeiros, a quem hábito adquirido não dá o preconceito de que só a sua pronunciação é legítima, como acontece aos portugueses com respeito ás suas, individuais ou dialectais. Serão esses preceitos suggeridos dogmáticamente, porque a demonstração e justificação delles tomaria espaço descabido nesta publicação. Sabem os estudiosos estrangeiros que essa leitura rigorosa é hoje considerada uma necessidade absoluta em philología, e cremos que lhes serão gratas as considerações que vamos apresentar, porque lhes pouparão trabalho ímprobo e talvez sem fructo.

As investigações da fala portuguesa nas obras de Gonçalves Viana apresentam informações sociolinguísticas e históricas. Trata-se de levantamento de dados para mostrar fatos linguísticos. Por isso, a proposta da leitura original da obra *Os Lusíadas*,

no tempo de Camões, realizada por Gonçalves Viana, é interessante aos estudos Linguísticos.

No excerto acima, o foneticista mostra que em seu tempo os portugueses eram mais conservadores quanto à sua pronúncia, chegando a ser preconceituosos, segundo a avaliação do filólogo. Os estrangeiros, no entanto, não agiam desse modo, conforme Gonçalves Viana comenta. Ele considera, ainda, ser grave que não haja em Portugal uma leitura rigorosa de *Os Lusíadas* (nos moldes filológicos) que busque recuperar a pronúncia do século XVI e decide realizar esse trabalho filológico e comparativo, revelando as seguintes mudanças linguísticas ocorridas nesses três séculos:

1. A elisão da vogal átona *e* em casos como *mares* e *perigos*, ilustrada no seguinte verso:

*Por mares nunca de antes navegados
E em perigos e guerras esforçados,*

Segundo o foneticista, essa elisão ocorre na pronúncia do século XIX (“mars” e “prigos”), mas não ocorria no tempo de Camões (“marēs” e “pērigos”). Ele exemplifica este *e* pela oposição: “tērās” e “trās”, na qual o fonema [ə] pode ser identificado.

Gonçalves Viana defende a ideia de que os fonemas que formam sílabas poéticas (destacados nos versos) devem ser pronunciados na leitura do poema. Ele diz:

Em um soneto de Camões, o mais afamado de todos, é usual errar-se o
1º verso do 1º terceto, pela elisão, feita duas vezes, do *e* surdo,
tirando-lhe duas sýllabas!

E se vires que pode merecer-te
que lêem:
E se vir's que pode mer'cer-te
Em vez da leitura correcta:
*E se virēs que pode mēreçer-te*¹⁴⁴

A leitura inadequada dos versos, apontada por Gonçalves Viana, se reflete na percepção métrica da poesia devido à supressão das sílabas indicadas.

¹⁴⁴ (VIANA, 1892, p. 91).

Essa preocupação de Gonçalves Viana sinaliza uma postura cuidadosa do pesquisador, que não quer perder uma informação filológica ou deixar que ela seja banalizada.

Mesmo sendo um dado muito pontual, é importante ao se somar com outras informações históricas a respeito da Língua Portuguesa e que fazem toda a diferença quando se quer preservar um patrimônio Literário, um dado cultural ou dados de natureza linguística.

2. No tempo de Camões, em Lisboa, havia o som [ʃ], representado na escrita por –s, –ss- (saber, passo), em oposição a [s] ou [ð], representado por ç ou c antes *e, i*. Essa oposição era realizada também em regiões localizadas no Norte de Portugal (Trás-os-Montes, Minho, Beiras) no período camoniano e no século XIX.

Trata-se de uma realização fonológica persistente no tempo e no espaço, que deixou de ter prestígio social após o período camoniano e que, atualmente, só se realiza na região Norte de Portugal, conforme verificado em nossa dissertação (RIBEIRO, 2011).

Gonçalves Viana (1892, p.92) descreve o som [ʃ] da seguinte maneira:

Eram proferidos com a superfície anterior do ápice da língua, aproximando esse ápice, assim côncavo, das gengivas dos incisivos superiores, posição que denominámos reversa [...] Êste valor de *s* mantinha-se-lhe depois de consoante, quando final na pausa, e antes das consoantes surdas *p, t, c, qu, ç, f, x*. Portanto o vocábulo *passo* era diferente de *paço* [...].

Outro som característico da pronúncia de Lisboa no século XVI, mas que deixou de sê-lo no século XIX, é o som [z] representado na escrita por *z* inicial ou medial. Ele fazia a distinção de pronúncia com [ʃ] entre as palavras *coser* e *cozer*, respectivamente [ʃ] [z]. Essa distinção também permaneceu até a nossa atualidade no Norte de Portugal (RIBEIRO, 2011).

3. Havia a pronúncia [tʃ], representada na escrita por *ch*, no período camoniano, mas não no século XIX. Sobre a pronúncia de [dʒ], Gonçalves Viana diz que a sua existência em Lisboa no século XVI parece ser duvidosa: “É, porém, duvidoso se *ge, gi*

e o *j* valíam também por *dj*, ou se tinham o seu valor actual.” (VIANA, 1892, p.92). A pronúncia de [tʃ], na escrita *ch*, existe, hoje, no Norte de Portugal (RIBEIRO, 2011).

4. Situação parecida com a anterior acontecia com relação à nasalidade em vogais de final de sílaba antes de som nasal, conforme Gonçalves Viana (1892, p.92) diz:

É muito de presumir que as vogaes finaes de sýllaba tónica antes da consoante inicial nasal da sýllaba seguinte fossem nasaes, como o são na Beira Alta e Algarve; assim, *cama*, *pena*, *sanha*, *lenho*, *cimo*, *dono*, *fumo* devíam proferir-se *câma*, *pêna*, *sãha*, *lêno*, *cîmo*, *dôno*, *fûmo*.

5. Havia diferença na pronúncia de *em* (bem) e *ãe* (mãe) no século XVI e no início do século XIX em Lisboa. Mas, em nossa atualidade, essa distinção não existe. Como resultado disto, pronuncia-se *mãe* (mãe) e *bãe* (bem). Essa neutralização ocorre devido ao *ẽ* teoricamente fechado antes de consoante palatal (*ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh*) e no ditongo *ei*.

6. Para Gonçalves Viana, parece ter havido os ditongos *ũĩ*, *ũũ*, *õõ* (*õũ*), os quais: “precederam as nasaes finaes de vocábulo, taes como *um*, *fim*, *dom*, do que dá testemunho Duarte Nunes de Leão.” (VIANA, 1892, p.92).

7. O foneticista diz, ainda, que a pronúncia de *ou* (couro) distinguia-se de *o* no século XVI, mas que deixou de ser diferenciado no século XIX, em Lisboa, mas não no sul (do Mondego para baixo).

8. Não ocorria fechamento de *e* em *i* na sílaba átona inicial *em*, *en*. O foneticista supõe que a pronúncia devia ser *ẽ(m)*, *ẽ(n)* e não *ĩ*, *ĩm* ou *ĩn*, como era em sua época (exceto no Alentejo e no Algarve) e acrescenta: “a primeira sýllaba do vocábulo *entender*, por exemplo, pronunciava-se *ẽn* e não *ĩn*, *ẽntẽndêr*, não *ĩntẽnder* (VIANA, 1892, p.92)”.

9. Segundo Gonçalves Viana o segmento *ui* de *muito* não era um ditongo nasal e sua pronúncia era *múĩ(tõ)* e não *mũĩ(tõ)*.

10. No século XIX, a pronúncia dos seguintes vocábulos femininos *esta*, *essa*, *aquela* e *ela*, tanto no singular quanto no plural, era realizada com o *e* fechado (*ê*) em Trás-os-

Montes e em outros locais. Gonçalves Viana acredita que essa mesma pronúncia podia ser ouvida em Lisboa, na época de Camões.

11. Segundo Gonçalves Viana, o *i* átono se confundia com o *e* realizado antes de palatal e que o valor de *j* era comum aos dois. Essa realização ocorria no século XIX em muitas regiões (quase todas). Mas no século XVI, em Lisboa, essa troca não acontecia no caso de *s* seguido de consoante ou *s* final porque a pronúncia de *s* era retroflexa (ou ápico-alveolar).

Gonçalves Viana acrescenta, ainda, algumas considerações sobre a pronúncia portuguesa no tempo de Camões mencionando curiosidades sobre o Brasil:

Os dialectos do Brasil, pouco estudados, scientíficamente ou em qualquer modo, por escrito, são familiares, comquanto indiscriminadamente, aos ouvidos portugueses, sobretudo em Lisbôa. Revelam, de certo, muitos factos de interesse a respeito do léxico archaico, pouquíssimos que elucidem a phonología ou a syntaxe dos tempos do descobrimento e escassa colonização europeia das Terras de Santa Cruz. Portanto esses fenómenos especiaes interessam á phonología geral e a psychología da linguagem em absoluto; pouco, muito pouco, ao estudo grammatical do português da idade aurea da nossa literatura¹⁴⁵.

Portanto, no século XIX, a fala brasileira parecia-lhes indicar preciosidades do léxico¹⁴⁶ arcaico que foram mantidas nas Terras de Santa Cruz.

Viana finaliza a sua reflexão com algumas recomendações sobre a ortografia utilizada e a transcrição fonética das três primeiras estâncias da obra de Camões, *Os Lusíadas*. O foneticista faz uma transcrição fonética de sua fala, lendo essas instâncias camonianas e, ao lado delas, expõe a pronúncia dos mesmos versos que ele reconstruiu, supondo como seria a fala do tempo de Camões. Para exemplificarmos, colocamos esse material no final desta subseção.

Quanto à ortografia, nota-se que ele trouxe essa questão à *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892), possivelmente devido à instabilidade de usos da ortografia do século XIX, e Viana (1892, p.96) orienta o leitor dizendo:

¹⁴⁵ (VIANA, 1892, p. 95).

¹⁴⁶ Diferente da fonologia ou da syntaxe, que não serviriam para ilustrar bem os fatos linguísticos do tempo de Camões.

Diremos ainda algumas palavras sôbre a orthographía que aqui adoptámos. § Como o leitor terá visto, pertence ella ás que se denominam etymológicas; com a differença, porém, de outras muitas assim chamadas, pretende sê-lo rigorosamente. Adoptámo-la, para não trazermos mais uma novidade em opposição ás usanças patrias, quando já no systema de transcrição havia tantas, e de modo nenhum porque respeitemos as etymologías, fora do portugûes, como norma de escrita portuguesa. § Para nós a melhor orthographía será aquella que, attendendo á evolução do nosso idioma, mais conforme estiver com o padrão médio da pronúncia, como o estão a italiana e a hispanhola. § Para êste effeito, entendemos a necessidade de fazerem-se quanto antes as seguintes simplificações, que enumeraremos pela ordem da sua urgência:

I. Proscrição absoluta e incondicional de todos os sýmbolos de etymología grega, *th, ph, ch* (= *k*), *y*.

II. Redução das consoantes dobradas a singellas, com excepção de *rr*, *ss*, mediaes, que teem valores peculiares.

III. Eliminação de consoantes nullas, quando não inflúam na pronúncia da vogal que as preceda.

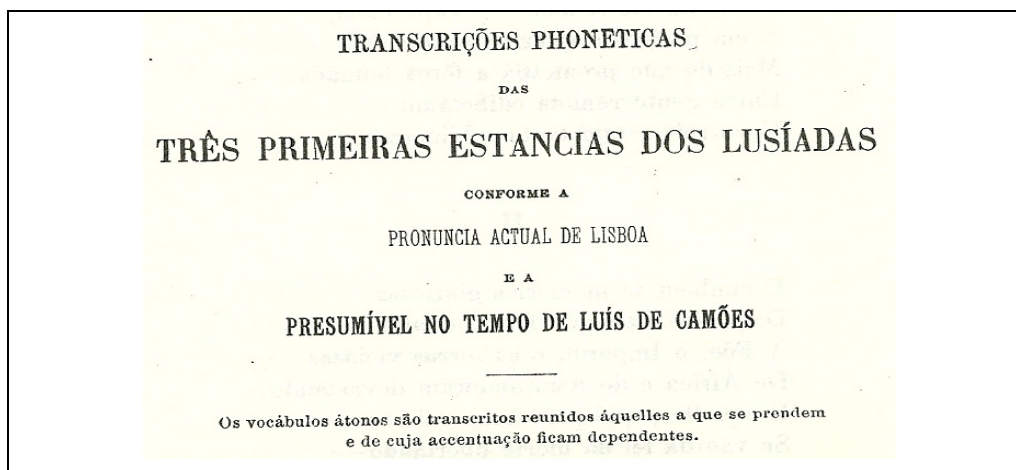
IV. Regularização da accentuação gráphica. Esta última deixamo-la exemplificada em todo êste escrito.

Se o leitor quizer sôbre êsse objecto mais ampla informação, pode consultar as Bases da Orthografia Portuguesa, [...].

Com esta discussão, o filólogo faz conhecer suas ideias ortográficas fundamentais, publicando-as na parte final de sua obra de fonética (e de fonologia) e motivando o debate dos problemas ortográficos de sua época. Parece-nos uma antecipação da sua proposta de reforma ortográfica que atingirá o seu auge na *Ortografia Nacional* (1904).

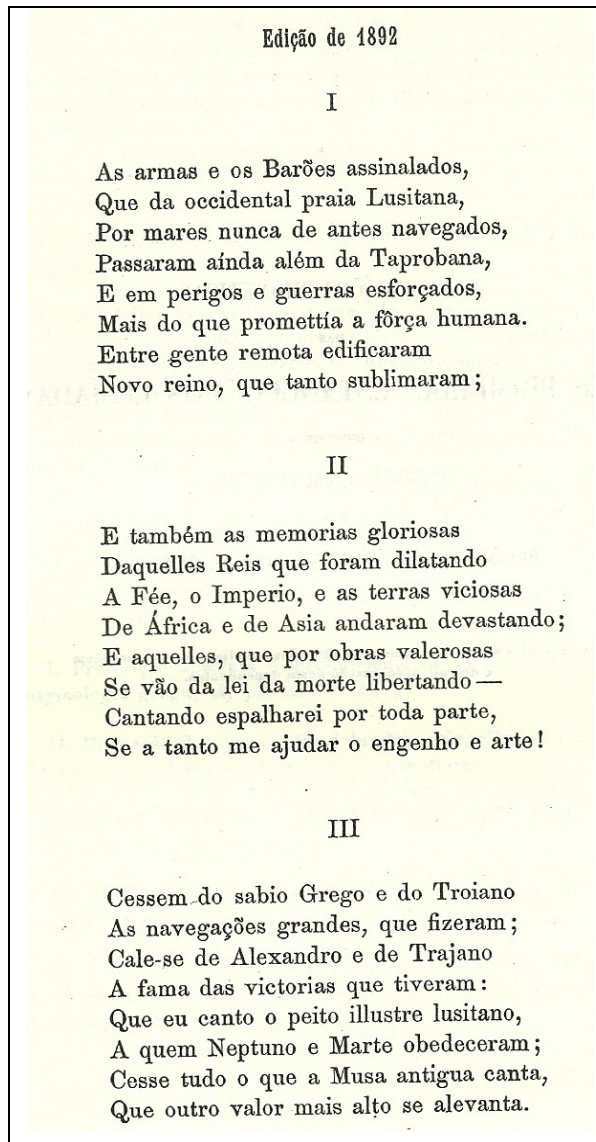
4.2.13 Transcrições fonéticas das três primeiras estâncias d’*Os Lusíadas*

Figura 9: Transcrições fonéticas das três primeiras estâncias dos Lusíadas.



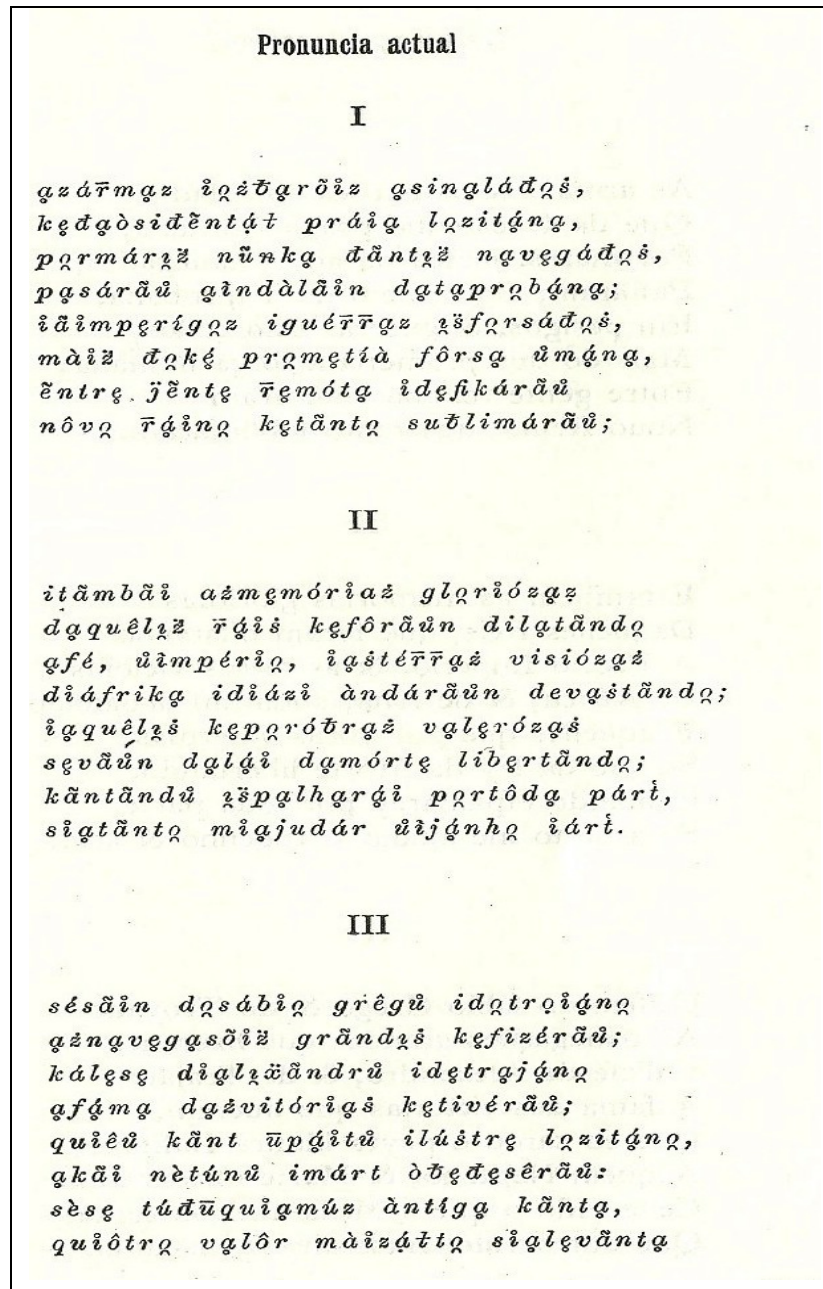
Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p. 97).

Figura 10: Edição de 1892



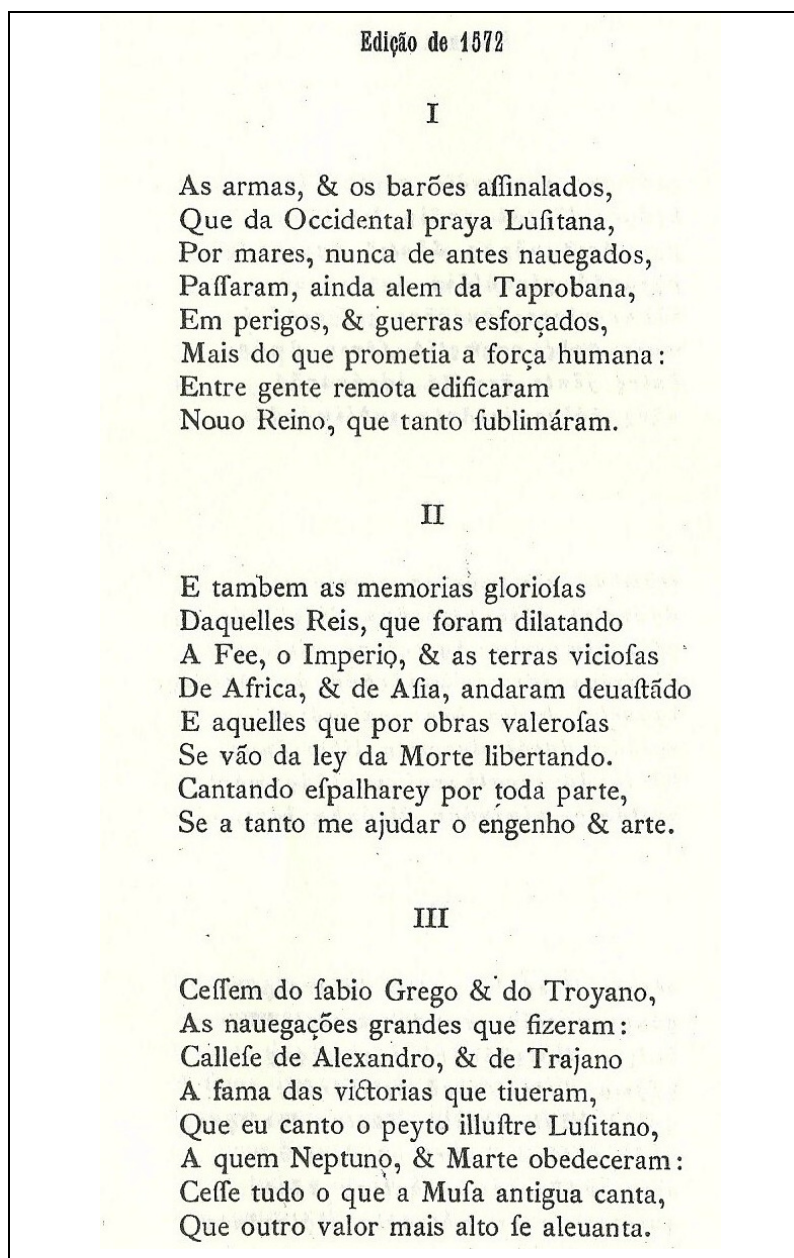
Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p. 98).

Figura 11: Pronúncia atual – século XIX.



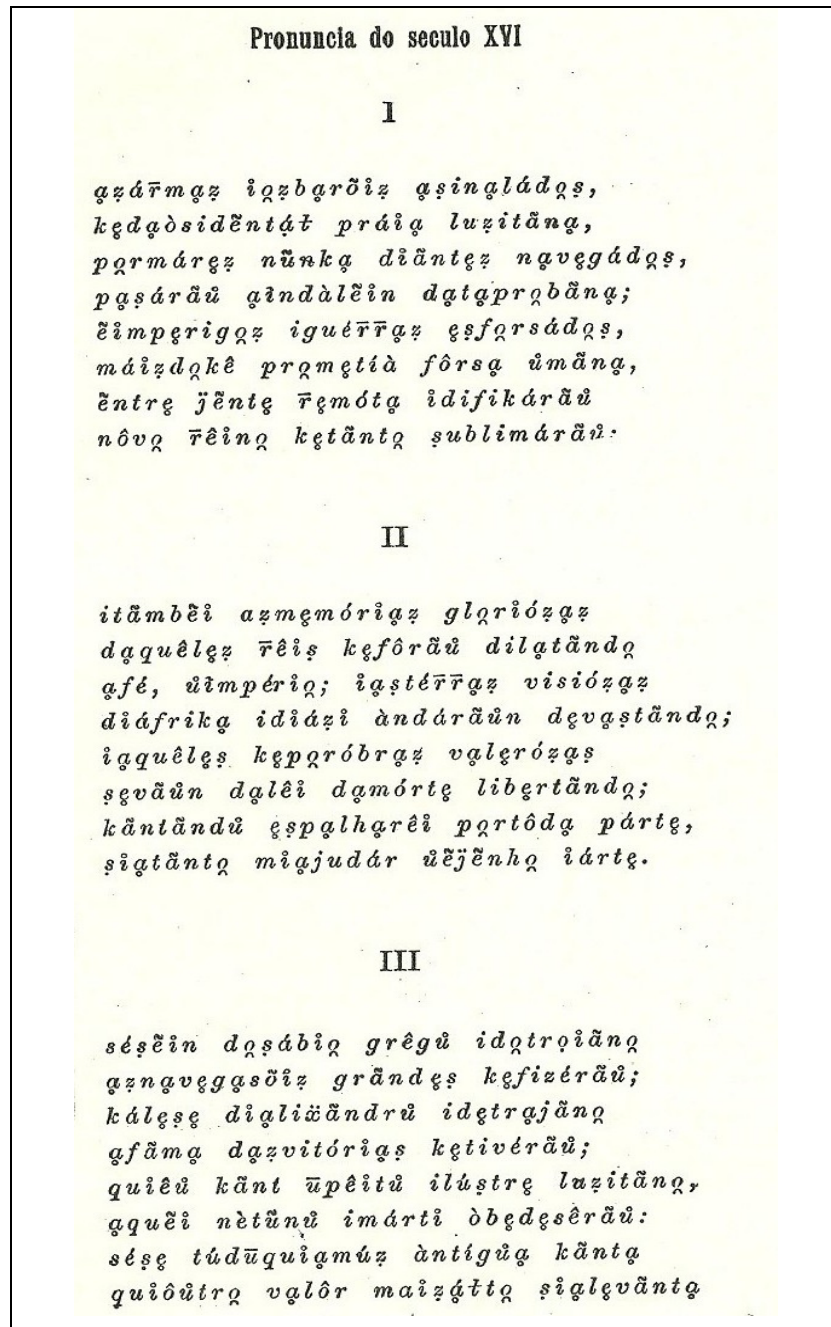
Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p. 99).

Figura 12: edição de 1572.



Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p. 100).

Figura 13: pronúncia do século XVI.



Fonte: A. R. Gonçalves Viana (1892, p. 101).

4.3 Considerações finais

É por meio do método auditivo que Gonçalves Viana organiza a sua análise linguística (fonética e fonológica) em *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883).

A observação atenta e minuciosa dos sons feita pelo foneticista leva-o a transcrever, classificar e descrever os sons em função do sistema da língua. E são esses os primeiros fundamentos da descrição linguística nessa obra. Depois, autor prossegue analisando o conjunto dos aspectos segmentais (fonemas, alofones etc.); suprasegmentais (acento, ritmo etc.); filológicos (história interna e externa da língua); morfológicos (refração, verbos e nomes); entre outros.

Gonçalves Viana soube interpretar os dados que coletou dentro da dinâmica da linguagem, que não deixa de ser previsível ao foneticista em determinados aspectos. Neste contexto, Cagliari (2002, p. 28-29) observa que:

Todas as línguas do mundo organizam-se em sistemas fonológicos que são regidos, nos aspectos mais básicos, pelos mesmos princípios. Em outras palavras, todas as línguas têm sistemas fonológicos formados e controlados pelos mesmos princípios. Todas as línguas (e dialetos) têm fonemas e alofones, apresentam variantes. Em todas, o ambiente fonológico exerce pressões estruturais; há sílabas; ocorrem pausas; os sons apresentam-se numa ordem linear dos enunciados; há sequências de sons permitidas e outras proibidas etc. O que é peculiar a cada língua (ou dialeto) é a escolha de possíveis elementos para exercerem as funções fonológicas, além da maneira como se estruturam para formar a realidade oral da língua.

Nessa linha de análise, os sons das línguas demonstram seguir padrões específicos, identificando como as línguas ou os dialetos podem fazer contrastes de significação.

Para o português de Lisboa, a redução ou centralização das vogais é um aspecto bastante característico. A guturalização de *l* é outro dado próprio desse dialeto, assim como a refração.

A obra *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892) não deixa de seguir o método auditivo explorado em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883) no que se refere à minúcia na observação dos sons em função do sistema da língua. Mas, com o diferencial de focalizar o método articulatório-acústico. A obra preocupa-se com a parte fisiológica do processo da fala,

notando, ainda, como os sons se organizam em função do lugar de articulação (se o som é bilabial, glotal, dental etc.) e do modo (se o som é oclusivo, fricativo etc.).

Viana organiza essa obra em duas partes: a primeira, denominada “Noções Preliminares”, funciona como um manual de instruções que ensina como é esse método articulatorio-acústico (junto às referências bibliográficas); e, a segunda parte, denominada “Pronúncia Normal Portuguesa”, há a aplicação desse método ao português *normal*.

Em ambas as obras há sempre a preocupação filológica com informações sobre a história interna e externa da língua portuguesa e aspectos da literatura portuguesa (por exemplo, a utilização da obra *Os Lusíadas*). Este aspecto literário é mais explorado na *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892).

Por fim, podemos notar que na *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892) houve um aperfeiçoamento metodológico em relação à *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), sobretudo, porque foi inserida uma bibliografia internacionalmente reconhecida por sua excelência e rigor na análise Fonética, Fonológica e Linguística, a qual Gonçalves Viana aplicou em suas análises.

Essa manobra contribuiu para a quebra de paradigmas dessa linha de estudos fonéticos e fonológicos, em Portugal, no século XIX, com dados linguísticos bem observados e descritos.

5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, buscamos aprofundar o conhecimento acerca da biobibliografia de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, destacando suas obras sobre fonética e fonologia. Objetivamos, ainda, compreender como o foneticista pode ser definido como o linguista em seu tempo.

O suporte teórico e metodológico que utilizamos abrange diferentes áreas do conhecimento, como a Linguística, a História e a Filosofia, matérias imprescindíveis à Historiografia Linguística, disciplina em que esta pesquisa se encaixa e se apoia para desenvolver o estudo descritivo-interpretativo dos dados biobibliográficos do foneticista português.

Assim, nosso trabalho se fundamenta em estudiosos do campo da Historiografia Linguística (Swiggers e Koerner), considerando, ainda, outros autores importantes ao estudo: do contexto histórico português e europeu (P. Rossi, D. Birmingham, F. R. R. Évora, H-D. Rops etc.); do contexto linguístico (E. Sievers, D. Abercrombie, J. L. de Vasconcelos, M. H. M. Mateus etc.); do contexto filosófico (T. S. Kuhn, E. Durkheim, G. Reale, D. Antiseri etc.) e da pesquisa metaortográfica (M. Filomena Gonçalves, R. Kemmler, entre outros).

Para o estudo biobibliográfico (da vida e das obras de A. R. Gonçalves Viana), iniciamos investigando toda a produção intelectual disponível do autor, a fim de ordená-la em uma listagem com os títulos das obras, traduções, produções didáticas, produções em periódicos e algumas cartas. Essa lista mostrou as linhas de interesse do autor, indicando sua rede de influências e a extensão de suas atividades linguísticas. Diante desse material, visualizamos e selecionamos os trabalhos do autor nas áreas da Fonética e da Fonologia.

Nas seguintes obras do autor que analisamos e traduzimos nesta tese: *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* (1883) e a *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* (1892) há uma síntese dos estudos fonéticos e fonológicos de A. R. Gonçalves, que conferimos com o apoio da listagem.

Nas análises, identificamos que ambas listam uma extensa quantidade de fenômenos fonéticos e fonológicos segmentais (fonemas e alofones) e suprasegmentais (acentuação), ao lado de processos fonológicos (assimilação, dissimilação, juntura etc.), morfológicos (refração) e explicações filológicas (relativas, sobretudo, à história interna

e/ou externa da língua), mostrando, portanto, que a erudição dessas obras ultrapassa a descrição especificamente fonética.

De modo geral, notamos que as obras buscam descrever a pronúncia “normal” portuguesa (que é a fala do eixo Lisboa-Coimbra), fazendo comparações entre dialetos portugueses e dialetos de muitas línguas estrangeiras (que, de certa forma, lança um desafio à leitura dessas obras), de modo que a diferença fundamental entre as obras é evidenciada pela escolha de métodos que Viana utiliza para descrever o material fônico.

Assim, em *Essai de phonétique et de phonologie...* (1883), Gonçalves Viana ordena os dados fônicos por meio do método auditivo, em que todo tipo de som da fala é registrado e analisado. Diferentemente, na *Exposição da pronúncia normal portuguesa...* (1892), ele utiliza o método articulatório-acústico, ou seja, aquele que organiza os dados de fala em função da articulação dos sons — quanto ao lugar (bilabial, glotal etc.) ou ao modo (oclusivo, fricativo etc.) de articulação¹⁴⁷.

Apesar dessa diferença, o objetivo principal das duas obras converge para o mesmo ponto: mostrar a identidade do dialeto do eixo Lisboa-Coimbra do ponto de vista fonético, fonológico, histórico e filológico.

Os métodos de análise empregados Viana moldam-se ao trabalho científico desenvolvido em Portugal da sua época, que tinha, principalmente, o Positivismo como base científica para a análise experimental em diversos ramos da ciência. Na Fonética, esse modelo de inspiração positivista foi traduzido em um trabalho minucioso (e amplo), com muitos dados de fala rigorosamente observados, registrados e analisados¹⁴⁸.

Esse modelo experimental foi utilizado por outros foneticistas europeus, com quem Gonçalves Viana se correspondia: R. Lepsius, E. Sievers, A. M. Bell, E. Brücke, W. Viëtor, H. Sweet etc.

Sobre esse tempo de mudanças epistemológicas na linguística, Mattoso Câmara Jr. destacou a importância de Gonçalves Viana em sua tese, considerando-o pertencente a “uma grande e nova corrente na ciência da linguagem” (CAMARA Jr., 2008, p.20), ao lado de Henry Sweet (1845-1912), Eduard Sievers (1850-1932), Paul Passy (1859-1940) e Otto Jespersen (1860-1943), fato que podemos verificar e confirmar neste estudo. Os linguistas do século XIX entendiam a língua como uma totalidade

¹⁴⁷ Esta obra divide-se em duas partes: a primeira explora o método articulatório-acústico, em si, e a segunda parte utiliza este método à análise dos dados de fala.

¹⁴⁸ Cf. R. E. ASHER; J. A. HENDERSON (1981), W. J. FRAWLEY (2003).

organizada, sistemática, tendo trabalhado com dados sincrônicos e informações filológicas e diacrônicas. Eles apontaram o caminho ao Estruturalismo que lhes seguiu.

Assim, através das análises das obras de Viana, verificamos que os estudos fonéticos e fonológicos do autor foram importantes à sua nação por terem introduzido referenciais teóricos novos, com dados exaustivamente coletados e analisados. Suas obras dão testemunho desse trabalho, que marcou um novo período nos estudos de Fonética e Fonologia em Portugal, cujo espírito da época (ou “clima de opinião”) foi marcado por reformas sociais, políticas e intelectuais, ancoradas no Positivismo.

Buscamos, ainda, nesta pesquisa, associar as análises bibliográficas do foneticista aos seus dados biográficos e ao contexto histórico, a fim de precisar este estudo, documentar os dados e publicar o material reunido.

A nossa análise biográfica reuniu o que a literatura fala sobre a pessoa e a personalidade de Gonçalves Viana e, ainda, trouxe à lume cartas e textos dispersos que não tinham sido publicadas em trabalhos desta natureza. Esse material corroborou a formalização do pensamento linguístico do foneticista e de sua rede de influências, uma vez que Viana, diferentemente dos demais acadêmicos de seu país (em crise), não se envolveu na elaboração de teorias ou reflexões filosóficas ou no engajamento político.

Diante do exposto, esperamos que esta pesquisa contribua para a História da Fonética, da Fonologia e da Historiografia da Língua Portuguesa. Motivada pela observação de que a produção acadêmica de Viana não tem sido objeto de estudos detalhados nas áreas de fonética e de fonologia, quisemos ampliar (e documentar) o conhecimento biobibliográfico do referido autor, atualizando a discussão acerca da importância de Gonçalves Viana para a Historiografia Linguística.

6. REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Oxford University Press, 1967.
- ABREU, G. V.; VIANNA, A. R. G. *Bases da ortografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.
- ACORDO Ortográfico da Língua Portuguesa. 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/O%20Acordo%20Ortogr%C3%A1fico%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa_anexoI%20e%20II.pdf>. Acesso em 10 jan. 2009.
- ALLAN, K. *The Western Classical Tradition in Linguistics*. London: Equinox, 2009.
- ALMEIDA, R. M. de. *A fragmentação da cultura e o fim do sujeito*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- ANDRADE, E., MATEUS, M. H. M. *The Phonology of Portuguese*. UK: Oxford University Press, 2000.
- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1921.
- ALTMANN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- AQUINO, F. *Porque sou católico*. São Paulo: Cléofas, 2008.
- ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2010.
- ARONOFF, M. *Morphology now*. New York: Mark Aronoff, 1992. (SUNY series in linguistics).
- ARONOFF, M.; FUNDEMAN, K. *What is morphology?* Malden, MA: Blackwell Pub., 2005.
- ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. *The Handbook of Linguistics*, UK: Blackwell Publishing, 2003.
- ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. Disponível em: <<http://antt.dglab.gov.pt/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.
- ASHER, R. E., HENDERSON, J. A., *Towards a History of Phonetics*. Edinburgh University Press: Edinburgh, 1981.

AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques*. Coautoria de Sylvain Auroux. Bruxelles: P. Mardaga, 1989. T.3 (Philosophie et langage).

_____. *Histoire des idées linguistiques*. Coautoria de Sylvain Auroux. Bruxelles: P. Mardaga, 1992.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBOSA, J. M. *Études de phonologie portugaise*. Lisbon: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1983.

_____. *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. *Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos*. In *Biblos*, Coimbra, vol. LXIV (1988) [1990], pp.329-382.

BENTES, A. C., MUSSALIM. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011.

BERNAL, J. D. *Ciencia e industria em el siglo XIX*. México: Martinez Roca, 1973.

BIRMINGHAM, D. *A Concise History of Portugal*. NY: Cambridge University Press, 2009.

BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Dialectologia e história da língua*. Iglosas portuguesas. Separ. Do Boletim de Filologia, tomo XII, 1951, p.1-44.

_____. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal, 1946.

BURNS, E. M. *História da civilização ocidental*. Porto Alegre: Globo, 1977.

CAGLIARI, L. C. *A História do Alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.

_____. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

_____. *Aspectos teóricos lingüísticos da ortografia*. Material cedido pelo autor. Araraquara, 2004, 225f.

_____. *A Primer of Writing Systems*. Oxford: Autor, 2003.

_____. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Fonologia do Português: análise pela geometria de traços e pela fonologia lexical*. Campinas: Edição do Autor, 1999.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: 1983.

_____. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *História da Lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMPBELL, L. The History of Linguistics. In: ARONOFF, M., REES-MILLER, J. *The Handbook of Linguistics*, UK: Blackwell Publishing, 2003, p. 81-104.

CASTORIADES, C. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CATACH, N. *L'orthographe*. Paris: PUF, 1978.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. de M. M. Gualhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CINTRA, L. F. L. “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”. *Boletim de Filologia*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971, pp. 81-116.

COULMAS, F. *The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems*. UK: Blackwell Publishing, 2006.

CRYSTAL, D. *A linguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

DANIELS, P. T.; BRIGHT, W. *The world's writing systems*. New York: Oxford University Press, 1996.

DORES, R. *Dicionário teto-português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1907.

DORES, H. G. *A História na Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa: Universidade de Lisboa — Faculdade de Letras. 2008 — Dissertação de Mestrado.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo: Forense, 1970.

ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

ELIA, S. *Orientações da Linguística Moderna*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

ÉVORA, F. R. R. *Século XIX: o nascimento da ciência contemporânea*. Co-autoria de Fátima Regina Rodrigues Évora. Campinas, SP: Unicamp/CLE, 1992.

- FARACO, C. A. Estudos Pré-Saussurianos. In: BENTES, A. C., MUSSALIM. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 27-52.
- FERREIRA NETO, W. *Introdução à fonologia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.
- FRAWLEY, W. J. *International Encyclopedia of Linguistics*. 2nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2003. v. 3-4.
- GOETHE, J. W. G. von. *Fausto*. Trad. e pref. de Sílvia Meira. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995
- HALL, A. R. *La Revolución Científica 1500-1750*. Barcelona: Crítica, 1985.
- HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-89.
- HYMES, D. H. *Studies in the history of linguistics: traditions and paradigms*. Bloomington: Indiana Univ. Press, 1974.
- HISTEDBR. [*Igrejas positivistas no Brasil*]. Disponível em: <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/>>. Acesso em: 10 janeiro 2015.
- IGESPAR. [*Igreja Nossa Senhora dos Anjos*]. Disponível em: <<http://www.igespar.pt/>>. Acesso em: 15 maio 2013.
- ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- INSTITUTO CAMÕES. *A Pronúncia do Português Europeu: Fonética e Fonologia: Que diferença?* Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo3_1.html>. Acesso em: 27 jun. 2013a.
- INSTITUTO CAMÕES. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt>>. Acesso em: 27 jun. 2013b.
- KAMEN, H. *The Spanish Inquisition: a Historical Revision*. London and New Haven: Yale University Press, 1998.
- KEMMLER, R. *Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911*. *Lusorama*, Frankfurt, n.47-48, p.128-319, outubro, 2001.
- KUHN, T. S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LADEFOGED, P. *A Course in Phonetics*. New York: Harcourt, Brace and Jovanovich, 1975.

LANGLOIS, C-V; SEIGNOBOS, C. *Introduction aux etudes historiques* (1898). Disponível em <http://classiques.uqac.ca/classiques/langlois_charles_victor/intro_etudes_historiques/seignobos_etudhisto.pdf> Acesso em 19 de janeiro, 2012.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

LESCUYER, G.; PRÉLOT, M. *História das ideias políticas*. Vol. II, Paris: Editorial Presença, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MASSINI-CAGLIARI, G., MURAKAWA, C. de A. A., BERLINCK, R. de A. (Org.). *Descrição do Português: linguística histórica e historiografia linguística*.

MASON, S. F. *História da Ciência: as primeiras correntes do pensamento científico*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

MATEUS, M. H. M. Sobre a Natureza Fonológica da Ortografia Portuguesa. *Estudos da Língua (gem) Questões de Fonética e Fonologia*, Vitória da Conquista, n.3, p.159-180, jul. 2006.

_____. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

_____. A investigação em fonologia do português. *DELTA*, São Paulo, v.17, special issue, p.57-79, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jan. 2013.

_____. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

MATEUS, M. H., d'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de Filologia Portuguesa*. (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das *Lições práticas de português arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes [1912-1913].

NEVES, A. *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana: Bio-bibliografia*. In: VIANA, A. R. G, *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1973, p. 39-66.

NOGUEIRA, R. S. *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1938.

- PAVEAU, M.-A.; SARFATI, G.-É. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. Tradução de Maria do Rosário Gregolin et. al. São Carlos: Claraluz, 2006.
- PEREIRA, M. H. *Política e Economia, Portugal nos séculos XIX e XX*. Lisboa: Livros Horizontes, 1979.
- PETERS, E. *Inquisition*. Berkeley: Univ. of California, 1989.
- REALE, G., ANTISERI, D. *História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias*. Vol. III, São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- RIBEIRO, L. M. *Estudo das fricativas coronais da Língua Portuguesa: da fonética à ortografia e da ortografia à fonética*. Araraquara: UNESP-FCLAr. 2011 – Dissertação de Mestrado.
- _____; ROMANATTO, C. J.; CAGLIARI, L. C. A ortografia e os sistemas de escrita. In: *Estudos Linguísticos da FCLAr: desafios na Pós-Graduação*. Araraquara: Ed. UNESP, 2011.
- ROGERS, H. *Writing Systems: A linguistic Approach*. UK: Blackwell Publishing, 2006.
- RONAN, C. A. *História Ilustrada da ciência da universidade de Cambridge: da Renascença à Revolução Científica*. Vol.III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ROSSI, P. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- SARAIVA, A. J de. *Para a história da cultura em Portugal*. Lisboa: Europa-América, 1972.
- _____. *História da cultura portuguesa*. Lisboa: Jornal do Fôro, 1962.
- SEUREN, P. A. M. *Western Linguistics: an historical introduction*. UK: Blackwell Publishing, 1998.
- SWEET, H. *A handbook of phonetics including a popular exposition of the principles of spelling reform*. College Park, Md.: MacGrath Pub. Co., 1970.
- _____. *Collected papers of Henry Sweet*. Oxford : The Clarendon Press, 1913
- UNIVERSITY OF VICTORIA. Department of Linguistics. *The International Phonetic Alphabet (revised to 2005)*. 2005. Disponível em: <<http://web.uvic.ca/ling/resources/ipa/charts.htm>>. Acesso em: 3 jan. 2013.
- VASCONCELLOS, J. L. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- _____. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2ª Ed. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.

- _____. Gonçalves Viana: apontamentos para a sua biographia. In: VIANA, A. R. G, *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1973, p. 21-37.
- _____. *Opusculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1928-1938.
- _____. *A evolução da linguagem: ensaio anthropologico*. Porto : Typ. Occidental, 1886.
- VEYNE, P. *Como se Escreve a História*. Trad. de Antônio J. da Silva Moreira. Lisboa, 1983.
- VIANA, A. R. G. *Estudos de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973.
- _____. *Vocabulário ortografico e ortoepico da lingua portuguesa: conforme a Ortografia nacional do mesmo autor / A. R. Gonçalves Viana*. Lisboa: Classica, 1909.
- _____. *Ortografia Nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904.
- _____. Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros (1892). In: VIANA, A. R. G, *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1973, p. 153-258.
- _____. Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après Le dialecte actuel de Lisbonne. In: VIANA, A. R. G, *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1973, p. 83-152.
- _____. *Vocabulário ortografico e ortoepico da lingua portuguesa: conforme a Ortografia nacional do mesmo autor / A. R. Gonçalves Viana*. Lisboa : Classica, 1909.
- _____. *Vária*. Notas addicionaes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1905.
- _____. *Ortografia Nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904.
- _____. *Estudos glottologicos: graphica e phonetica*. Porto: Imprensa Commercial, 1881.
- _____. *Palestras Filológicas*. Livraria Clássica Editora: Lisboa, 1931.

6.1 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANDERSON, S. R. *Phonology in the Twentieth Century*. Chicago: University of Chicago, 1985.
- ANDRADE, E. *Aspects de la phonologie du Portugais*. Lisbon: INIC, 1977.

ARANHA, M. L. de A., MARTINS, M. H. P. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, A. C. *A cultura das luzes em Portugal: temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

ARNAULD, A., C. LANCELOT. *A gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. Disponível em <<http://www.http://antt.dglab.gov.pt/>>. Acesso em 10 maio 2013.

AUROUX, S. *Filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Histoire des idées linguistiques*. V. 2. Liège: Mardage, 1992.

_____. *Histoire des idées linguistiques*. V. 1. Liège: Mardage, 1989.

BARBOSA, J. M. Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos (1988). In *Biblos*, Coimbra. Vol. LXIV, p. 329-382.

BASTOS, T. *Progressos do Espírito Humano*. Lisboa: Tipografia Luso-Espanhola, 1879.

_____. *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Campinas: Editora RG, 2008.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1989.

BERMAN, H. *The Interaction of Law and Religion*. Nashville, Term: Abringdem Press, 1974.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt>>. Acesso em 10 fevereiro de 2013.

BOLÉO, M. P. *Unidade e variedade da língua portuguesa*. In *Revista de Filologia XX*. Lisboa, 1954.

BONI, L. A. *Filosofia medieval*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.

BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Nacional, 1984.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Gramáticos Portugueses do século XVI*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1978.

CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. *An experimental study of nasality with particular reference to brazilian Portuguese*. Escócia: University of Edinburgh. 1977 — Tese.

_____. *A palatalização em português: uma investigação palatográfica*. Campinas: Universidade de Campinas – UNICAMP. 1974 — Dissertação de Mestrado.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CASTRO, I. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri, 2006.

_____. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991

CASTRO, I.; DUARTE, I.; LEIRIA, I. *A demanda da ortografia portuguesa: comentário do acordo ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da questão que lhe seguiu*. Lisboa: João de Sá Costa, 1987.

CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. London: Oxford University Press, 1965.

_____. *A practical introduction to phonetics*. Oxford: Calendon Press, 1988.

_____. *Fundamental Problems in Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1977.

_____. *The Articulatory Possibilities of Man*. Manual of Phonetics, ed. by Bertil Malmberg. Amsterdam: North-Holland Publishing 1968.

CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. Lisboa: Boletim de Filologia, 1973.

CHAMBERS, J. K., P. Trudgill. *Dialectology*. London: Cambridge University Press, 1980.

CHESTERTON, G. K. *Hereges*. São Paulo: Ecclesiae, 2012.

_____. *Ortodoxia*, São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007.

CHOMSKY, N. *Lingüística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Trad. de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Estruturas sintáticas*. Trad. Madalena Cruz Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

COSERIU, E. *La geografia lingüística*. Montevideo: Universidad de la República, 1956.

COUTINHO, I de L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística: fonologia e sintaxe*. Campinas, 1981.

DIACRONIA. Disponível em: <<http://www.diacronia.de/>>. Acesso em 10 maio 2013.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. Disponível em: <<http://www.lettras.ulisboa.pt/pt/>>. Acesso em 15 maio 2013.

FALCON, F. J. C. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1991.

FELIPE AQUINO. Disponível em: <<http://www.blog.cancaonova.com/felipeaquino/>>. Acesso em 20 maio 2013.

FERREIRA NETO, W. *Introdução à fonologia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

GARCIA DA SILVA, D. E. *Percursos Filológicos: nas trilhas das línguas românicas*. Goiânia: Cânone Editorial, 2008.

GONÇALVES, A. V., GÓIS, M. L. de S. *Ciências de Linguagem: o fazer científico?*. V.1. Campinas SP: Mercado de Letras, 2012.

GONÇALVES, M. F. Notas sobre o positivismo linguístico em Portugal no século XIX: *Sobre a Língua Portuguesa* (1871), de F. Adolfo Coelho. *Diacrítica*, Braga, v. 1, n. 18, p. 29-56, 2004. Disponível em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_18-1.pdf>. Acesso em: jul. 2015.

_____. *As idéias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

_____. Notas sobre as relações entre a história e a Historiografia da Língua Portuguesa: problemas e métodos (com base em exemplos oitocentistas). In: MASSINI-CAGLIARI, G., MURAKAWA, C. de A. A., BERLINCK, R. de A., GUEDES, M. *Descrição do Português: linguística histórica e historiografia linguística*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002, p. 11 – 24.

GRÈGOIRE, R.; MOULIN, L.; OURSE, R. *The Monastic Realm*. NY: Rizzoli, 1985.

HACKEROTT, M. M. S., COELHO, O. F. Historiografia Linguística. In: GONÇALVES, A. V., GÓIS, M. L. de S. *Ciências de Linguagem: o fazer científico?* V.1. Campinas SP: Mercado de Letras, 2012, p. 381 - 407.

HACKEROTT, M. M. S. Divergências entre os dicionários portugueses do século XVI ao início do século XIX. *Historiografia da Linguística Brasileira - BOLETIM VII*, São Paulo, v. 7, p. 147-163, 2004.

HEILBRON, J. L. *The Sun in the Church: Cathedrals as Solar Observatories*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

HALLE, M. Conceitos básicos de fonologia. *Novas perspectivas Linguísticas*. LEMLE e LEITE. Pretrópolis: Vozes, 1970.

HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOCKETT, C. F. *A Course in Modern Linguistics*. USA: The Macmillan Company, 1970.

HOUAISS, A. (1915-1999); Villar, M. de S. (1939-). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUGO SCHUCHARDT ARCHIV. Disponível em: <<http://www.http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/>>. Acesso em 15 abril 2013.

HUISMAN, D. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

INSTITUTO CAMÕES. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/>>. Acesso em: 20 dezembro 2012.

JAPIASSÚ, H., MARCONDES, D. *Dicionário básico de Filosofia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

JANEIRA, A. L. *Sistemas Epistémicos e Ciências: do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

JESUS, Luis Miguel Teixeira de. *Acoustic Phonetics of European Portuguese Fricative Consonants*, tese defendida em 2001.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Petrópolis, RJ: Ed. da Universidade de São Francisco: Vozes, 2012.

_____. *Filosofía de la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

KOERNER, E. F. K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Braga, Portugal: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014.

_____. *Essays in the history of linguistics*. Amsterdam; Philadelphia, PA: John Benjamins, 2004.

_____. Questões que persistem em historiografia linguística. Trad. de Cristina Altman. *Revista da Anpoll*, n.2, p. 45-70, 1996

_____. *Professing linguistic historiography*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

KOHLER, K. Three Trends in Phonetics: the Development of the Discipline in Germany since the Nineteenth Century. *Towards a history of phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, p.161-178, 1981.

LADEFOGED, P.; MADDIESON A.I. *The Sounds of the World's Languages*. Blackwell: Cambridge, Massachusetts, 1996.

LAVER, J. D. M. H. *The Phonetic Description of Voice Quality*. Cambridge University Press, Cambridge, 1980.

LEITE, M. Q. *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*. São Paulo: Paulistana, 2007.

LEPSIUS, R. *Standard alphabet for reducing unwritten languages and foreign graphic systems to a uniform orthography in European letters*. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1981. General Editor: E. F. Konrad Koerner.

LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1980.

LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MALMBERG, B. *Histoire de la linguistique*. Puf, 1992.

MARTINS, O. *O helenismo e a civilização cristã*. Lisboa: Parc. António Maria Oliveira, 1928.

MARTINS, M. R. D. *Ouvir Falar: Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992. 2ª Ed.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. Fonética ou ortográfica? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n.2, p.159-178. maio 1998.

MATEUS, M. H. M., BRITO, A., DUARTE, I., FARIA, I. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MELO, G. C. *Iniciação à filologia e à linguística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1981.

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENTE, M. G. *Obras completas I (1906-1936)*. Vol. 2. Barcelona: Anthropos; Madrid: Fundación Caja de Madrid, 1996.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre, Sulina, 2011.

NAVES, L. F. V. *Raízes históricas e filosóficas do ateísmo contemporâneo*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.

NARO, A. J. (org.). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Trad. Maria Candida D. Bordenave e Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. *Estudos Diacrônicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

NASCENTES, A. *Elementos de filologia românica*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

NATÁRIO, C. A situação de Portugal na Europa no final do século XIX e início do século XX: a Geração de 70. *Revista Estudos Filosóficos*, São João Del-Rei MG, n. 1, p. 100-109, 2008.

NEVES, M. H. M. *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PADRE PAULO RICARDO. Disponível em: <<http://www.padrepauloricardo.org>>. Acesso em 10 maio 2013.

PALMA, D. V., HACKEROTT, M. M. S., BASTOS, N. B. (et.alii.). *Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008 (Lucerna).

ROBINS, H. R. *Brève histoire de la linguistique*. Paris: Seuil, 1976.

ROCCA, I.; JOHNSON, W. *A Course in Phonology*. UK: Blackwell Publishing, 1999.

RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

RODRIGUES, C. C. Estudos da tradução. In: GONÇALVES, A. V., GÓIS, M. L de S. *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Vol. 1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 349-380.

ROPS, H-D. *A Igreja da Renascença e da Reforma*. São Paulo: Quadrante, vol.IV e V, 1996.

_____. *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*. São Paulo: Quadrante, vol. III, 1993.

_____. *A Igreja dos Tempos Bárbaros*. São Paulo: Quadrante, vol.II, 1991.

_____. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, vol. I, 1988.

ROSSI, P. *O nascimento da ciência moderna da Europa*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995, 18ª ed.

- SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. Belem: Falangola, 1957.
- _____. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- _____. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- SOUZA, C. P. *Schuchardt contra os neogramáticos*. Campinas, Editora RG, 2010.
- SWIGGERS, P. *Histoire de la pensée linguistique: analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale de l'Antiquité au XIXe siècle*. Paris: Universitaires de France, 1997.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- TELO, A. J. *Economia e Império no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Cosmos, 1994, p.56.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Lisboa: Livraria Sá de Costa Editora, 1982. (Coleção Nova Universidade, Linguística, 5).
- TRUBETZKOY, N. *Principles of phonology*. Berkeley: University of California Press, 1969.
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Disponível em: <<http://www.alpha.sib.uc.pt>>. Acesso em 10 maio 2013.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VIDOS, B. E. *Manual de Linguística românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO COMUM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://voc.iilp.cplp.org/>>. Acesso em: 20 maio 2013.
- WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: INL: MEC, 1973.
- WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- WOODS, T. E. Jr. *The Church and the Market: A Catholic Defense of the Free Economy*. Lanham, Md: Lexington, 2005.
- ZUGMAN, F. *O mito da criatividade: desconstruindo verdades e mitos*. Rio de Janeiro, 2008.